



* Isto a processo f. tem por fim romper a cohe-
são atômica ou molecular sem alterar a inter-
na estrutura do corpo, de maneira a que a afi-
nição ~~seja a mesma entre as moléculas ou~~
~~atomo medicamentoso~~ o átomo ou molécula
medicamentosa pronta a unir ou em liberdade
exercer a sua especificidade ou força selectiva
sua com os átomos ou moléculas d'outros sub-
stancias que com ella entram na constituição ou na
maior do corpo ou do corpos em que elle se en-
contra, ou para com os outros átomos ou mo-
léculas existentes a uma combinação, ~~formando~~
de ~~substancias~~ ou ~~atenuação~~ das substancias medica-
mentosa prontas, não tem outro fim senão
facilitar, provocar, pelo transporemto da cohe-
são as combinações apropriadas, a naturalização
da lei f. de ~~propriedades~~ ~~medicamentosa~~ do
átomo ou molécula medica-
mentosa no organismo, a execução da afinidade
pelos elementos nelle existentes e para com os
ou átomos medicamentosa ~~tem~~ ~~afinidade~~
de deparar e ~~uma~~ ~~formação~~ de novos corpos,
nem os phenomenos physicos ou quimicos q.
a combinação ~~essa~~ ~~combinação~~ ou ~~reacção~~ e
q. não ~~produz~~ ~~afinidade~~ ~~ignominia~~, não nos
importa saber o p. o f. nos importa
saber e verificar e se realmente ~~produz~~ ~~se~~
de ~~atenuação~~ com ~~fin~~ ~~medicamentosa~~ e
phosphorica, as ~~atenuação~~ ~~pronta~~ ~~em~~ ~~indif.~~
sua natureza ~~pronta~~? Pense q. não ~~grando~~ ~~ao~~
f. ~~de~~ ~~reacção~~ a ~~uma~~ ~~reacção~~ ~~medicamentosa~~ ~~ou~~ ~~pronta~~
e a ~~pronta~~ ~~reacção~~ ~~química~~ ~~em~~ ~~pronta~~ ~~em~~ ~~f.~~
o ~~átomo~~ ~~medicamentosa~~ ~~pronta~~ ~~a~~ ~~uma~~ ~~pronta~~ ~~a~~
~~do~~ ~~química~~, ~~reacção~~ ~~a~~ ~~reacção~~ ~~de~~ ~~reacção~~

Objectos encontrados na egreja:

Varios Terços do Rosario,

„ Livros de oração,

Um leque de seda preta

Um guarda de seda verde

		3		4		5											
2	Fumicrona	Nervoganglione	Psychica	Samiteca	Soma samiteca	Soma psychica	acti-										
							Psychica	Psychica	Psychica	nici							
		Nervocerebral	Psychica	Samiteca	Soma samiteca	Soma psychica	Psychica	Temple									
								Psychica	Psychica	Psychica	Compexa						
Organica	Nervoganglione	Psychica	Samiteca	Soma samiteca	Soma psychica	Psychica	acti-										
							Nervocerebral	Psychica	Samiteca	Soma samiteca	Soma psychica	Psychica					
													Psychica	Samiteca	Soma samiteca	Soma psychica	Psychica

3) *Plantas orgánicas* *herzogianae* - *herzogianae* ou *herzogianae* *herzogianae*
 4) *Plantas orgánicas* *herzogianae* - *herzogianae* ou *herzogianae* *herzogianae*

Visto: 2 projectos de os inferiores actua sobre a intelligencia e este sobre a vontade
e suas manifestações, pelo sentido e pela a imaginação. Assim e' q' de um as ma-
nifesta-se a concepção funcionando a intelligencia a não funcionando. Com
isto e' o que se quer.

LM-0043

Se remontarmos de idade em idade, até chegarmos a origem do genero humano, encontraremos a crueza da existencia de um Deus e a de se uma vida futura entre todos os povos. E' sobre esta crueza, unica sancção dos deveres, unica garantia da ordem e das leis, que repousa a sociedade, a qual impetuosamente demolonará, sempre que contr' ella se ousar tentar, pois, mais cedo ou mais tarde, vivá um dia em que o luxo corromperá a moral e a philosophia da raça. E esse dia tiveram os Gregos nos tempos de Pericles, e os Romanos um pouco depois do seculo de Augusto. Uma alluvião se viu apparecer, então, de sophismas, tendentes a escurar a sabedoria pelas paixões, no intuito de substituir afrontosamente as tradições primordias, pelas innovações dos espiritos desgarraes. A força de subtilidades e fúteis raciocínios, conseguiram embalsamar as ideias, obscurecer as noções e envolver todas as crenças. Já o mundo sob o peso ingente clamava, quando de repente, a antiga

Se reaparecem e desenvolvem-se a voz de
Deus, entre as nações, maxime entre aquellas
incorregidas da conservação da fé, como asombrado de todos os povos do
todo o universo mund. Denovo os dogmas
são proclamados, e estes dogmas que emanavam
dos primitivos, pertenciam, ao mundo primitivo
certamente, a fé primitiva. Profundamente
se reflectiam, e estes mysterios, annun-
ciados ao primeiro homem, mais claramente
revelados aos seus descendentes, foram a vir-
e aceites por todos os homens. O Christianismo
não nasce, cresce. Agora tudo ^{em} se
reunio a sua concatenação tanto na histó-
ria como nos dogmas de Religião. As mais
sem seu principio e o seu fim, elles possuem
com seus costumes, suas leis, suas opiniões,
suas sciencias; uma só doutrina permanece
sempre firme, sempre professada, não obstante
o interesse que ostentam as privações de as não pro-
fessar; sempre immutavel, no vario tempo co-
pito e perpetuo movimento, sempre attaca-
da e sempre justificada, sempre livre dos
mudanças que importam os seculos e institui-
ções as mais solidamente cimentadas, as

2
systemas apregoados; sempre mais estopidamente
e admirado, e mais que mais attentamente
se a examina. Elle constitue a consolação
dos pobres, a mais doce esperança dos abjectos,
a egize dos povos e a gloria dos potentados; a
regra do poder, que ella modera, e da obedien-
cia, que ella santifica, a grande guarida
da humanidade, onde a justiça eterna
não permittiria que nem o mesmo cri-
me permanessem sem esperança de pro-
secução, estipula a misericordia em fa-
vor dos arrependidos. Doutrina ^{que} hu-
milde quam profunda; tão singella
quam sublime e cheia de magnificencia;
doutrina que subjuza o genio mais
passante pela sua sublimidade e suas
relações, e pela clareza que offerece as
intelligencias as mais acanhadas; Doutri-
na, finalmente, indistinctiva a tudo,
trumphe de tudo, de violencia como de
surpresa; As sophismas como os
e forte pela sua antiquidade, pelas provas
victoriosas e seus beneficios, parece regnar
sobre o espirito humano, pela divina re-
nascimento, se conquista a se amor.

É esta a Religião, que certa classe de homens
recolheu por objecto de sua severa indiferença.
Esta Religião (qual Bossuet, Pascal, Fénelon,
Descartes, Newton, Leibnitz, Euler, acreditaram,
depois de um exame acuradissimo, ella
constituiu o constante objecto de suas profun-
das meditações; e todavia julga-se que
ella não é digna de occupar por um
só instante o nosso pensamento.
Disputando-se o Christianismo ou se o
conhecer, supponhamos que poderão eli-
var-se acima do que apparecem sobre
a terra de mais grandezas pela genio
e a virtude, por espaço de sessenta
seculos, e ridiculamente infundidos
de um inconsciente chadim pela ver-
dade, sem que possamos saber porq., se
orgulhamos em ~~minha~~ observando
a neutralidade de ~~as~~ ignorancia entre a
doutrina que produziu um Vicente de
Paulo e a que vomitou um Marek.

Se Deus existe ou não, se si esta curba
vida necessaria um' outra duravel, prominentemente,
se o unico viver é ou não o de obedecer as
proprias paixões, ou se as devemos regular

3
por uma lei eteal e divina, são questões estas,
que apesar de quermos saber tudo, as despre-
zamos. Há homens que de tudo se preoccupam,
sabem a respeito de que hão respeito a sua
sorte eterna. Não tempo tempo, reputam por
se occupar-nos de semelhantes attumpas:
porém, tem muito tempo, sempre que
se tocha de satisfazer as mais ridiculas
phantasias. Tem tempo para os negocios,
tempo para os prazeres; porém, não tem
para examinar se existe ou não um
deus ou um inferno. Tem tempo para
se instruir nas mais futilidades do
mundo, em cujos estudos serão capazes de
empregar dias inteiros, mas no entanto
para certificar-se se existe um outro
mundo, onde elles se verão ser felizes ou
infelizes eternamente, não tem tempo.
Tem tempo para observar um corpo que
se decompõe, e não o tem para se infor-
mar se existe ou não n'esse corpo uma
alma immortal. Tem tempo para fazer
grandes viagens no intuito de se constatar
a existencia de um animal raro, ou de uma
planta curiosa; e não tem tempo para se con-

venerem a própria razão e a existência de
Deus. Inconcebível seguiria! E quem é que
encarando-a não prorompria com Boudier:
« Como! por ventura, o charme, o sentimento, é tão
pessante, que não possamos viver nado? »
Na verdade essa falta absoluta de providência,
essa seguridade estúpida, com a qual o homem
se precipita em um futuro desconhecido
e sem limites, não, não, por ventura,
um indício evidente de um espírito
alienado? O gênero humano attesta a existência
de uma lei que não se poderá violar impun-
mente, e, sem crer-se na sua testemunha, na
sua summa, com um fatal talvez, accita-se
todas as consequências ou correlações de formel-
mente oppostas a esta lei, e erigiu-se de per-
si, por apathia, a dupla fatalidade de crime
e de desgraça.

Turn-se visto os condemnados a morte, rirem e
e pensar sobre o patíbulo, por um a morte
que elles ostentavam desjar ardentemente
era inevitável, nado o patíbulo de corações.
Na impossibilidade de viver, elles se voltam
e contra os sentimentos naturaes de propria
conservação, e por isso mesmo encontram

4
vão algum lenitivo, forouchi para espantar
os chares de povo com a alegria upitaula
may amulada de que as angustias do temor
e as agonias do desamparo.

« A questão da immortalidade da alma é effectivamente um assumpto, que nos importa tão importantemente, e que nos toca tão profundamente, que seria preciso ser perdoado todos os sentimentos para mostrar em differença relativamente a esta magna questão. Todavia, as nossas accções e todos os nossos pensamentos dizem.

Minim é que o nosso supremo interesse e sempre é de esclarecimento nos relativamente a este assumpto, do qual depende a nossa conduta (modo de agir). É por isso que entre aquelles que não estão perdoados,

estabeleço uma differença extrema, ^{entre as q.} e as que se esforçam para instruir-se e as que seguem de um modo diametralmente opposto. Não posso nutrir senão sentimentos de compaixão para com aquelles que gemem sinceramente nesta situação, que sentem a como a derradeira desgraça, e não ^{proprio n'esta} a insuppor para libertar-se, suas paixões e suas mais serias preoccupações tendem constantemente a este fim. Porém, tenho outros sentimentos relativamente a estes indivíduos, que passam a vida completamente despreocupados do seu ultimo fim de sua vida, allegam, ~~o~~ ^o ~~seu~~ ^o procederem, porq. não encontram em si mesmos, luzes q. o possam persuadir, negligenciando procurar as aillures, e examinar a fundo se estes princípios e daquelles de numero daquelles, que os prax recebem em força de uma simple credulidade, ou se pertence ao bonismo d'estas verdades, que começando obscure, em si mesmo, tem fortiora seu fundamento assy solido. Esta negligencia em um assumpto que lhe é tão intimo, qual é o da sua eternidade e de todo o seu ser, me irrita muito mais do q. na

E me confunde, me enche de admiração
e de espanto; esse interior é para mim
um monstro. É tudo por certo que se
aspira falto não é certamente impellido
pelo muito mais de uma devoção espiri-
tual; pois é o amor de nos mesmos, o
interesse humano, e o mais simples
clareamento ou luz do razão, quan-
to sugere tais sentimentos. Não carece
para comprehender tais interioridades
mais luz do que a que tem as pessoas
menos esclarecidas.

Não é necessário possuir um espirito assa-
lado para comprehender que neste mundo
não existe felicidade verdadeira e sólida, que
todas as nossas profecias não são senão vai-
dade, que nossos males são infinitos, e que,
finalmente, a morte, que a cada instante
nos ameaça, collocar-nos-á dentro de
poucos annos, e talvez dentro poucos dias,
em um estado eterno de felicidade ou de
infelicidade ou de angustia.

Entre nós e o Céu, o inferno, ou o nada, não
existe portanto, senão a vida, que é a coisa
mais frágil q. existir possa no mundo;
e o Céu não ^{possa} certamente, para os que

duvidar se sua alma é ou não immortal,
não tem que esperar senão o inferno ou
o nada. 6

Não ha nada mais real do que isto, nem mais
terrivel. ^(O que é mais f. e) ~~Facemat~~ quanto quizermos para
nos estarmos em privacidade qual será o
que terá a mais bella vista do mundo.

Em vão removem seu pensamento desta
eternidade que os espreita, como se attin-
do pudessem angustiar, não cogitarem.
Elle subiste malgrado mim, elle, e avança
e a morte que abria a eternidade, o hade
~~por~~ ^{logo} infallivelmente, em breve, na tua
terrivel necessidade de ser eternamente
angustiado ou desventurado.

hi ha uma subvida de consequências uma
terrivel consequencia, e já isto é segun-
ramente um grande mal assaz grande
e viveu numa incerteza e seguramente já
um mal assaz grande, e um larve anticipa-
do científico, mas não relativamente ao
q. pode haver ali de certo ou incerto, de feliz
ou desdichado. Assim é que quem duvida e
não procura libertar-se dessa duvida é ao
mesmo tempo assaz injusto e desgracado,
e se não obstante isto permanece como quasi

e satisfeitas, faginas profissões, e ~~estranhas~~ faginas
prompça de vaidade, ^{convertem-se} faginas d'esse ^{modo} estado em
objeto de alegria e de vaidade, não tenho
"n'este caso" termino para qualificar uma
creaturas tão extravagantes.

D'onde, portanto, poderão haurir estes con-
tinentes? Que objeto de alegria poderão
achar, não poderão reparar senão miserias
sua resurrece? Como poderão n'essa ^{apathia} apathia,
encontrar um objeto n'essa obscuridade
impenebravel, um objeto de vaidade?
Qual consolação poderão reparar n'essa
desesperança de ^{consolação} consolação?

O seu repouso n'esta ignorancia é appor-
monstruoso, cuja extravagancia e
estupidez é necessario fazer tocar a
sua ^{razão} razão q. passar a propria vida,
representando-lhes o que se passa den-
tro d'elles mesmos, no infinito de o con-
fundi mediante a visão de muy deu-
curos. Eis como raciocinam os que
optam por viver n'esta ignorancia nun-
pre que nulla se acham constituidos,
se não obstante isto procurarem
clarear-se.

"Ignoro quem me collocou no mundo, como
outrosim e que é este mundo nem mesmo
o que eu sou," na ordem de cousas? Vivo
em uma terrivel ignorancia relativa mente
a' Fort. Não sei a que seja este o meu corpo,
os meus sentidos, a minha alma, e até esta
pequena porção de meu ser que pensa e f.
eu digo, e que faz reflexões sobre tudo e
sobre ella mesma, não tem mais conheci-
mento de que o resto do meu ser. Eu
veja um admiravel espaço de universo,
que me encerra, e encontro-me atrecho
a um canto d'esta vasta extensão, um
salvo porq. eu estou collocado de prefe-
rencia n'este lugar e não naquella
tro, nem porq. esse breve espaço de
tempo, que m'è dado para viver, está
prefixo a' este ponto e não aquella outro,
antes de ~~esta~~ existência, todo todo
a eternidade que me precede e se todo
aquella que me seguirá. Eu não vejo
um infinito de todas as partes, que
me abarrem como um átomo e como
uma sombra que não dura senão um
instante sem voltar. Fort o que eu sei,
é f. bem presto devo morrer; porém, o

que eu mais ignoro é essa mesma morte
q. não posso evitar.
Assim como ignoro de donde eu vim, assim tam-
bém ignoro para onde irei, e sei somente
que eu existirei d'este mundo, eu irei existir
para sempre, ou no nobre ou nas mãos de um
Deus irritado, sem que eu saiba qual d'estes dois
sortes eternamente me tocará.

Eu sei que é o meu estado cheio de misérias, de
freguezas e de obscuridades. E de tudo isto eu
concluo que terei por consequente de pos-
sar todos os dias de minha vida, sem interrup-
ção, me de que me ha de succeder, e q.
não tenho a fazer outra conta senão re-
quer as minhas inclinações, sem reflexão
e sem inquietude, fazer tudo o que poder
for preciso para evitar na desgraça eterna;
a providencia é isto o que se
me diz, relativamente a outra vida.

Talvez talvez encontrar alguns esalazimamente
para as minhas dúvidas; mas não quero
de-me o trabalho nem de me ao passo
neste mundo, e portanto com surpresa
eu q. se apaziguar com tais curiosidades, quero
caminhar sem providencia e sem temor, e
suar-me um grande acançamento.

8
e deixar-me suavemente conduzir-me
à morte, n'essa incerteza da minha
eternidade de minha "condição futura".
A verdade é gloriosa para a Religião
e por inimigos haviam de semelhante
tempera" tão desrazoada e irracional; e a
oposição que elle lhe faz em se tão
perigosa, que surge, pelo contrario,
para o estabelecimento das principaes
verdades, que ella nos ensina. Tal-
vez se Christo não tem que estabelecer senão
sua causa: a corrupção da natureza e
a Redempção de Jesus Christo. Ora, se "o modo
de pensar d'estes homens" não se presta
para provar a verdade da Redempção,
pela natureza dos seus costumes, surge,
talvez, pela natureza, para mostrar
admiravelmente a corrupção da na-
tureza por sentimentos tão desnaturados.

Não é de menor importância para o hom-
em o seu estado; não lhe é mais redutível
q. a eternidade. E por ventura, ha homem
q. se mostra indifferente relativamente
a seu proprio ser, pinto de um abysmo
eterno de misérias, e este um facto natural
não natural. Elle não completamente outro

relativam ente a todos as outras causas, e lly tem
de os mais frequentes acitantes, lly vem com antec.
paciência e os sentem; e é esse mesmo homem
q. passa os dias e as noites, na razão e no des.
ferr pela pressa de um cargo, ou por qualquer
offensa imaginaria a sua dignidade, e
é elle mesmo que tem pleno consci.
mento que tudo pertua com a morte,
e q. permanece, não obstante isto, sen
negociar-se, sem se turbar nem em
cionar-se. Esta extranha insensibilidade
para as cousas as mais terríveis, em um
coração tão sincero para com as con
das as mais baixas, e um facto monstruoso,
é um enchantement incomprehensivel,
e um torpor sobrenatural ingulificavel
sobrenatural.

Um homem

não tem mais uma hora para
intervallo de tempo em, sufficiente, e lly
saber que lhe foi concedido, para o fazer re
vagar, seria um agir contra a natureza
e em vez de empregar essa hora para o fin
q. lhe foi ddo, porem - a a fazer e viver.
É este o estado em que se acham semelhantes hom.

com esta differença q. os males que lly comu
são muito mais benignos que o de pres.
de propria vida, ou um supplicio psto
que que este prisioneiro supportará. Não
obstante isto lly correm segm lousamente
ao principio, depois de terem um psto
algum obstaculo ante os olhos que lhes em
peço de ver, e oim se d. que os olhos
tem.

Não é que o zelo d. que procura a Religião
de Deus, prova a Religião a verdade da Religião,
mas também, os lente, a sequencia d. que
a não procura e vivem n'esta horrivel
negligencia. É necessario que tenha se oposto
uma extranha inversão da natureza lly
homem, para que volte para n'este estado
e o que ^é mais importante, e fazer prompta
toda a situação. Pelo que, quando tiverem
conseguido convencer que não tem a
futura depois da morte, a não ser o casti
no n.º, não será um objecto mais de
desesperação d. que de vaidade? Não é por
tanto isto uma loucura incomprehensivel,
não tem appueado. e, l'esta verdade, glo
rificar-se por que permanecem na
loucura? Por que mais desculpado se mostra o homem

são verdadeiramente capazes; que são ao menos
homens honestos, e que não podem ver
também Christos; e que reconhecem, enfim,
que não há f. sua mas duas sortes de pe-
ccados, algumas poderemos chamar racionais:
e que servem a Deus de todo o coração ou
por f. elles e conhecem, ou aquelles que pro-
curam de todo o coração, por f. ainda
nada conhecem. (Juramento de Pascal)
A maior parte de indifferentes permanecem
seus, por f. elles suppram o sentimento com isto
superioridade de razão, ou indifferencia a apper-
gloriosa, representando o sentimento tal
e inconscientemente. Se envergarem
de nivelarem - se com as creanças de povo,
e de nutrir até uma mesma esperança;
e eis aqui o que elles impede de exami-
nar os fundamentos de f. Mas para
appio "proceder" é preciso que elles tenham
uma noção de apper miserável, como é
aquele a com que se nutre a ignorância.
Os inimigos e os defensores de Religião
estão de accordo relativamente a sua
importancia. E é tão evidente este
ponto, q. não há nem um incubulo
dubitativo e o contraste. Ora, em que

será superior ao Christão o que não tem
para todos as sciencias univo um es-
pírito que me importa? ao Christão
cuja creença, determinando por proce-
positivas, repousa em um conjunto
de factos e de contradicções, que para
que possamos ver soisies, seria
preciso, ao menos a applicação
do espirito e o labor de reflexão.
Como quer que seja, o indifferente, inca-
paz igualmente de negar e de affirmar,
e de não affirmar, se abisma entre
estas duas dúvidas: é possível que a Reli-
gião seja verdadeira, é possível também
que ella seja falsa. Depois de ter preferido
estas duas proposições contrarias, em vez
de deduzir as consequências, sua mente
intelligencia paira e repousa na doce
contemplação de sua grandezza e de sua
força.

Toda, também notu. se antes de tudo, que
ainda mesmo antes de qualquer licen-
estas duas proposições q. não offerecem
a muitos quasi que o mesmo grão de
de verossimilidade. Não há quem
não possa se parecer q. a Religião Christã

seja falsa, sua existência prolongada
durante 19 seculos; as victorias que tem
obtido contra as opiniões, os costumes, as
leis, as paixões, os hábitos de tantos povos
diversos e rivaes (rivales), o imperio que
ella exerce incessantemente sobre todos
os espiritos, os mais penetrantes, e as cabeças
as mais penetrantes, seria o phenomeno
moral o mais extraordinario, o mais
inexplicavel, do qual nunca se ouvia
falar. Erro com effeito, maravilhoso,
que não tem menos de sedução para
a intelligencia fria e severa, como
para as almas sensitivas e as imagi-
nações ardentes, que se apodera do
homem e de todos os homens, comba-
tendo sem cessar as suas paixões.
erro que favorece e hãte o pro-
prietario da verdade em todos os ramos
dos conhecimentos humanos; erro
o qual produz a virtude sem numero,
ali' então desconfiança; erro, enfim,
que succede a especulação tão
secundaria, e todavia tão estéril, a
philosophia antiga, e que se propaga

12
surthumante por todo o universo contra,
eith, no seculo o mais esclarecido,
rectifica todos os ritos recebidos, apre-
na todos os principios, aperfeiçoa os
metodos do raciocinio, cria, não
se enaggar, cria as sciencias intellectuales,
physicas, abole todos os prejuizos im-
migos dos homens, sanctifica os costu-
mes e attenta as leis, une os povos,
pelo vinculo sagrado, põe o amor
lá onde não existia senão o odio,
protege a fé igualmente o poderio
e franco, affirmat a obediencia, e
produz, pelo seu effeito proprio e
necessario, a purificação do orden so-
cial.

Talavia consente que sem se como coisa
igualmente vergonhosa tanto a falsidade da
Religião como a sua veracidade. É a mostra
com evidencia a leucure dos indifferentes,
basta-me lançar mão de suas proprias
maximas, envolvendo esta proposição
por elles admittida: É possível que a
Religião seja verdadeira, ~~pois~~ pois pois
esta proposição incorra em si esty entos
supponentes, viz: que

É possível que exista um Deus remunerador e
vingador.

É possível que minha alma seja imortal.

É possível que o Ser supremo haja reve-
lado aos homens virtuosos que elles, por suas
próprias forças, não poderiam aqui con-
prehender profetamente, e que elles
tenham impellido deveres que elles não poderiam
claramente perceberem com a simples
razão.

É possível que ^{deveramente} seja obrigatório a crer estas
verdades e praticar estes deveres.

É possível que, se eu creio e pratico,
que eu tenha depois a gozar de uma
felicidade infinita, eterna, como premio
da minha obediência.

É possível finalmente, se eu recuso
praticar e crer, que eu seja eterna-
mente punido com esportos e sup-
plices.

Não tenho nenhuma dificuldade de affi-
mar, que quem voluntariamente per-
manece n'esta situação terrível, compro-
vando-se de desprezar a esperança de uma
felicidade infinita, e de votar-se a alguns
deveres, se a religião é verdadeira,

13
como elle supponha pela sua, de tudo isto,
reputa-se desprezo, pelos sermões, cujas sim-
plices ideias congelam de horror a imagina-
ção, é um delírio inexplicavel, uma
vencencia, um furor que não tem nome.

Porque supponho mesmo que nestas inde-
cisões presentes, oppositas aos do futuro, em
sua configuração de sacrificar estes ou
aquelles, assim devemos hesitar
prudentemente na escolha.

E ainda que esta vida fugitiva não fosse para
o homem religioso, senão um continuo
penar, e para o indifferente sem gozar
um mistura "de desprezo", "Ardores" esse
soffrimento passageiro, esse gozo que foge,
não poderiam um só instante, ao olhar de
repente a presente consideração da eternidade.
Nem que seja que para fruir um
gozo ephemero, se expõe, mais antes, a
para sempre infeliz; mercede de o ser, e
não tem nenhum direito a não ser o
desprezo que inspira a todos os prazeres
e brutes.

Quantos se consideram de uma certa altura os obje-
ctos sobre os quays exercemos a ^{nosra} acti-
vidade o espirito humano, se permanece
attonito ante a pequenezas do circulo em
q' se encerrão voluntariamente, "considerando"
que tão poucas causas são sufficientes para
arrebatar a sua curiosidade, e do change
no desejo infinito de conhecer que os levam.
Não se pode haver cousa alguma que mais
claramente accentue a miseria do ho-
mem, do que esta facilidade surpreendente
em contentar-se de algumas extracções finas,
não obstante possuir uma capacidade
immensa para a verdade. O homem "ama"
a "falta de verdade"; por sua natureza, um
instincto invencivel o impelle a pro-
cural-a incessantemente; ella conti-
nua o seu fim, o seu repouso, a sua
felicidade, e não ha nada que possa
supplir-lhe em seu lugar. Eu não me
refiro nem ao pobre abstrahido em seus
trabalhos corporaes, nem aos abastados q'
se agitam na vida praputaria, mas sim
aquelles que recebem do seu conjunctamento
com os sentimentos elevados, uma con-
sciencia independente. Suppondo talvez

14
que elles habitualmente usem exornar a sua
intelligencia? O Ser Eterno, os leis immutaveis
por elle estabelecidas, serão por ventura o objecto
de suas continuas especulações? Ah! in-
felizmente assim não succede?! Passarão
a vida a combinar palavras, a estudar
a analogia dos nomes, as propriiedades da
matéria; elles não trabalharão quanto se deve
trabalhar para satisfazer as suas passadas
intelligencias. Como poderão fallar a
estes homens de Deus, a estes sabios, do sumo
de cujos nomes esta repleto o mundo!
Como poderão dizer que elle vos presta
attenção? E não vedes que neste
momento seu espirito está todo occupa-
do na decomposição de um sal até
então rebelde a decomp. analy. etc.? Espe-
rai que elle faça conhecer ao universo
um novo acido, então talvez vos será
permittido traçar discurso sobre o
Ser infinito, que criou, como se julga,
o universo com tudo o que elle con-
tem. Este outro compõe uma historia
um poema, uma obra para o theatro,
um romance, do qual supponho separar

Ora, o que quer dizer tudo isto, senão que
elles têm obio a verdade, e por consequente
obio de Deus e da verdade suprema? É por
ventura ~~de~~ para admirar-se que elles
~~disputam~~, rejeitam aquillo que elles debiam;
e que da outra parte procuram expiar
seus infelizes?

E a causa de semelhante desprazer ^{tem} desprazer
são freg. a encontramos no orgulho
e na corrupção de coração. O homem
abhorre a gêne, e a Religião gêne todos
as suas paixões. Traçura-se quebra o
seu juizo aucto o seu (natural) o por
terra e desfaça o delle. Circumsta-se de
distração, não se aos paratempas e aos to-
phismas, para abafarem com menores
remorsos a importância da verdade, como
um assassino, ainda novico, in embriaga
antes de commetter o crime. Sua indiffe-
rença para com os dignos, nasce de
aversão para com os deuses, se não temem
a pratica dos deuses, elles facilmente admitti-
vão os dignos, porém, como sabem
perfeitamente que não se pode separar
a guerra da fé de os (deuses) da moral, procuram

16
a independência de accões na independência
dos pensamentos. Quer suavisar, e suavisar,
quer a fôrça fôrça braver, e conseguir
com effeito, e sua razão trabalha
sem se achar para angustiar-se a si
mesma; verdadeiro suicidio moral,
muito criminoso mil vezes do que o fi-
zimento o corpo.

Que o irracional, privado de reflexão,
viva e morra sem se inquietar do
futuro, este dizer é inherente
a sua condição e necessario, mas
quando o homem obtém de facultades
incomparavelmente mais nobres, capaz
de se elevar até a altura de Deus, e de
abracar o infinito pelo seu pen-
samento, seus desejos, suas expirações,
vontade precipitam-se para a altura
até a exultante condição do irracional,
como elles não se preoccupam com
os prazeres e os necessarios "jorramen-
tos", e desgozados pelo seu estran-
ho e Criador lhe destinou, lhes envie
até o nada, "ah!" isto confunde, espanta,
e não encontramos palavras para expri-
mir o horror q. inspira uma tão pre-

função degradada.

A indifference ^{importante}, seja, um contradição,
o estado o mais aviltante que uma creatura
racional possa estar. O unico caso em que
o sabio pode permanecer indifferente so-
bre a Religião, seria aquelle no qual consti-
tuir o homem, não fosse absolutamente
agitado pelo interesse de saber se a Religião
é verdadeira ou falsa, ou não tivesse
nenhum meio para isto certificar-se.
Em outros termos, é preciso, como nota
Mr. de Bonald, que as indifferentes sup-
portão: & que não existe na Religião,
considerada em geral e em todos os seus
differenças, nem verdade nem falsidade,
ou que exista falsidade e verdade
na Religião, como em todos os outros ca-
sos; o homem não tendo nenhum meio
para distingui-las; ou que enfim,
a Religião verdadeira ou falsa, seja equi-
vamente indifferente ao homem.

A suposição, prosegue o mesmo escriptor,
que todos os Religioes são indifferentes,
não pode sustentar-se em boa philoso-
phia. Não ha philosophia que
não tenha um primeiro principio,

17
causa de todos os effectos moraes e physicos, que
~~nenhuma~~ ^{nenhuma} Arithmetica tem umidade primeira,
mas de todos os numeros, nem Geographia
sem um primeiro ponto gerador de todas
linhas, de superficies e de solidos. E como
podemos suppor que não ha nem falsi-
dade nem verdade na Religião, ~~oppondo~~
então elles, se por consequente por toda
parte existisse relação verdadeira ou falsa
de Deus para com o homem e do homem
para com o seu semelhante, a razão
de poder, a regra do dever, a sanção da
lei, a base da sociedade; sempre que
ha verdade e falsidade em toda a parte
onde os homens vivem a sua razão ou
as suas paixões; verdade e falsidade em
tudo; e até na Opéra, nos objectos
os mais insignificantes de necessidades,
ei-moitas e de nossos prazeres? Mas se
ha verdade e falsidade, ordem e desor-
dem nas diversas Religioes, contradicções
em geral, prova-se admittir-se em
boa philosophia que o Ser, que é
a intelligencia e a verdade suprema,
tanta recusando aos homens, seres equi-
vamente intelligentes, capazes de conhecer

recolher; Se amar ou odiar, sobre os meios para
reconhecerem o verdadeiro e o falso na rela-
ção que os homens têm para com elle?
E para que fim? Não - o certo arde homem
não se contenta, e permittir-lhe des-
brar estas relações que elle tem para com
as cousas insensíveis? E se o homem não
distinguir o bem e o mal nas diversas
ações, como poderá suppor que
elle poderá permanecer indifferente re-
lativamente á verdade e ao erro; elle,
que por sua natureza, não deve permanecer
indifferente sobre cousa alguma, e na-
quella em que a indifferença é na verdade
de o caracter o mais accentuado da virtu-
posição? » (Sur la tolérance des opinions, par
M. de Bonald, Spectateur français au X^{VI}
siècle, tom. IV. pag. 42.).

E para que ficar stton - o forte arto homem
 não se contueva, e permittia. Chy dizeo
 brã estas relacões que elle tem para com
 as cousas insensíveis? E se o homem pode
 distinguir o bem e o mal nas diversas Re-
 ligiões, como poder-se-ia suppor que
 elle poderá permanecer indifferente re-
 lativamente á verdade e ao erro; elle,
 que por sua natureza, não deve permanecer
 indifferente sobre conta alguma, e na
 quelle em que a indifferença e na verdade
 de o caracter o mais accentuado de virtu-
 posez? » (Sur la tolérance des opinions, par
 M. de Bonald, Spectateur français au X^{ve}.
 siècle, tom. IV. pag. 72.).

boir estas delicias que elles têm para com
as cousas insensíveis? E se o homem pode
distinguir o bem e o mal nas diversas Re-
ligiões, como poderá se ter supposto que
elle poderá permanecer indifferente re-
lativamente á verdade e ao erro; elle,
que, por sua natureza, não deve permanecer
indifferente sobre coisa alguma, e na
qually em que a indifferença é na verdade
de o caracter o mais accentuado de virtu-
pidez? » (Sur la tolérance des opinions, par
M. de Bonald, Spectateur français au XVI.
siècle, tom. IV. pag. 42.).

rigidas, como poder-se-ia suppor que
 elle podria permanecer indifferente re-
 lativamente á verdade e ao erro; elle,
 que, por sua natureza, não deve permanecer
 indifferente sobre coisa alguma, e na
 quelle em que a indifferença e a verda-
 de o caracter o mais accentuado da virtu-
 dosidade? » (Sur la tolérance des opinions, par
 M. de Bonald, Spectateur français au XIX.
 siècle, tom. IV. pag. 42.).

que por sua natureza, não deve permanecer
indifferente sobre coisa alguma, e na
quelle em que a indifferença é na verdade.
De o caracter o mais accentuado da virtu-
piedade? » (Sur la tolérance des opinions, par
M. de Bonald, Spectateur français au XIX.
siècle, tom. II. pag. 42.).

de caractère et mais accentuait la vertu
privée? » (Sur la tolérance des opinions, par
M. de Bonald, Spectateur français au XVI.
siècle, tom. IV. pag. 42.).

Estas breves observações do mais profundo philoso-
pho, que appareceu na Europa, depois
de Malebranche, mostram appoz claramente
a absurdidade d'estes principios sobre os quaes
podemos fundar a differença das Re-
ligioes. E submettendo novamente estes
principios a um exame rigoroso e critico
exacto, esperamos deshellar todos os seus defeitos

a absurd & false principle, & of your
proposals furnish a indifference & Pre-
cisions. I submit to you now a more
principles and a more rigorous & ab-
stract, as you will see by the following

principio e (seme riguroso e ter-
mo, e sem de Scheller to, e de Scheller

tanto a creculidade que os adapta como a
ma feiçõs que deint de os adaptar. E mto
para ~~estes~~ ^{isto} ~~ultimos~~ não precisamos de
~~talento~~ grande talento; a arte at vezes
é necessaria para reverter o erro das
apparencias da verdade, mas queris dar
a elles o seu esplendor;?... É sufficiente
(fabricar) ~~na~~ correr o rio com qual
se procura encobri-lo.

talento grande talento; a arte at vezes
é necessaria para revesti-lo e erro das
apropriações da verdade; mas queris dar
a esta o seu esplendor,?... É sufficiente
fabricar) ~~no~~ correr o rio com qual
se procura encobri-lo.

É estar o seu esplendor,?... É suficiente
(fabricar) ~~no~~ correr o rio com qual
se procura incobrir.

Refin de J. o Centor passa vantagiosamente
mente seguir a discussão, convém que
possa antes de tudo ter uma ideia clara, que
cabeça ^{o esboço de tudo} ~~o esboço de tudo~~ que marcha, e progre-
ssos, deve chegar. Eis aqui em poucas pala-
vras o q. nos propomos estabelecer, e qual
a ordem q. ora quer nos estabelecermos.

canções ~~afins~~ ^{afins} com que marchas, e progre-
ssos deve chegar. Eis aqui em poucas pala-
vras o q. nos propomos estabelecer, e qual
a ordem q. ora q. nos estabelecermos.

Instantaneamente que a Religião, verdadeira ou falsa, é indifferente ao homem; e nos provaremos que supposta a existencia de uma Religião verdadeira, essa Religião é para o homem de magna importância, seja que o consideremos individualmente, seja unido a sociedade, seja finalmente com relação a Deus.

se uma Religião verdadeira, essa Religião
é para o homem de magna importância,
seja que o considere como individual,
mente, seja unido a sociedade, seja
finalmente com relação a Deus.

Fonte segue-se que há um grande in-
teresse em assegurar-se de existir com

com effeito uma Religião verdadeira, e que é,
por consequente, uma buona infinita
permanecer, l'espero d'este appeto, na
indifferença. Para elucidar n'ossos
principios, applicando-os a uma Re-
ligião conhecida, formo a hypothese,
que aliás fôrta, que o Christianismo,
é essa Religião verdadeira, cuja im-
portancia tracta-se de se mostrar.
Sustento - se que todos as Religiões são
em se mesma, ~~boa~~ indifferentes;
e provaremos que não ha Religião
que em si mesma seja indiffe-
rente; ou, que em todas as Religiões
ha bem e mal; verdade e erro; que
existe uma verdadeira Religião me-
ritamente, e digo, uma Religião de
uma verdade e de uma bondade ab-
soluta, e que não existe senão uma
só, d'onde se derivará a obriga-
ção de a abraçar, e de fôrta se con-
ceder.

Sustento - se que existe uma verdadeira
Religião, que o homem não tem
modo algum para discernir a da

19
falsas Religiões; e nos provaremos, que
em todos os tempos os homens tiveram
sempre uma maneira fácil e seguro para
reconhecer a verdadeira Religião; donde
resultará que a indifferença é não tan-
tamente um estado digno de ser, mas
também um crime.

Costuma-se muito constituir-se
na fôrça por si mesmo de fôrça de
provas que vamos expor. Não contesta-
remos a ninguém este direito natu-
ral: Porém, quem quer que seja, que
se recusa a examinar os fundamentos
da indifferença, não poderá ser enu-
mado entre os indifferentes dogmaticos.
Elle n'este caso lá se accommo-^{de}drá sobre
as indifferências no numero d'esses insen-
satos, que se espancam para confundir
os erros da consciência com as re-
pugnancias da razão, temendo olhar
de cara a cara a verdade, e formando
contra ella (verdade) um triste repertorio
de fôrças, fragil defeso contra os remorsos

Importancia da Religião relativamente ao homem.

A felicidade é o fim natural do homem; elle, diz-se inevitavelmente ser feliz, porém, muitas vezes a razão incerta e as paixões o egão, fazendo-o divagar longe do termo, ao qual elle aspira com tão vivo ardor. Submisso á luz invariável, o bruto caminha com segurança para seu destino. Nenhum erro, nenhuma afflicção desordenada n'ello remove o despo que a natureza lhe assigna, e a morte, da qual elle tem nem a prevenção nem o terror, "que só a nós incute" chegando, justamente no tempo em que a decadência dos órgãos, não lhe permitiria esperar mentar mais sensações dolorosas, e até para elle um benefício.

Não acontece assim com o homem; intelligente e livre, para fruir da felicidade, é preciso que elle a procure, que se esforce para a discernir daquillo que não é senão uma apparente imagem da felicidade, que sua vontade escolhe livremente; e jamais d'ella tanto se affasta, como quando, a guisa dos irracionaes, não obedece senão ás suas paixões. As nobres faculdades que elle degraça, vingando os seus direitos ultragados, lhe fogem, humilhadas, experimentando, pela amargura que ellas saem do amarel sobre seus prazeres,

A felicidade dos seres vivos nas suas perfeições, e por isso "quanto mais elle se approximar da perfeição, tanto mais" "também" approximar-se ha da felicidade. E até que elleahi não chegar, se veremos, sempre "agitado", sempre inquieto, porque todo o ser que não conseguiu a perfeição que lhe é propria, ou que não é tudo aquillo que elle pode e deve ser, está em um estado de peregrinação e procura o lugar de seu repouso, como o viajante, perlo de um registo extranho, procura com ansiedade a sua patria. É notavel que todos os homens, domesticos, possuem sentimento d'essa verdade, jantando constantemente, a idea da felicidade, e do repouso, que não é senão esta paz, profunda e inalteravel, a qual gaza necessariamente, o ser que conseguiu a sua perfeição, e que S. Augustinho chama "com tanta propriedade de termos" a tranquillidade da ordem; e quando a Scriptura quer descrever o jornada afanoso, do supremo mal, nos falla de uma região de desolação, de uma terra de trevas e de morte, onde toda a ordem não ha ordem, e onde mor habita um sempre eterno horror. (Job. x 22).

A perfeição dos seres sendo relativa á sua natureza, segue-se que nenhum ser, e particularmente o homem, não poderá ser feliz, senão conformando-se perfeitamente ás luzes que resultam da sua natureza. Em uma palavra, não ha felicidade (para o homem) senão no meio da ordem, e a ordem é a fonte de bem, assim como a desordem é a do mal; tanto na moral como na physica.

tanto para os povos como para os indivíduos; e, quando elles se
conhecem esta verdade eterna, o castigo não se faz esperar, e castigo
sempre proporcional á gravidade do delicto. É u a desordem a
extrema, se um individuo ou um povo, foge-se, renege,
um crime capital, violando as leis fundamentais inherentes
na proprio ser, a natureza inexoravelmente o punirá se
morte. — Mas, para os povos conformar com
leis de ordem é preciso que as conheçam. De donde se
segue-se que não poderá haver felicidade para o
homem, a não ser que elle se entregue a si proprio,
e os seus aq. quays elle está necessariamente ligado
por relações, ataq. internas, e dize-se os seus aq.
Thanky a elle; porque não existe relações necessa-
rias ou de sociabilidade, senão entre os seus que
a elle se applicam. O homem pode com effec-
to conhecer a Deus e conhecer-se tambem a si
mesmo, e por consequente, tambem todos os re-
lações necessarias pelas quays elle está unido a Deus
e aos outros homens, e que se derivam da natureza
de homem e da natureza de Deus. De contrario o
homem corre um ser contradictorio, poisq. tendo um
fim, que é a perfeição ou a felicidade, não teria meio
algum para attingir-l-a. — É daqui apparece o ab-
surdo de despotismo e fatalismo; pois se as relações
maney fossem necessarias, elles tenderiam necessari-
mente a perfeição do homem, e elle seria sempre

21
ser feliz quanto elle é propriel sel-o. Não ha senão
um só ser livre que possa agir contra as leis da
propria natureza, e as infelicidades, como as desordens,
não se explicão senão pela liberdade (effeitos).
A natureza, que é immutavel, pois elle não é senão a
ordem immutavelmente se querida por Deus, impõe
ão homem leis immutaveis como ella, e é, leis
necessarias, poisq. elles são a expressão das relações
necessarias; leis, fora das quays, não encontramos
nem paz, nem felicidade, poisq. fora dellas não ha
senão desordem. Ninguem poderá assignalar a sua origem,
nem indigitar o seu inventor. Facilmente se conhecem
pela sua antiguidade, pela sua universalidade, por um
não se que de simplicidade, de grandeza, e as conservam
indestructiveis, no meio das revoluções, costumes e opiniões.
tudo das opiniões. — Entretanto o homem, seduzido por
uma falsa sciencia, ou transportado pelas paixões, se expõem
muitas vezes no intuito de substituir, a esta legislação na-
tural, uma legislação ficticia, o que seria o mesmo que que-
ratar com a sua natureza e a dos seus semelhantes a
elle. Tambem combinam formas de governo e inventam constitui-
ções, q. se trata de estabelecer o estabelecimento
arbitrario ^{mente} ou ^{ou} meior com Deus, combinam dogmas e
inventam religiões; ^{ou} q. se querem estabelecer se
arbitrariamente em sociedade com os outros homens,
combinam de (+), mas vã subordina não intenta outra coisa
senão ~~para~~ ^{para} opprimir, no lugar substituir as opiniões pela

as creanças, as prixeiões aos deuses, e no Estado como
na família e nos indivíduos, a agitação da desordem
e a febre da licença a tranquillidade da ordem,
e podemos affirmar que os maiores calamidades, que têm
affligido o genero humano, em todos os tempos, têm na-
scido das constituições arbitrarías e das Religiões egual-
mente arbitrarías. — A Religião, a moral, a sociedade,
são factos que, como o é o centro de gravidade, são
universaes e independentes das nossas idéas, como
o são as leis do equilibrio. É de se que as considera-
mos quasi puras abstracções, está tudo perdido. É
então que uma philosophia delirante pretende ob-
servar tudo, em politica, em moral, em Reli-
gião, e mais ou menos como os physiologistas, que
não veem na vida e nos seus phenomenos senão
um systema arbitrário, pretendem estabelecer
um novo modo de existencia, e os estoicos ab-
gurão a toa a meta d'este excessivo de loucura,
quant a impotencia de se libertarem das
penas da alma e dos soffrimentos do corpo, paga-
rão a sua felicidade na insensibilidade nas
dores physicas e moraes, insensibilidade in-
compativel com o modo de existencia essencial
do homem. — As outras theorias do bem re-
premo, imaginadas em tão grande numero,
pelos sabios da antiguidade, repousam em bases

22
não menos fríeis; varias de esperanças, elles
não encarnam o homem senão no estado presente,
sem se importarem com seus destinos futuros.
Triste e vã philosophia que veio espreitar
se contra as escolhas da morte. — Conhecer,
amar e agir, eis ahí todo o homem. Da harmo-
nia dessas faculdades e do seu perfeito desenvolvimento, resulta a
felicidade do individuo, porque elle se mostra completamente de accordo
com a ordem, ou com a natureza dos seres, e suas faculdades
se desenvolvem; por e que todo o ser privado de uma das suas
faculdades naturais, já porq. esta faculdade permanece inacti-
va, já porq. lhe falta o objecto correspondente ao qual ella
pode applicar-se, já n'este estado está contra a natureza, e por
consequente em um estado de soffrimento. — Objecto
proprio da intelligencia, ou da faculdade de conhecer, é
a verdade, e a ignorancia, estado de imperfeição, e
o erro, estado de desordem, são contrarios á natureza
do ser intelligente e incompativeis com a felicidade.
E assim como o verdadeiro é o objecto da intelligencia, o bom
é o objecto do amor, e o amor se deriva da intelligencia,
porque é preciso conhecer o bom, antes de se amar, pois
o amor não é senão o gesto intimo da verdade conhecida.
A intelligencia é, portanto, o principio do amor, e o a-
mor, é o principio das nossas accões, donde a realisa-
ção relativamente ao seu objecto, isto é, o bom ou a verdade
e se diga da verdade suprema, revestida de nossa natureza,
por um effeito do amor infinito que — elle procura fegmente bem, por
transmittir beneficencia (Act. X. 38).

Porum o hominem actum fides sua virtutes, e pot illis inclinabit ad objectos ma-
litas, quod est per se de duas animas e virtutibus inter duas affectus e
inter duas virtutes, que ad alteram eam violentia em virtutem con-
trarias, non poterit gressu de frag, sem que tenet estabeleci o ordem
entre as suas facultades, suplantando virtutibus a de de intelligencia, e a
verdade, que em suas relações com as ações de sua livres, não é entre
causa e não a justiça immutável, portanto, é impossível a felici-
dade sem a virtude, e é também impossível a virtude sem o amor
que predomina de suas intellectus, ou ^{positiva} ~~positiva~~ ^{virtutis} ~~virtutis~~.

Porai uti accedit e esta desigualdade entre nossas facultades, e de des-
ordem manifestar-se ha o soffrimento, que só poderá termi-
nar com o cessar de disordem. O hominem no estado de ignorância
vive e age ao acaso; elle não sabe nem o que ha de amar,
nem o que pode permittir-se, nem o que a ordem lhe prohibe,
e se a ignorancia é completa, como succede no idiotismo abso-
luto, até o affecto amiguitar-se, até as ações se distinguem,
e o individuo morre, a não ser f. uma intelligencia entre
ha e concorre. Perro corrompe o amor, desagrada as ações,
e ~~coloca~~ o hominem em falsas relações, por consequente em rela-
ções dolorosas com os seres semelhantes a elle. E se o amor se reger,
na, a verdade permanece na intelligencia, estabelece-se entre
a razão e a paixão, uma guerra terrível, que subvertendo e
devasta a alma; é o amorso com todos os seus horrores, suas angus-
tias intoleráveis. A virtude ou a razão, destinada a sobreviver,
se apodera de poder, e desordem trova então a meta, e tudo neste
caso está perdido; a intelligencia, o amor e até mesmo o corpo.

23
Dive as diversas facultades do hominem são convenientemente ordenadas en-
tre si, e que cada uma age de um proprio objecto, tal é, por conse-
quente, a primária e única de felicidade. A segunda é que cada fa-
cultade atingir possa o seu completo desenvolvimento, ou
possa fruir de objecto que lhe corresponde, segundo toda a eten-
são da sua capacidade. Ora, os desejos são um indicio certo
desta capacidade; e de facto, o hominem que experimenta
em si um desejo infinito de conhecer e amar, porque elle
pode e deve conhecer a verdade infinita e amar o bem
infinito, não é tormentado por um desejo infinito de
agir, porq. sua acção, como ser physico, é natural-
mente e necessariamente limitada. O sabio que aspira
conhecer as leis dos movimentos celestiaes, e trabalha e luta
para as descobrir, não procura submettelas a sua son-
tade; e a razão é porq. sua potencia de acção é limitada
e sua intelligencia é sem limite. — Partes estis prin-
cipis, consideremos a philosophia e a Religião em
suas relações para com a felicidade; e para com o
carro pela philosophia, perguntando, quays são as ver-
dades que ella nos revela? quays os bens que ella nos
offerece e os males que nos prescreve? O que nos
ensina ella relativamente ao lugar que occupamos
na hierarchia dos seres, que nos ensina relativamente
a nossa origem, a nossa natureza, a nosso fim? Ma-
is! mais impotente ainda de f. presumpta, ella engan-
a e desgracia todos as facultades. Nosso espirito lhe pede

a verdade infacta, a unica proporcionada aos seus sen-
 tidos, e elle não lhe apresenta senão duvidas, vãos confusões,
 e palpaveis absurdos. Todos os cunctos fogem diante delle,
 e pressant como uma tromba, "impetuosa" perante
 o espirito humano, arroja para terra todos os princi-
 pios, extirpa todas as raizes, pisa todos os espe-
 ranças. Tais philosophias, tais systemas tão vagos,
 são e fugitivos como os ventos. Supponhamos
 um homem, a quem o desejo da verdade, natu-
 ral a todos os seres intelligentes, excita a preen-
 chel-a, e que auxiliado por um razão direita,
 mette em execução o seu designo, determi-
 ne-se a examinar os systemas philosophicos.
 Quanta obscuridade! quanta incerteza! quantas
 contradições! que mar immenso cujas praias
 ou confins ainda ninguém ponde determinar!
 O homem não foi collocado sobre a terra para hesi-
 tar um to instante, mas sim para conhecer
 a verdade, e por conseguinte, para crer, e infelizes da
 quelle agrem a duvida abre a porta da sepultura.
 Eu oppino, diz Rousseau, que a insufficiencia do espiri-
 to humano é a causa primaria desta prodigiosa si-
 tuacao de sentimentos, e que o orgulho é a segunda causa.
 não temos a medida d'esta immensa machina;
 não podemos calcular as relações, não conhecemos
 nem a origem, nem a causa final;

nos ignoramos a nos mesmos, não conhecemos a nossa
 natureza, nem o nosso principio activo, apenas
 sabemos se o homem é ou não um ser simples ou
 composto; mysterio impunctuado nos circundão
 por todos os lados, as quaes estão acima das regras
 humanas, para as pueras, supponho ter intelligencia,
 e não temos senão imaginação. Cada um abraça
 d'este mundo imaginario, crealha uma via
 que supponha ser a verdadeira; mas quem pode saber se
 a verdade nos conduz ao objecto (Emile. Tom. III. pp. 28)
 Todo o conhecimento é do homem que não obtinhe a
 priar com arbitrio intelligivel o gosto da verdade, tolhe-
 ra nunca poderá certificar-se se abraça ou
 não a verdade! He aqui, attingir a certeza, a
 duvida é para elle um supplicio. E no entretanto
 nota Pascal que é preciso que cada um tome
 o seu partido, e se abilita necessariamente entre
 o numero dos que preferem o dogma do ateismo ou
 o pyrrhonismo; por se pensar permanecer
 neutro, será por esse mesmo facto pyrrho-
 nico por excellencia; pois, esta neutralidade
 é a essencia do pyrrhonismo; quem não
 está contra elle, é por excellencia a favor d'elle.
 O que será pois o homem n'este estado? Duvi-
 daria elle da verdade? Duvidaria se elle está acerto,
 se o queamos? se o queimamos? Duvidaria se

se divide? Diverge a verdade? E tanto por certo que
 nunca existiu pyrothionio algum effectivo e
 perfeito, a natureza sustenta ~~a a razão~~ a razão
 impotente e a simples de esparregar até ao pro-
 pto. Como, nos diz a que parece com certeza a verdade, elle que
 não pode apresentar nenhum titulo e é forçada a lachar por se?
 „Quem poderá desembaraçar este embolho? A natureza
 confunde os pyrothionios, e a razão confunde os logy-
 thicos. E que será de ti pois, o homem, que procura a
 sua verdadeira condição pela sua razão natural? Não
 poderá escapar de uma destas redes, nem perma-
 necerá em nenhuma d'ellas. (Renée de Pascal. ch. XI
 lib. I. de l'arj. in. 12). — Faze por obedecer á tua ordem,
 por viver em sociedade com Deus, autor e lei
 de todos os seres, por possuir a verdade infinita
 pela intelligencia, e por cegar pela paixão amor,
 o homem que não a possui, e que não se entor-
 nado de mais importante e perfeito que elle mesmo,
 morre-se a se amar sem regra, no que elle
 possui de mais intimo e de mais vivo, seu
 pensamento e seus sentimentos: e consequentemente
 na desordem, depois de se ter esaltado para objecto
 de um amor infinito, e constitue-se o centro de
 todas as causas, — foge-se a Deus, e a philosophia não
 é senão a idolatria do homem, idolatria a mais
 funesta, porq. esaltando a egocismo até o infinito,

rompe todos os vinculos sociais. — E ha um especta-
 culo digno de compaixão, isto é o homem dividido al-
 guma o q. apresenta uma creatura fraca, igno-
 rante, calamitosa, que temo perder de vista a sua
 verdadeira fin. abala, com um opressante arbor, esse
 funt immenso de miseria, como o fto de abri poder
 encontrar o seu bem e o seu repouso. Vive-se em con-
 tinuas creatura percorrendo o arido deserto da vida, to-
 tivir de alegria para encontrar-se sem os mais vix pro-
 gressos, como os homens no ultimo degrau do estado de
 selvagem, procurando os ois de alegria, quando errantes
 gemidos no meio das florestas, descobrem algum fructo
 apris, ou as raras delicias de uma prole abundante.
 Todas theorias philosophicas da felicidade se reduzem aos
 systemas de Epicuro e de Senon, diversamente com-
 binados e modificados, e nas acaas e nos desejos
 primum separados de Deus, tudo em ultima analy-
 se se reduz ao orgulho ou a se volupia, pelas regos
 nem um momento. Amão-se com um amor infini-
 to, no que elle possuam de mais intimo e de mais importante,
 — seu pensamento e sua intelligencia. Porém este amor
 longe de os tornar felizes, os tormenta, porq. evidentemente
 desproporcionado ao seu objecto, e peline a cada instante um
 novo alimento, que raras vezes obtim, e que jamais os sa-
 ará, impelli ao homem a prolar a avaliar a sua profun-
 da indigencia, e o abtem en dignit dos mais repugnantes
 em o sentimento penoso de sua imperfeição. O desejo

glória, os cargos, os honrarias, a apozia pelas estudos, o amor
pelas riquezas, quantos não tiver mais gozos físicos, como
batulho, os transportes e as delicadezas embagunçadas
sensibilidade, as musas virtudes, puramente moraes, não
são, e me é do mesmo fallar, senão tentativas de orgu-
lho para apugnatar esses sentimentos elevados. E esfor-
ça-se para supprir as perfeições absolutas por uma su-
perioridade relativa. Abusa pela sua vã esperança de
o homem trabalhar para elle, e assim se supprime.
Mantes, em poder, em nome, em sciencia, em riqueza,
mante de si chetif vantagem, mesmo corporal, na qual
a vaidade não fosse procurar gozos. Posto mesmo que
propussem todos estas vantagens reunidas, tudo isto
não constituiria ^{uma} ~~uma~~ e propozesse de homem im-
perfeito e miseravel e o correção não tardaria a
poder o outro, luct. Qu era hult, lixe e imperfeito
barro, quantos decon a ultima, rang. das armas
no throno de Cesar, e foz hult e comprehendi.
tudo me servio (omnia fui, et nihil exuli).
Eis atri as palavras que não finda hinda antes
de balulho e de felizes ambicões. Precorre o outro
campos de gloria, interrogai os philosophos e
os favorecidos pelas musas, suppr. de de Honero
e Plinio o antigo, até Voltaire e Diderot, não
seria por represent. de prantos amargos e gritos
plorosos. Semelhantes a esse Duet de Ligeia

aspar das gruas lyvers ronzent sobre os altars, l'ennui
ly. soucis, on desgosto, ronzent um segret espial
mas superbas is quing o vulgo inbelif enveja
e felicitade. E o mesmo diga de relativamente
as outras estats, pois o orgulho acende em todos partes.
Porro, granby, sabia, ignorantes todos se afabizam para
seu abnucado, para se ellevar em stante de opri-
mido de outros e em sua propria imaginação.
quasi todos os vãos de occupações de homens não têm
senão este intuito; e é este o fim que impo-
nha a terra e outras partes a vida estudando as
produções, que uns se deictam em seus cabiotes
de estubo para escreverem um livro e que outros
vão foz a matar (huer) a mille lieues de che-
qui por um speculo de ruban, que o exalta
na sua propria estimativa, porq. o distaice, suppr.
elle, de lembranças importuna de seu nath. e de
sua miseria. Opimamos e de nossos divertimentos
os mais insignificantes, não têm outro fim;
procuramos evidentemente um sentimento
semelhante ao da superioridade, que nos levante
aquella de nossa real imperfeição, e nosso orgu-
lho é em seu conjunto tão desordenado e inco-
gruente, que não ha nath que o possa servir
de presente; o accese de uma carta, as chances
favoraveis de uma de, e suas horríveis imaginações

a separação mesmo de Deus, e a perda de todas as esperanças.
Tigahi soube algumas parças, quando se separaram
descubrir em nos mesmos o nosso bem, nos nos
flatuam de descobrir em a triste contemplação de nos-
sa propria existência, e como tudo é excesso, mostrando
não existe uma norma ou verdade, esta
espécie de culto intelectual e de abstracção que o homem
faz a si mesmo, e conduz a um desprazo
excessivo de si mesmo. Trabalha por um labor
sem fruto, elle se rebaixa quanto mais pretende
elevantar-se. Elle desdenha a sua intelligencia e a
degrada até preferir a ella o instinto da razão.
Elle approva a si mesmo por se ter deixado em-
ganas por multas promessas, e procurar de
sornais uma bem estar independente da alma, ou
se no que elle em si mesma de mais cego, —
suas crenças, regimto as palavras de S. Paulo:
A sua intelligencia obscurece por dny
aveas, affectado de vith de Deus, pela ignorancia
que existe nelle, occasionado pela sequencia de
coração, ^{na} desprazo de abundância e impubli-
ciao e a todos os excessos immundos? Ephe. 1.6.18.
Porém a falta de proporção entre o amor a seu objecto,
entre as facultades e os seus desejos, sendo nisto causa
muita maior, o homem nunca se torna tão infe-
lize como quando se deixa arrastar pelos sentidos.

27
Tudo o seu moral pigentão com sofrimento, e a curta
ambição dos prazeres, successos, vaidades e por-
tucão e os remores, dechirant, as longas e dolorosas
angustias. — Já observei que os prazeres physicos,
já quando o homem, se procuram para elles
mismos, collocam n'isto a sua felicidade, deitão
a intelligencia, o amor e até o mesmo corpo;
porq. pedem aos orgaos uma felicidade infinita ou
uma accão infinita, o homem turba a si mesmo
dimentando de seu ser, e brinca de frêle instrumento
que lhe foi concedido para um outro fim.

Os philosophos materialistas que não considerão no
homem senão as suas sentidas, ostentão uma inte-
rasavel aversão para com a castidade, e isto é
sufficiente para provar quam punitiva não
seja a sua doutrina a falsa, ainda mesmo se
considerarmos em relação á vith presente. Digo
a castidade não só é um dever moral, senão
tambem uma lei de conservação, que a natu-
ra impõe a todo o seu vivente, e se ella contine
um dever moral para o ser moral, é porque em
parte, porque é um lei para o ser physico. Vith
aquella curta especie (momenta) deitão pela
natureza a reprodução, os brutes são castos por
instincto, sem o q. ha muito tempo se espécies
serião perecidas. Senão da união de duas ser por

o prazer, o prazer dissipado, procurado como fim, contraria
directamente a conduta de natureza n'esta uniao, e
tambem ate a affectar um seo de outro, intertornando
costumes ingenuos, atroz, conhecidos pelas antigas,
e justificados, aconselhados pelas philosophias proprias.
" O' a vis' creatura q' quatin' abjecta, diz, Montaigne) de
nao se pode sublevar por alguma causa de celestia.
Por pouco ^{quanto} que se tenha conservado a virtude e respeito
para consigo mesmo, mais produzencia e razao, e
indubitavel que costuma abusar a ponto de collocar
a felicidade em uma paixao brutal, que costu-
ma a farche nos ultimas excessos de mimico e de
arbitramento. E' de temer que a arte de viver
tambem contemplanst as terriveis consequencias
do desregramento do sentido, aprenda a
reprimir as paixoes furentes, sempre com
oportunidade amarellada por uma vontade
forte. — O primeiro effeito, o effeito inevitavel
das dedic'ões voluptuosas, e' de liar as potestades
da alma e de excluir todo e qualquer pensamento
e não ser o que dizem respeito aos vis' prazeres, os
quey ella se faz exercicio. Distorbada por desejos que
nem cessar removem, circumscribida de impuras phantasmas,
o espirito per seu vigor, e sua fecundidade, e altera
e deperde, a memoria se apaga, o caracter renova,
e coarctado se destaca. Não sabe-se mais amar nem

que se colloquem alacris de irracionaes, pois que elles
mais felizes de q' o homem, não como elle, tormentados por
invisíveis desejos, e obediencia de leis immutaveis, que os conservão
e conduzem à perfeição que Deus é próprio. O' homem, que
falla com tanto orgulho sobre a sua dignidade e a sua gra-
deza, tu desceste, portanto, do throno em que te collocou
seu pensamento, desceste (baixa), a philosophia e a or-
na; não collocar-te no numero de autômatos em
razão, mais esclarecidos e mais nobres do que tu, e
assoubris por impuros progressos, nos quaes te abastão
sem regret, seus desejos desapparecidos de Deus.

+ O Stoicismo exempto de felicidade, um fardo
no orgulho, o outro na volupia, e combinam e
se modificam ao infinito, segundo o caracter,
o cumprimento, os prejuizos e a posição de ca-
da individuo; e pode-se observar como uma
nova prova de influencia neutra de
trizes sobre as acções, que os philosophos não va-
riam ^{mas} ~~mas~~ regras de conducta, que em seus prin-
cipios especulativos, e que existe constantemente
uma relação entre estes principios e estas regras.
E como os principios os mais gerais da philosophia,
é que não existe nenhum principio perfeito e unde-
certo, ou nenhuma verdade absolutamente in-
contestavel, e uma regra de conducta a mais geral
é que não existe nenhuma regra que seja certa

mundo verdadeira e absolutamente obrigatória, de or-
 de q. permanente, tutt arbitrarío, e a mesma verda-
 de não sendo mais o objecto eternamente subsistente,
 de intelligencia, mas uma operação, uma producta
 abstracta de espirito, uma propriedade, por actin di-
 zer, individual, ascontada individualmente, formando
 lugar (conspicent) de luz immanente, e de ordem;
 e o homem, independentemente de tutt, isolado de tutt
 semelhantes, do seu auctor, rei de nat. que elle cria
 em volta de si, permanece mostre de erer, do
 amar e da agir a seu bel prazer (agré?). Mas por
 mais que elle faça, para inverter a natureza
 de causas, não encontrará a paz no seio de de-
 ordam. A única obrigação que temos, e de nos
 fazer felizes; ~~ex parte~~ ^{quodlibet} pelo contrario, a única
 felicidade consiste em apagar - e a pratica rigo-
 rosa de deveres. Assim mesmo q. se compaginato
 de alyria, que se ~~ex~~ ^{ex} ~~admirat~~ ^{admirat} ^{que}, se multiplica
 no infinito, não tot de se - na a comprehensão
 da insufferancia e o vazio que heve. "He
 o papel de saciar a fome de coraçaõ, este fructo
 de terra, selazinto ao principio, nos machuca
 de uma secret^a cruciante amargura. A pra-
 zeres e as mesmas affeições aresent, e plorosa-
 mente e bem ligrossa; e sabemos quays de
 mentavis prantos, irrachoit, ao grande Bossuet a

inconstancia de novas fugitivas amizades: que não se
com os annos e os interesses". O mesmo succede rela-
tivamente ao arbor q. temos pelas sciencias, como
entramos d'elles, sonhos, e depois illusões charmantes, como
as q'uaes nos emballam na ficção. Tudo passa,
não deixam após si, senão desgostos, angustias e
essa miseravel lúbia que constitue o fundo da vida
humana. (Barnet). É que tudo aquillo que ainda
nos não experimentamos, tudo o q. nos é desconhe-
cido, torna-se para nos quasi uma noite da infinit.
que a alma aspira avidamente, como um obje-
cto proporcionando a estenção de seus desejos.
Mas quando entramos na porte bella, bem presto
nos apercebemos do erro, quando tocamos os
limites e sentimos o nado deste objecto que
nos contristava (charnoit), então cerra-se
o encanto, e achamos em uma tristeza
profunda, repousando até a esperanca, nos
nutrimos de uma alegria morna e de ^{nostros} pro-
prias angustias, e procuramos no estupor que
acompanha a grandeza sufficientes, uma imagem
de repouso. Mas recusas, a infirmitade irá crescendo,
chegando ao seu extremo termo, ella conluzida os
infelizes q. estão desgostos, a um crime escuravel,
o unico irreversivel, pois é esse o unico crime
de qual não podemos corresponder nos. Logo da

30
fante (reliquet loir) de virtude e de amor, der-se ha
a uma vida, d'uma existencia que tornam-
se quasi intoleravel, e a alma privada de toda
na bem, experimenta o sensivel, sobre as
ruinas do corpo, como um rei deposto, tanta
o sensivel sobre as ruinas (Pétris) do seu palacio.
É preciso não esquecer não é preciso imaginar, que
gradando e misturando com arte os gozos, corrent
perpetuamente de um e de outro, a possa chegar ~~pa-~~
ver o desgosto prevenir o desgosto e satisfazer ple-
namente os desejos. Pois, além de nada existir que
possa fazer - nos evitar os males innumeraveis q.
gozam. que consigo tem a vida presente, a bon-
ez, os recumbimentos, as infirmitades do corpo, a
perda dos amigos e dos parentes, as injusticias, as in-
gratitudes, e além disto, a ^{infernidade} de confusão,
do espirito, do corpo, da fortuna, não tem certa-
mente as ~~propriedades~~ de vontade, existe entre os
bens aqui de baseos, e as necessitates da coracão,
uma disproporção que não ha meio de se
desapparecer. Mas, além disto, se estes bens fustam
tão neses quanto são vãos, não servirão as mais
proprias ^{partes} (supposto q. todos se acabam para nos com
a morte) para nos proporcionar a bemaventurança
ou os desprazeres. Mas finalmente, e por suas
próprias naturas, e especialmente limitadas, inco-

não atueat por estas enfermidades que tolhem a fecundidade in-
tellectual, segue sem conhecimento que está prestes a expirar.
a viva imagem de q. elle pensa preoccupa o seu espirito. Elle
tinha abacos, habito, elle tinha a vida ligada por mil sin-
culos de se não romper de uma vez; natureza espartosa, que
separando subtilmente a alma de tudo o q. lhe era caro,
a deixa solitaria e blanda em um vaso infinito. Este
abismo sem fim para onde elle vai baixar, esta soli-
tude morne, este silencio eterno, este sono gelado, esta
noite q. nunca deixa aurora esta privação de todos os bens, a
companha de um seio inextinguivel de bemstar. todos estes desejos
e uma multidão de outras não menos desolantes, pise sur esta
atonia miseravel, a bouleversent la vieillesse, e comeca
seu espantoso supplicio. Por um o que diremos do seu estado
por pouco q. fique alguma chispa sobre os principios
q. elle professava? Como poderá primos suas ancie dades,
desregretos semi suffocados pelo desespero, e este regar
condenast que se encontram de todos os party, que se pr pa-
rath sem consolacao e um futuro sem esperanca?
Não é entao o nada que elle rebate, elle oppella pelo contra-
rio a todos os seus doces. por um curvao ja Eternidade
somente lhe responde. Corramos a vida sobre o
nido d' esta secca espumosa e laissons ao inferno nos
segredos. no entretanto a preciosa luz a gloria da
de qua qualquer modo que se tenha vivida, quer se do
esperancas. a razão ali entao florissante, se forza ao
aproximar. se Eternidade, cuja luz formidavel fize
mundo todos os illusoes, rebolta d' aspect da verdade, que
uma longa e fumeira habito de incredulidade, chega a
um angustio sem medida, pois se entao q. se do
eu, por uma terrivel gemitos de Deus, que do inicio
da sua viridada. O sceptico Bayle elle mesmo notava:
quasi todos os q. vivem na irreligiao não fazem nem
chispa, não polind pmais chegar a certeza. Deu se
no luto da enfermidade, onde d' irreligiao de de nada lhe
serve, elle honra o partito o mais seguro, aquelle
q. promette uma felicidade eterna, no caso q. seja verdade
e q. não seja corra nenhum risco, no caso que seja
salvo. (Vid. crist. past. Bion.). A verdade entao esta a um
risco de mais alto. se elles não am, foy, lig Mon-
laigue, elles não são aff. foy, elles não lairont de gress
levantar as suas mãos ao ceu, se elle attachy um bom
golpe de espanto no peito; e quando a infernidade foy
apressando esta licenciado fervor de humor velado, elles
não lairont de revenir e de se salvar manier totalmente

Just discretamente as croneg e as publicas exemplos.
Outra causa é um dogma ridiculamente ligere, outra
causa as suas impressoes superficiaes, a que se nasce
de debaixo de um espirito semancha, não tem
rarefa e incertamente navegando na phantasia.
Hannem apy miseraveis e seus desvelados, que
trepant d'etre pères, qu'ils ne peuvent se no mte.
Neste é uma verdade, que prob. na força de perseverancia
de trabalho, conseguir comper muito a parte, para se
sonar quasi impossivel a volta a religiao no
luto do morte, y soot, si y afferment, e mas proba-
se arrancast tanto com grande esforço. E note
intao o maior de prodigios de poder de Deus de que
se convertes soubsins, foy, a preciso nota muna,
para q. se opere, se que não supprindae sa luz
da natureza moral. não erer quando se quer erer,
quando se experimenta a vantagem e a necessida,
e a punicao por não ter erist, por uma resistencia
arbitraria de vontade, quando a razão não entra no
com todo um peso para a verdade manifestada.
O indolimento por tanto se recusant a todos os convic-
so lhe fica como unica doutrina a scepticismo
absoluto. (Viva o exemplo do St. Barth, incredulo, tocando o
fim dos seus dias pigia em uma anciedade moral indiserpibile
uma pessoa asy meputa com quem elle tinha muita religiao
quy, no meio de tantos angustias aferece. Che a consolacao
religiosa; elle ouvindo se procurava diffinidao a sua per-
suação e angustias, elle se deslovent a cada instante em
de si y soffrimentos a um amigo fella. Che a religiao unica
espera de salvar a sua angustia. Por um a chispa ja ha
muito tinha tomast conta da sua alma, para que a creca
pudesse abri penetrar. Cor. sig Barth, se os soto i que erim
alguma causa - da materia, y corpos? - Eu não sei is so f. e
nem o que se quer diga com isto. - mas a consciencia
é um fructo de presigios. se me tivesse inspirado outras
um mundo ingenuidade, ella teria por bom tudo que elle
supponer ser mau. - as mathematicas não tem para os
ninhuma certeza? Não no mathematicas um segri mento
de consequencias perfectamente ligas, no foyth não se
orque elles não - Estay vs seguro de não erim Pe? - Eu não
sei de nada. Alguns dias depois Barth, não existia mais.)
Tisaki o q. pode a honra por si mesmo e pelas pro-
prias esforcas, com relacao ao veridico e au-
tem. nos temos uma ingenuidade a prover, e in-

vincível a todos os dogmatismos. Tinha uma ciência da
verdade, invencível a qualquer pyrrhonismo, lonta-
nos com a verdade e não encontrarmos um nó, se
não incerta. Procuramos a felicidade e só encontra-
mos as misérias. Nos somos capazes de nos pos-
suir a verdade e a felicidade, e somos incapazes de
verdade e de felicidade... A vontade não faz nunca
a menor démarche que em direção a este objecto.
Dito isto este é o mistério de todos os actos de todos os ho-
mens, até a aquellos que se tuent e que se pendunt.
E no entanto depois de um tão grande numero
de annos, nunca pessoa alguma, sem fe, não chegou
a extrem, para onde tudo converge continuamente.
Tudo se pleiunt, prínces, súfils, nobres, roturiers, velles
femmes, fortiers, frueurs, sálvies, ignorants, sants, enfim,
de todos os países, de todos os tempos, de todos os estados e
de todos os caracteres. — Uma experiência tão longa
tão continuada e tão uniforme, deveria produzir
nos convencer de impotencia, que temos para
chegar ao bem pelo nosso esforço. Porém a ex-
periencia de nada nos serve... — O homem não
está de seu estado natural, para elle não ha
aquele que não seja capaz de se portar. Depois que
elle se conhece o verdadeiro bem, tudo equivamente
para elle perder tal, a si a sua propria destruição,
conquanto seja isto contrario a razão e a sua na-
turalza entera... Vivivelmente desejando (regre)
elle experimenta em si o resto de um estado
infeliz, de donde elle cahiu e q. elle não pode
achar (ou encontrar). Elle o procura por todos os
partes com inquietude por um em vão, nos
trevas impensáveis. (Pensées de Pascal. sk. xxi).
É preciso portanto, que o homem procure, necess-
ariamente, a sua felicidade, e a procura em
em duas ou nelle mesmo ou nos objectos q. o cir-
cundão. Se, depois dos ensinamentos de Religião
elle voit em Deus seu verdadeiro bem, a virtude, q.
é o amor do amor do orden, ou a preferencia
a outros a si por causa de Deus, se identifica
com o amor do bem estar.
mas se elle procura em si a felicidade, obrigando a

collocada na intelligencia ou no corpo, e tornando-se
intelligentemente escravo do orgulho ou da volupia.
porq. o orgulho outra causa não é senão o veni-
timento de uma alma que se compraz em si mesma
e se ama como seu proprio fim. O mais extremo
equívoco é portanto o effecto inevitavel de todos os philo-
sophias irreligiosas; todos os philosophias, portanto irre-
ligiosas, são por sua natureza, destructores da ordem
e da virtude; e assim como todos os irreligiosos
condemna a todos os vícios, o habito do vicio condemna
irreligiosos, porq. é na natureza que se tacha de
se persuadir q. a felicidade jaz onde a procura-
mos, e quanto a desordem se apodera das affec-
ções, a vontade, ella mesma, põe a desordem nos
pensamentos, para terminar a guerra do veni-
to entre a razão e as paixões. Assim, toda aquella
que cria e deixa de criar, está a um indolente
do orgulho ou da volupia, e sobre este ponto
appella sem temer, a consciencia de todos os
indolentes. Este duplo caracter de orgulho e de vo-
lupia se estenta de uma maneira tacita, na
doctrina, nas obras, na conducta, e até no tem-
altaneio, arrogante, desitiro e desitiosamente
amaro de philosophias de todos os seculos, tão bem al-
cantados por S. Jerônimo e animados de gloria um
philosopho da de e humilde de coraço, e um philo-
sopho casto, seria se prático com effecto, o phre-
meno moral o mais inexplicavel, por um jamais
nos encontrarmos no embarço de explicá-lo, a
se começa onde acaba o orgulho. É vultu-
rosa a auctoridade de Pausanias; quanto a philoso-
phias, diz elle, fosse um estado de descobri o ve-
dade, que entre os philosophos interest a elle? Todos
sabem que os seus systemas não são mais bem
fundados de q. os outros, mas elles os sustentam porq.
fuz por elles sustentados. Não ha um a quem
q. tenha chegado a conhecer o verdadeiro ou o
falso, não prefira a mentira que elle achou a
verdade, descoberta por uma outra. Onde está a philo-
sophia que para sua gloria não seria capaz de en-
gnar o genero humano? Onde está esta philosophia
a qual no segredo do seu coraço, busca outro objecto

« não, eu o de engrandecer - se (se distinguir)? Contanto que
o deves acima do vulgo, contanto que elle effuze o ideal
dos seus concorrentes, que mais deseja elle? O essencial está
em pensar diversa mente dos outros. Entre os crentes elle
era atrevido; entre os atrevidos elle será crente. » (Emile tom III.
pag. 30).) O meu filho, exclama o autor da Emile, depois
de ter estabelecido as dignas consoladoras da existência
de Deus e de uma vida futura, passou por experimentos
em vida de q. povo de subjugação o homem, quando, depois
de ter exposto a utilidade das opiniões dos homens,
e gostado de amargura dos praxais, encontra-se em
fim, tão perto de si, a route de submissão, o preço dos
trabalhos desta vida, e a fonte da felicidade. Efectivamente
publiza a esperança. Todos os divinos da lei natural, quasi q.
expulso da mim coracão pela injusticia dos homens,
s'y retrahent ao nome da eternidade justica,
q. me os impõe a m'o que me he. Eu não sinto em
mim nada a aborrecer o instrumento da gran lei que
quero o bem, que de facto, que será o meu, pela con-
curso da minha vontade aux diennes, e pelo bom
uso da minha liberdade; em me curvo deante da
ordem que elle estabeleceu, segura que uma vida elle
me julgará e mim mesmo sobre esta ordem,
e de ahí achar a minha felicidade. Filo q. qual maior
consolacão pode haver de q. sentir-se ordenado
em um systema em que tudo é bem? Em poder
de de, na a supporto com paciencia, pensando q.
ella é passagiera, e q. processa de um corpo q. me
não pertence. Se fizesse uma boa accão sem pensar
em si que ella é vista, e em quanto merecia
muitas para outra vida sem minha conduta
on isto. Soffructo uma injusticia em si q. a mim
mesmo: o ser justo que rege tudo, subirá porfi-
tamente me de' dommager, q. necessitados da mim
corpo, q. miserias da minha vida, da minha e vida
da morte mais supportavel: não tantos viventes
de mais a sempre, de menos para sempre,
quantos for necessario de tudo me q. uitter //
Emile. tom. III. pag. 114). O que importa ao homem
é prometter os seus divinos sobre a terra, e n'isto

vidido se de proclama trabalhar, conseguindo-se a gente
de trabalhar para si. Meu filho, o interesse particu-
lar no engano. não ha mais como a esperança
do justo, q. não engana (Emile, tom. III. pag. 253).
Reino a philosophia, ella mesma, nestes momentos
de boa fé, nos advertir, q. mesmo aqui em baixo
não pode haver felicidade fora da Religião, (por)
fora della não ha certeza nem esperança.
Porém o homem supprah pelo o orgulho e tra-
estranhamente ini migo de si mesmo, q.
concede a vida como em haire a suicida.
através que de prix a sua existencia, e seria
como um triumpho poder estabelecer, sobre
apreciadas d'esta obediencia celote, erros igualmente
obscuros e desoladores, e gustaria, não sei de qual
abriga supprah a s'armar, se elle pudesse a dependa
sua razão mesmo, uma miseria sem remédio a
um fim. E cy porq. a christianismo a fallar que o
Christianismo humilha, e emagou o orgulho huma-
no para reconciliar o homem com a felicidade. //
Uma não se amolha, si q. a protola, é a trina de G. C.
eserava da orgulho, não sabe rock, etc... Ep. allegat.
cap. VI. 3.º). — Tod'as verbas, com effecto, amant' de Deus,
que a verda' infirma, e, onde Deus não existe? (Vej. Echi-
lliano, não existe nenhuma verda' e ali' d'us non est, nec
veritas ultra est. De Concurs. adv. haeretic. cap. XLIII) Deus
não existe na intelligencia de athes, e por consequente
elle reproude todos os verda's, at' q. physicas, e cabu em
um pyrrhonismo universal. Deus existe de uma maneira
quasi n'ada na intelligencia dos histas e os d'ist'as
intelleitos, não tem certeza alguma verda' q. perfectos,
obscuros, fluctuantes a merec' de opiniões, e em con-
stantemente levados pela torrente de d'ist'os. — não
intelectual, não ha felicidade, senão na posse de
verda's infinita, ou de bem infinito, q. a q. e bem
e a verda' não são amos um e a mesma causa.
pelo q. na ha felicidade senão na posse de Deus; e a verda'
intelleitua e haize em canceir-vos, si q. a Escrip'tura, os
q. só o unico e verdadeiro Deus e G. C. q. em v'os q. q. an
cap. XLVII. 3). Deus é soberano bem do homem; portanto o
athismo que apassa reputa a Deus, depren o homem de verda'
infinita e de formas verda's, não é tenaz a pri'ocação abor-
luta de todo o bem e o soberano mal. — O Deismo, q. admitt

Deus, sem o conselho, porq^{ue} regista a G. C. ou a natureza pela qual os podemos conhecer a Deus: o homem que se contenta com as relações necessárias que unem o homem a Deus e as outras homens, estabelece ou não arbitrio; o homem, que não se refere ao espírito sem probabilidade, sem certeza; o homem, por sua própria natureza, deixa o homem mestre absoluto. Os pensamentos, de seu amor, de suas ações, e independentes de todos os leis de verdade, de de justiça, estabelecem a natureza, estado de ser, de ser e o meio de expressão, de ser de de natureza, donde elle condiz. — Se porq^{ue} a felicidade, não é sem um illud, de estas coisas não são ingenuidades; si nos não recedermos, um momento facultade, sem objecto, se nesta existência tem um corpo um fim, como a de todos os seres, nos não podemos chegar a esse fim que mediante a religião, a qual somente nos resta assegurar, q^{ue} ella nos fará conhecer com certeza a nossa natureza, a nossa origem, os nossos destinos e se ella nos promette a possessão da verdade suprema e de seu supremo. E provaremos certamente uma grande alegria, apurando o q^{ue} nos ainda resta de a esperar, segun^{do} as leis anteriores e inutilmente apurisi todos os sistemas philosophicos. — Tuck na Religião é infinito, por q^{ue} nella tuck está o ser de Deus, Ha portanto entre elle e as nossas facultades uma perfeita harmonia, e eis porq^{ue} em todos os tempos, sob todos os climas, o homem naturalmente subtrahia para ella, sente a necessidade de se exercecch pelo seu bozom, consolação, vivificação pelo suas esperanças, e de se dirigir pelo suas freccas; e quanto mais a Religião é pura e santa, e por assim dizer, é mais rigorosa de verdade e de justiça, mais poder exerce sobre o homem, ou de conformidade com a sua natureza. e não devemos então procurar a causa pela qual todos os povos se mostram apassados pelo Chiquito, mesmo naq^{ue} que elle é amensável, não deixando de ser sensíveis a esta harmonia divina, como observa

Sto Aug^{to} daq^{ue} de propria^{ma} experiência. (Confess. lib. II. cap. 11. n.º 12). — O homem que foure de verdade, e que se dá gozar um mesito, ganhar, satisfazer-se de de contentar e amar. No entanto nossa espirito abandonado a si mes.

mo, a afelição, se blout, se perde em um proprio humimento. Não abarca nuck em toda sua extensão, elle não se assigna de nuck de uma modo exacto, para poder ter certeza q^{ue} a verdade não o viria prave. Quem o libertaria? Esta condição? Quem será o reponso do homem, restabelecer o equilibrio entre as duas faculades e as duas desejos? A philosophia e a teologia, prave como? ou de justia ao homem que a sua intelligencia, por abstracção tuck de pelas duas esferas, ora apresentando o q^{ue} não pode atingir a nuck, e prohibindo o uso de si, porq^{ue} velle ou em Deus ou em outro ser, q^{ue} de sua natureza, sem poder no entanto aviz, aq^{ue}lala. — Oh! não é assim q^{ue} se deve fazer aprender a Religião para resolver este grande problema. Ella começa a aborir de nuck de nos a eternidade, a qual o tempo não é senão o portico, e nos mostra os seus profundeza, como uma continuação infinita de de nuck pela qual a nossa intelligencia se eleva sem cessar, se um eitar deve se aproximar, com a auxilio de uma doutrina de nuck, a fonte ineffável da verdade eterna. (Ex. II. ad Corin. cap. III. n.º 18). E de nuck da verdade eterna ella se alla em livre de nos, no alim, a qual ella é o aliminto e a vida e que se daq^{ue} de nuck a por se indistinctamente pela fé, pelo amor ou a esperança, porq^{ue} a esperança, vivificação passagira e relativa em esta oppreção de nuck sublimento natural e indistincto, vel, outra conta não é que um amor que crette e pueche-se a razão de elegia que faz de nuck a espreção e do amor, todas virtudes e virtudes mais virtudes divinas ou infinitas. A lei de ordem da criação virtudes infinitas, unico meio de possivel aqui embriço perfectamente, de esperar e de amar o bem infinito, unico meio para gozar intiramente sobre a terra; é a lei essencial de ordem, e por consequente a lei de felicidade. Todos os outros leis divinas de Taguella, como as ações divinas de do amor, e em esta lei fundamental, os outros são nulas, chimericas, contradictorias, a moral não é senão uma palavra ou não está de nem crime nem virtude. — Mas villosa economia de Religião! Enquanta todos os phisicos, começando pela ignorancia, que que a razão humi na, incerta e limitada, batido, sem socorro, sobre este fundamento de ruina, a edificação de verdade e de felicidade.

o Christianis mo necessitas de una auctoritate divina,
e provando a ali dos meus scriptos por incontestáveis
titulos, falla aos homens com a confiança que inspira
uma certeza perfeita, e deposita em seu espirito no
primeiro instante em q' se abre, a verdade toda
indivisa, para constituir-se sua luz, seu bem, sua
regra; e, conguento nem todos, l'he correspondem
igualmente, todos a possuem igualmente e podem
igualmente amala. Spi remove todos os indifferençes
intellecuaes, tanto originarios, como provenientes
de educação, de educação ou de qualquer outra cir-
cunstancia accidental, e deixa a razão mesma
na minino, uma força infinita, q' por elle se
estabelece uma sociedade com a razão infinita
que é deus, ella o deixa irreversivelmente em
todas as grandes questões, que fazem realtar a mente
dos philosophos, e o eleva a uma altura, onde
ella discortina, na calmaria feliz de uma inces-
sante convicção, a sabedoria humana magistral
com a verdade no meio de distantes incertezas,
e de uma eterna luz. Assim é q' todos aspirando
a uma mesma felicidade, a mesma felicidade é
offereida a todos, e o que nem se se poderia bem
considerar, a felicidade, o seu ultimo fim,
é tambem o seu primeiro bem, q' porq' o amor
é o primeiro presente, e é d'elle q' todos os outros
(se desiquem) se derivam. (Math. XXII, 34-39). O
homem então não mais tem a procurar, conhece qual é
o seu lugar no orden de deus. conhece a deus, conhece
a si mesmo e encontra seu esforço na contemplação de
todas as immutáveis a p' de intelligencia e de amor.
Historias de uns poucos como os seus deities, e tranquilis-
ta quanto ao resto, não ignora nada de que elle é me-
cesario ou necessariamente uti. Obed. Obedi. Obedi. Obedi.
profundo, um bem estar inexpressavel, independentemente
de sensações, e que não poderia perturbar, q' porq' elle
tem a fonte na fonte de suas intimas de alma
abandonado sem desluzir mais do grande deus
ciavelmente bom e todo poderoso, que se revela a ti,
seus por suas vozes, ineffaveis das corações, beijando
suas infirmitades. Esclarecido de uma nova luz, e
stando a todos os cantos o seu verdadeiro preço, o homem
esta de se o foga de suas paixões. A regra invariavel

de orden, determinas, motion, e seus affectos comt' a
e seus desejos, e nas vicissitudes inseparaveis desta
vida passageira, elle não vê senão a deus, 36
p' os seus, q'ignat, uma felicidade immortal
sua a deus e a reconforça. P' os seus e a reconforça.
a' os seus interesses aqui e la, e uma abun-
dancia inapreciavel de sentimentos affe-
ctuosos e puros, o aproxima de seus seme-
lhantes, o faz compadecer em seus males,
o leva a sublevar, por todos os levantamentos
de uma c'riste eterna e infatigavel, e
sacrificando-se pelas suas irmãs, e tanto
por elle que elle se sacrifica. Tão interior
é a união que o Christianismo estabelece
entre os homens. Tão grande é o charme e a
de deus mihi cordia. A de deus mihi cordia.
grato parece a alguns rigorosos a deus, ah!
isto acontece q' porq' elle não conhece
a natureza que se sacrifica, e porq' elle
nunca gostou a consolidação, os amores
attractivos, e as delicias e alegrias de deus.
Inde.
Falla-se de pragores, q' porq' pode haver
algun (que se) comparavel aos que acompanha
a innocencia? E não é (por ventura) algum
coisa o poder viver sempre satisfeito de
si e de outros, sem exemplo de arrependi-
do e de remissão, ou poder achar contra
os remores, um asilo seguro no arrepen-
dimento? Com as mesmas lagrimas de
penitencia têm mais itera que não for-
as faltas que as fazem corer. e corações de
verdadeiro christão vive em uma continua
festa. Egoa mais de que o que elle recusa
(mas) de que os incredulos não q' porq' de que elle
a si permittem. Feliz na prosperidade e mais
feliz nas affrimentas, porq' (as affrimentas) l'he

offerreem um meio (seguro) de augmentar a felicidade; mas que elles esperam, elles se avançam com tranquillamente mais um passo, e chegam a plenitude de vida, verso a montanha que corria a cidade de Jarmannende, jornada celestial de paz de felicidade eterna e de paz de bem. — Tão somente o gosto desta paz mais a alma de um gozo intarminavel. O Sr. nob. a contrahir, mais experimentou (de q. seja gozar) elle podia subter^{mente} q. seja a fragor, proem igno. q. seja a felicidade. Sim, em sustento, o humilde fidei, orando na simplicidade do seu coração, as p. de um altar solitario, e prouve um sentimento mais vezes mais delicioso de q. as mais vivas alegrias das praias. Os mesmos philosophos esquecem apegos de orgulho de seu próprio sistema, para se entregarem facilmente aos atractivos de de, que recebe sua. — e sempre a recompensa promettida aos que creem. João-Jacques e o author dos Estudos da Natureza, em uma pastoreia perto ao Mont. Valerien, entrão com uma capella das ermitas. Recitava-se então a La Parincha de Pro. videncia. João-Jacques e seu companheiro trocava pela calma d'elles logares, e acullados (saizij) f. uma religiosa união, se prostrão, e confundião as suas supplicas com as dos assistentes. Então, nado o of. f. deir Ralstonau levanta-se, e tuch entame, e, diz a seu amigo: "Agora experimento o que se diz no Evangelho: Quando muitos d'entre vós entrarem, vos reunireis em meu nome, eu lá estarei no meio de vós." Ha ali um sentimento de paz e de felicidade, que penetra a alma? Tendo, n'uma experiencia f. muito pouco, não poderam chegar de repetir com mon. sequencia: "Admiravel como é a Religião Christã, f. parece não ter por objecto não a felicidade da vida; f. tem também a morte n'esta, a nossa felicidade (Exposit. de Loeijter. XXIV. ch. III) // Quem tuch tiver de ver

A Natureza.

37

1)

Disertar sobre assumptos que não podem ser por todos facilmente comprehendidos, ou porq. nos faltam as noções pelasas quas elles se tornam comprehensivos, ou porq. em vista da sua sublimidade, não nos é dado abordal-os devidamente. Foi sempre tarefa acasta ingrata para o frágil e thuma, acaz infadonho para os seus ouvintes. Disertar, porém, sobre assumptos, que estem ao alcance de todos, que agredam a todos e a todos podem aproveitar, e disertar de tal forma que o não ignorado, possa apurantar-se revestido de novas e attractantes galas, eis aqui, as supremas aspirações tanto das que fregem a palavra de Deus como das que a ouvem.

E neste caso estam os themas d'itas meus humildes e mais conferencias, nos quas procurarei fallar mais com o coração do que com os labios; pois tanto de min exigem o auspicioso titulo com que vos quero annunciar estas despendenciosas conferencias. E porq. elles têm por objecto: Deus e a Natureza, começaremos disertando sobre a Natureza, a fim de q. da contemplação do mundo visivel, passamos fazer esca para o do mundo invisivel.

Oh! Virgem Sacrosanta, mãe das almas justas e também das peccadoras arrependidas, a ti meus braços estendo como o parvulo se estende a sua carinhosa mãe, pulando m'arais tais não só

neste dia, mas tambem em todo o decurso destas minhas
humildes conferencias, para que eu possa conseguir
o fim que de tão longe aqui me trouxe; isto é, a
gloria de meu Pai e a santificação das almas.
Soe Maria.

Qu'è a Natureza?... A Natureza, s., é a
sublime diidade tão decantada pelos nossos vates, é o
conjuncto ou a complexidade de todas as ~~suas~~ e de
todas as forças que constituem o universo. Bem sei
que antes de a haver definido, já tinha uma perfec-
ta idea do que fosse a Natureza; todavia, a
que definir para q. nosso conhecimento se tornasse
mais completa, porq. para atingirmos ao nosso
fim principal, é sufficiente a acertada idea
que todos formamos com relação a Natureza; é
sufficiente quero dizer, que interrogados sobre o q.
que é a Natureza, possamos responder: A
natureza é tudo isto quanto fluctua sobre nossas ca-
beças e trema sobra de nossos pés; é tudo isto
quanto se agita nas cavidades, verdor nas alturas,
nas planícies e nas baixuras; é tudo isto quanto se
move no espaço, nas águas e sobre a superfície
da terra; é tudo isto, n'uma palavra, q. enche e
prova os seus a terra e as esplanas infinitas.
Sim, me d., tudo isto quanto nossa vista possa
alcançar, nosso intellecto possa ver e prescriptur
e nosso coração sentir, amar, possuir e...

38 21
tudo isto é precisamente a Natureza, uma graciosa di-
dade, pela qual nos sentimos e vemos, com effeito,
atrahidos e parannupados, desde o seio materno até
a sepultura, e por consequente, em todo o decurso de nossa
vida, em todas as circumstancias, em todos os tempos,
em todas as edades, e por toda a parte, e tanto nos dias
da magua como nos da alegria; tanto nas trevas como
na luz; tanto na calma como nas tempestades; tanto
na adversidade como na prosperidade; porq. com
ella nos encontramos quando pela a vez primeira
abrimos os olhos a luz do dia, depois de havermos
habitado no seio por espaço de bem longos
mjes, e com ella caminhamos movendo lentamente
o passo do nascente para o poente de nossa vida.
E quando aquella hora derradeira nos nos des-
vemos, ainda uma vez a veremos abrir ao nosso
encanto com seus braços abertos, qual amorosa
esposa, que espera anciosa o esposo no fim da
romaria, para restituir a terra o que é da terra,
e ao cer o q. é do cer.

Oh! quanto é bella a Natureza, quanto é sublime,
atrahente e majestosa! Natureza! ex ella nasce
nymphas, que por entre as enculhas de mar tornam
tudo de nossa vida, nos conduzem a' mansões da
justiça, tu és um objecto de fascina infinita; tu és
um immenso mysterioso livro aberto por mãos

infinita as incommensuráveis espécies do universo,
onde todos têm lido, porém, nem todos têm ha-
vido os mesmos vantagens, os mesmos frutos de
vida eterna! É porq. meus Amigos?... Porq. nem
todos o têm lido como se devia e o deverião ler, porq.
nem todos o têm lido com os mesmos intuitos e en-
tendimentos. Se fôrta ha quem o lida, movido pelo o
amor do estudo, pelo o amor, quero dizer, de conhe-
cer muitas puramente humanas, ha quem o lida
impellido pelo o desejo ardente da gloria, das honra-
rias ou do renome; ha quem o lida martyrisado
pela a rede devoradora do ouro, das riquezas, do
lucro e das caducas desta vida; ha quem o lida
insuflado pelo o tufão das paixões desreguladas e o
intoleravel desejo dos prazeres; ha quem o lida,
finalmente, só pelo o desejo ou prazer de o ler,
como uma diversão, um passatempo, ou para
matar o tédio; porém, são bem poucas as que
o lida como se devia e o deverião ler. isto é,
deixando-se transportar nos asz de contem-
plação, do tempo a eternidade, onde nossas almas
encontram-se com o Autor da natureza, o
adorn. em espirito de verdade e ^{castidade} ~~castidade~~, em ap-
rito de amor e gratidão.

É precisamente, m. r., com este espirito
q. se lê a ^{seria} ~~seria~~ q. contemplamos a natureza;

39
sem o qual não se a nossa contemplação é infructu-
osa os nossos estudos sobre a natureza: Porquanto,
contemplar a natureza, sem nos deoarmos
arrastar pelas as idéias de um mundo represen-
tível e de um ser representado, que naturalmente
brutam de nossas almas quando contemplamos
a natureza; não é contemplar a natureza,
senão simplesmente estudal-a; e o estudo da
natureza, poderá satisfazer a nossa curiosidade
innata de saber; poderá satisfazer as nossas in-
tuições matutinas, a nossa concupiscencia numa
palavra; porém, não poderá jamais vertir em
nossas corações o bálsamo das consolações, nem
poderá fazer renascer a nova vida, a novas
idéias, a novos pensamentos, a novos sentimentos
e a novas inquebrantáveis esperanças. De facto,
sabios tem havido, que encaneceram e finda-
ram suas dias estudando e prescrevendo a natureza,
consequindo muitos entre elles, immortalisar seus no-
mes pelas mas maravilhosas descobertas e surprehun-
dantes inventos; e não obstante tanta sublimidade
de ingenuo, tanta vasta erudição, tantas glorias,
tantos applausos e honrarias, a quantas, m. r.,
não tem visto os seculos, quando fustigados pela a
magna, suspirarem, gemerem inconsolaveis, e
abandonarem os seus estudos, as suas pes-
quisas scientificas, para se encerrarem em seus

cubículos, e ahí invocarem, a todo o instante, a morte,
e muitas d'entre elles, constituindo-se arbitros supremos
de sua propria vida, coartarem o fim de suas existen-
cias tão precissas? E por que razão, m.e.? Ah!
porq. como quanto sabios perscrutadores da natureza,
como Descartes, Newton, Bacon, Pascal, Secchi
e Pasteur, elles não contemplavam nem estudavam
a natureza dissecando e arrebatando pela a visão de
um mundo supranatural, como esses eufemis-
mos acabo de mencionar. Completamente prae-
fatos com a material, viviam induradamente
oblitados da espiritualidade, completamente oc-
vidados do Auctor da natureza! Contemplação
impropria, porq. se possa satisfazer de alguma
forma os seus desejos de saber, nas suas inde-
reces, materiais, as suas ambições e a vã com-
placência; não possa jamais satisfazer, confor-
tar aos seus corações sempre fluctuantes num
pelago insensível dos mais ardentes e inconsu-
táveis aspirações. Senhores! Eos homens com-
quanto applaudidos pelo o mundo como sabios,
não passavam senão de uns infelizes, elles não
contemplavam a natureza, estudavam-na a-
lamente, por isso mesmo muitas d'elles
morreram maldizendo-a e até ao mesmo
Auctor da natureza!

Por isso, é incomparavelmente mais feliz a pobre
e innocente camponesa, que habita um hu-
milde tecto de sapê, e que quando lá dentro do
seu casbre ouve ei fora a brisa murmurar
histórias por entre a folhagem do arvoreda,
eleva sua mente ao ceo e pronuncia uma pre-
paradora, temendo-se da sua solidão.
É mais feliz o nauta, que na solidão dos mares lu-
sta com o elemento turbido, e quando a abóbada
celestial retumba, na voz do trovão ouve a voz
do Eterno quando ha de vir a fulgar os vivos e os mortos.
É mais feliz o adulto pastor que coberto de hiruta
pelle sentado sobre a escarpa da montanha,
su finto ao rio, cavalosco apascenta e da de
beber nas seu mimoso rebanho, e nas aguas q.
vão correndo vê uma viva imagem da pro-
pria vida, que com o correr dos annos, vai tam-
bem mansamente passando e mais não volta.
É mais feliz o homem que habita os descampa-
dos e que ora montado em seu fogoso ginto,
ora a pé, qual senhor dos vastos, dos montes,
das collinas e das mattas virgens, perolustra os
campos, grumpra os montes, solta as vallas, em-
branca-se pelos bosques, e quando lá no horizon-
te as horas das saudades purpureja tristemente
cabe de folhas e supplices balbucia: Ave Maria!

O mais feliz e pobre caminhairo, que de volta da villa,
aonde fôra estudar, ethe, sob o peso do seu fardo,
por terra amorticado, no meio da solitaria entra-
da; e quando os horrores da agonia do corpo
vêm a unir aos das angustias da alma, que atto-
rita estremece ante a terrivel visão da vida
e do fim tumulto, olha para o Crystalino ceo, e
na estrella que mais reluz, sancta a Estrella do
mar de nossa vida sempre tão agitado, e com
o sorriso nos labios entrega a sua alma ao Criador.
Sim, elles são mais felizes, conquanto talvez se
tobes esquecidos e abandonados, porque contem-
plando a Natureza se deixão impressionar
pelas ideias de um mundo suprasensivel, de um
Deo supremo, e do tempo remontando a eternidade,
vêm na Natureza, como em um espelho se
reflectir a imagem do Plasmador Eterno; encon-
tram a explicação de tudo; têm a razão do seu
ser e de todas as cousas; a origem, o principio e
o fim do universo e de todos os seres que o povoam.
E casando seus pensamentos, seus sentimentos com
as vozes da Natureza, que decantam as maravilhas
do Altissimo, como o Seraphim de Assis ou o
real propheta, convidam a toda a Natureza em
transportes de jubilo a bendizer em sempiterno,
louvar e exaltar ao seu Criador, ao seu Senhor,

as seu Deus. Benedicite omnia opera Domini Domino, laudate
et superexaltate eum in secula. 41

Augustinho, d., depois que tivera a felicidade de en-
vir o Sto Antistite, de tal forma se impressionava,
que abandonando todos os seus estudos philosophi-
cos e litterarios, se cogitava na resolução do
grande problema ao qual estava pendente a
sua conversão ao Chistianismo. Um dia, quando
o sol se atufava nas aguas, fôra triste e pensativo,
assentou-se finto ao tronco de copah curvore;
elle fitava o firmamento, quasi que procurando
um lenitivo ao seu magno coração, quando
de repente vir surgir lá no horizonte uma
luz, assaz intensa, que será, disse o filho de
Mormea? Será talvez o crepusculo vespertino?
Não pôde ser, porq. já ha muito que o astro
do dia declinou... Será talvez a luz premon-
da aurora? Também não; porque ainda não
alta a noite. Que será, pois, ou á que poderá
attribuir tão singular phenomeno? E quando
assim fudia a Natureza invisivel a explicação
deste phenomeno tão extraordinario, eis que,
survindo sobre a sua cohesa, vozes angelicas q.
repetiam: tolle, lege, tolle, lege; abre e lê,
abre e lê. Mas que livro hei de abrir e ler?
Ah! comprehendo, disse, e abrindo as sagradas.

da Biblia que tinha junto de si; precisamente na
pagina que abria, encontrou nella a reprova-
ção da sua vida e a condemnação da euta dos
manicheus. Agora, completamente demittido, corre
para perto de sua mãe, e ao vel-a, abre os braços
para ella e com os olhos lagrymosos, exclama:
viveste mater! viveste o mãe! O que Manicheu
chama de alegria, exclama: Será possível?! Vivei
nate?! - Sim, viveste o mãe! Se abraçam, con-
fundindo as lagrimas; e ambas interueem por
tão estupendo acontecimento; porém, ella
mais intencida do f. elle, cahi desmaiada
nos braços de seu amado filho, o qual ella
queria duas vezes, ao tempo a vida do tempo
e da eternidade.

Augustino se converte ao Christismo e com elle
tambem seu pai, e se perseguir do Christianismo,
faz-se intrepido defensor; torna-se um modelo
das mais esquisitas virtudes christãs, faz-se
sancto, converte e santifica a muitos, imitos;
talhando seu nome na memoria de Deus
e dos homens.

Tanto val, m. d., contemplar a Natureza, dei-
xando-nos arrebatados pelos sentimentos, que
naturalmente assaltam nossas almas; tanto
val não fazer nos ouvidos as vozes do Eterno,

quando a travez do mundo visivel, nos falia do in-
visivel. Contemplemos, meditemos, pois, a Natureza;
porém, de tal forma que nos formemos deus
influencias pelas as ideias e os pensamentos de
um mundo supersensivel; e se porventura,
a voz do Senhor, se fôr ouvida, ah! não nos faça
nos ouvidos a ella; mas, como o filho d' Eli, diga-
mos: Ecce adsum Dñe; aqui estou Senhor; ou
como o Apostolo das Gentes, digamos: Quis vis
me faciam? Que quies que eu faciu? E a
voz do Eterno far-se-ha ouvir a travez da
Natureza, e ainda mais maravilhosamente
do f. a travez da natureza invisivel. Por que
ornito nos habi consolar e reanimar-nos;
porq. purificando-nos do antigo fermento
de corrupção, farí com que suspicás do
antigo homem nos apresentemos diante dos
olhos de Deus e dos homens, revestidos do novo
homem, que é J. C. nosso abavel Salvador
e Redemptor. Dize.

Deus.

Senhores,

Na contemplação, como dissemos,
da camplescidade dos seres e das forças, que
constituem o universo, concebemos natural-
mente a ideia da existencia de um Ser

Supremo, a quem todos os povos invocam e adoram
com os sentimentos da mais profunda respeito; com-
quanto num todos o invocam e adoram com como?
no espirito de verdade; porq. se é universal a idea
da existencia de um Ser Supremo; não é universal o
perfeito conhecimento que todos poderiam ter da sua
divina essencia.

Não obstante isto, ha homens, até mesmo no seio
do Christianismo, que ousam dizer que Deus não existe.
Ou talvez, pelo o espirito de novidade, pelo o desejo
da celebridade ou como geralmente succede, impelli-
dos pelo torção das paixões desreguladas e corrupção
do coração.

Mas esta blasphemia não é tão recente, como talvez
suppondes; porquanto, já vella em seu tempo fez a
marcha David, quando exclamara: Dixit insi-
piens in corde suo; disse o insensato em seu cora-
ção. E que disse o insensato? ... non est Deus, não
ha Deus. Mas se assim os insensatos se exteriorizam,
não é certamente porq. estejam, com effeito, conven-
cidos que Deus não existe; senão porque estando como
estão plenamente convencidos da existencia de
um Ser Supremo, temem a sua justiça divina,
e por isso blasphemam continuamente, clamando:
não ha Deus! É na verdade elles desejariam que
Deus não existisse, para assim saltarem as redes das

43 9
suas malvolas tendencias sem se perturbarem com o
triste pensamento da vida de alim tumulto. É
por este motivo, que David não usou das expressões:
Dixit insipiens in intellectu suo, senão: Dixit insi-
piens in corde suo; disse o insensato no seu coração,
non est Deus; Deus não existe. A negação, portanto,
não parte do intellecto, senão do coração, que é mau,
corrompido e abominavel em seus desejos; corrupti
sunt et abominabiles facti sunt in studiis suis.
Abomináveis, s., e corrompidos, que não podendo estar
de accôrdo com a existencia de Deus, que os repro-
va e castiga, fazem com que elles blasphemem com
o coração que não ha Deus; quasi querendo desta
forma suffocar a voz da razão, da consciencia e
da natureza; porém, em vão.

Não quero acreditar, m. d., que nestas tão raras
plazas, onde a natureza com tanta pompa e pu-
jança decanta as maravilhas do Altissimo, possa
haver, quem negue a existencia de um Ser Su-
premo. Acredito, porém, que possa haver quem,
imbuído pelas as falsas doutrinas e já corrompido
no fundo de sua alma, deseje com effeito, que
Deus não exista, porq. teme a sua vindicta, e
por isto mesmo ponha em duvida a sua existen-
cia, devido talvez a uma apparente impossibi-
lidade da Divindade nos necessos humanos.

Deus existe? - Terá este o assumpto, m. d., sobre o qual
recarei a voburna conferencia. Ade Mania.

Senhores,

Deus existe? Eis ahí uma pergunta que
nunca se deveria fazer, porquanto é tão certo, evi-
dente e necessaria a existencia de um Deo Supremo,
que se tornaria mais difficil negal-a do que
affirmal-a; assim como se tornaria mais diffi-
cil negar a realidade de minha existencia
do que proval-a.

É verdade que podreis objectar dizendo que acre-
ditas firmemente na realidade da minha exis-
tencia, porque podis a podis tocar com vossos sen-
tidos; e que não podis affirmar o mesmo com
relação a Deus, porq. dizeis q. nunca o visteis nem
vos consta que pessoa alguma o tenha visto ja,
mais.

Neste caso, m. d., não deveis acreditar tão pouco,
na realidade da minha existencia; porquanto, o
que em mim vedes, não é de facto o que suppon-
des ver, isto é, o homem; pois, a substancia do
homem, como a de todos os seres; isto é, aquillo pelo
que todos os seres são o que são, é invisivel: Terão
dixai que o homem morra, e deante de vossos
olhos, não teris mais o homem; mas sim o ca-
daver do homem, e muito embora vose cadaver

44 81
ainda quente, passais distinguir os traços pelos quaes,
anti'ora, voste o homem que já não existe agora;
dizeis: Eis ahí o homem. Deixai tambem que
vse cadaver se dissolva, descompondo-se em seus ele-
mentos mais simples, e não teris mais diante de
vossos olhos, nem mesmo o cadaver do homem q.
existia anti'ora, senão um punhado de pó; porem,
ante do cadaver do homem, que como o homem,
já não existe. Logo, o que em mim vedes, não
é de facto o que suppondes ver, isto é, o homem,
mas sim, as notas as qualidades, as necess.
níuma palavra, pelas as quaes a substancia
do homem e de todos os seres, se tornão palpaveis,
visiveis e tangiveis; e não obstante isto, pelo
o que vedes, acreditais firmemente no que não
vedes.

Ora, m. d., o mesmo da se com a Divindade, a
qual muito embora seja em si invisivel, é
não obstante isto, visivel em suas incontestaveis
e tangiveis manifestações; pois, os seus des antem
a gloria do Excelso, e os espheos ostentam as
obras de sua dextra omnipotente. *Cuncti enarr-
rant gloriam Dei, et opera mirum ejus annun-
ciant firmiter.*

É na verdade, como podriamos explicar o appa-
recimento, por exemplo, deste templo, no cufis

abolodas nos achamos reunidos, se não admittermos a
preexistência do architecto, que o meditou, esboçou
e fez em pratica? Como poderia, m. d., o templo le-
vantar-se, se algum não o levantasse, se todos sabemos
que antes delle existir, não existia?! Foi talvez
um effecto do acaso? Mas o acaso, s., além de
suppor materia e forças preexistentes; para que dar-
se possa, exige que se admitta o caso, que antes
de se dar o acaso, o haja precedido um ser intelli-
gente, que aproveitanda-se do caso da edificação
de um templo, estudou-o, meditou-o e de tal forma
combinou as forças e predispoz a materia, que quando
deu-se o caso de levantar um templo, fez comf.
saber o caso, surgiu um templo quasi por acaso.
Sim, pois a materia bruta, sujeita as leis da na-
tureza, podia compror-se e descompror-se, aggrupar-se
fundir-se, partir-se e espalhar-se; porém, não po-
dia applicar-se a si as leis da mechanica, da ar-
chitectura, da estatuaría, da pintura, da escultura,
nem que uma mão intelligente a assistisse, im-
primindo-lhe novas e novas formas.
Se pois, m. d., contemplando o templo, concebemos
naturalmente a ideia de um Miguel Angelo, de
um Raphael, de um Prud'hon e a de um Canova,
ante cujas obras immortaes, nos extasiámos,
admirando tanta belleza e magnificencia; tanta

arte e natureza, tanta sensibilidade artistica e masculina
intelligencia, que muito que nós concebamos e ad-
mitthamos a existência de um Supremo Architecto
do Universo, contemplando esse immensa e tão
complexa, tão abstrahivel e mysteriosa?..
É facil, m. d., confundindo-se as causas secundarias
com a primaria e efficiente de todas as causas,
estabelecemos um systema geologico, prescindindo
da ideia de um Ser Supremo; porém, não é facil
tendo em vista a causa primaria de todas as
causas, estabelecemos um systema sem recorrer
mos a ideia universal de Supremo Fuctor, auctor
e creator de todas as causas.
É o investigador da natureza, que tudo faz vir da
monera attray desse hypothetico nebulae
primordial, sem cogitar na preexistência
de um Ser Supremo; procura e aminha as ideias,
emittir conjecturas, formar principios e archi-
tecto systemas puramente gratuitos, que entro
qualquer individuo, não sobra, mas q. tenha
um pouco de confusão de causas secun-
darias, e passa uma phantasia alquanto ardente,
pode e tem todo o direito de confessar-las, porém
ninhuma poderá jamais inculcar como certo e in-
contestavel a sua genesis. Faz-se preciso, antes de
tudo, d., que elles nos digam como appareceu
essa materia cosmica e quem foi q. lhe imprimiu

o primeiro impulso?... Quem foi que lhe communicou
calor e vitalidade?... Quem foi, n'uma forma
que lhe impoz essas leis tão certas, tão constantes
e immutaveis; sem as quaes, ainda hoje a ma-
téria permaneceria em seu primitivo estado de in-
erécia? A não se que quiraes sustentar que a
matéria sempre existiu e que tudo quanto existe
não é outra coisa, senão tantas radiações de mesma
matéria que sempre existiu. Porém, m. r., como se
vimos na seguinte conferencia, esta asserção
além de ser absurda é ridicula; pois, implica con-
tradicção em termos - affirmar que a matéria bruta
é eterna e foi sempre dotada de intelligencia;
poisquanto, ou essa matéria, que se diz eterna e
intelligente, foi sempre consciã de si ou não?
Se foi sempre consciã de si, porq. razão passou
tantos seculos em um estado de inercia? Porq.
razão estacionou depois de sua evoluçã? Porq.
razão não são tambem intelligentes todos os seres
q. povoão o mundo, se todos elles, segundo
affirmaes, outra causa não são senão o
bracos dessa mesma matéria eterna e in-
telligente?... E se houve um tempo como affir-
mais, em q. essa matéria jazia em estado de iner-
cia, quem foi que a tirou deste estado?... Talvez
a mesma matéria?... Mas simultaneamente apparece,
repto, umbros, além de serem absurdas são re-

46 10)
diculas; vos pertendia, com vossa pulcras abstrac-
tões se de se intender mas até de se pronunciar,
pertendia sempre appellando para auctoridade
estremada, ou para vossa competencia scien-
tifica, para sempre voltamos aos tempos de
infancia, para a humilhação de tantas
parvas bagatelas ouvir - vos fallar
e suspender como certos e incontestaveis
certos de mil e uma noite as asserções
de um Robson.

Porém, supposto e não concebido que a ma-
téria seja eterna e tenha sido sempre intelli-
gente, mostrai-me, r., um se' proeminente,
um se' sustinimento, um se' proeminente, um
se' scripto d'essa suppo tão singular matéria
cosmica, apparece a attribuição das mais san-
taes evoluções. Mostrai-me um se' proeminente,
um se' dicto proeminente por um átomo,
por uma molecula ou por toda a complexi-
vidade de toda a matéria bruta q. existe
no universo. Ou diris, talvez apontando
para o mundo, ahí tendes; que mais podes
dizer? E não é porventura a natureza um
proeminente, um auctor d'essa proeminente pela a
matéria em suas seculares evoluções e in-
erências?! Já! incoherentes! Cessa de se blasphemar.
A natureza, é com effeito um proeminente um auctor

livro arrebatado aos espacos insensaveis do
universo; porum, não é obra da evolução da
matéria bruta; mas sim da Rector da Natu-
reza. Outro livro, no qual quem souber ler,
não poderá dizer da existencia de um Deo Supre-
mo, porq. os céos de cantos as magnificencias do
Altissimo e os espacos estentão as obras da ma-
dextra omnipotente. Pauli enarrant gloriam
Dei; et opera mirum ejus, annuntiant fir-
mamenta. E nós ha quem contemplando
a natureza não conceba a ideia de um Deo
Supremo, se não foga violencia aos pensa-
mentos e sentimentos q. então se apoderam do
coração da contemplador da natureza.

É apenas um prejuizo da educação, contestando,
que faz com q. encarramos a morte, deha o burço,
sempre preoccupado pela ideia da existencia de
um Deo Supremo, mytho esse q. fora imaginado
de pelo o terror do homem primitivo, sobre-
tudo e ignorante, diante das grandes e assusta-
dores phenomenes da natureza physica.

Ja' houve, t., quem allegorizasse simultaneamente ideas,
e querendo provar a com o facto, um philosopho
affirm chamados, levou a consequencia arrebatada de
se de uma fôrta mãe, uma criança se est.
de ainda bem terna, e transportando-a para
a solidão, como planta agreste, acalor a deizure

47
crescer, sempre longe de contacto dos homens e da
sociedade, e por precaução, nunca quiz fallar.
He de Deus e num mesmo fôrta as esq. paraf.
o fegundo não inquirem do Céu. Busca a
miza criança nos amos, sempre nunca terna-
mte fallar do Deo Supremo, num inquirem
acerca delle. Pelos. satisfeito se amotava
o philosopho e ja' contava triumphos sobre
a ignorancia de sua victima, de que o rudi-
cultivava, quando um dia, pulso magir
de vol, ouvir algumas vozes, que partiam de
um bosque vizinho, q. pareciam traduzir
lamentos. Que era, disse o desalmado philo-
sopho? Que terra necessitaba a fegunda?...
Talvez... alguma desgraça?! E movendo o
passo para o sitio donde partiam aquellas
como q. lamentos, viu com surpresa por-
entre a ramagem a fegunda q. prostrada
por terra, tendo sus olhos e nas palmas vol-
tadas para o Céu, abraça a divindade
no seu manto.

Num fôrta, meus enthoris, deixar de succeder
affirm; porq. a criança da existencia de um Deo
Supremo, se impõe a nossa razão, como o
amor se impõe ao nosso coração e a natureza
a nossa vista; e não ha individuo por mais
ignorante, q. não se fôrta a reconhecer a divindade

pronunciar o nome Sancto de Deus, não curve
reverente a tua fronte, se prostrae um corpo
cã furo; e não ha alma f. no meio de suas
afflicções a não invoque como Arcanjo, o exi-
mio phylorapso e orador, que tendo estido
nas mãos dos seus inimigos, levanta os olhos
aos ceos, invoca a Deus, defende causa caus-
rum omnium, mormore sui, causa de totis
causis tende pñchê de minis, entrega-o aos
seus inimigos.

Sim, m. h., Deus existe, e negar a sua existen-
cia, seria o mesmo q. negar a existencia da
fonte que produz o mormorio; Deus existe, e negar
a sua existencia, seria o mesmo que negar a de ^{hã} ~~hã~~
~~ex~~ que produz o fructo; Deus existe e negar a sua
existencia seria o mesmo que negar a da roma
q. produz a flor; Deus existe e negar a sua existencia,
seria o mesmo que negar a da passaro que produz
o canto; Deus existe, e negar a sua existencia,
seria o mesmo que negar a da sol q. produz a
aurora.

E muito embora passamos precindir da fonte, da
haste, do ramo, da passaro e da sol; não se segue
que a fonte, o tronco, a haste, a passaro, e a sol
não existão. Assim tambem, muito embora passamos
precindir da causa primaria de todos os causos, não
se segue q. elle não exista; senão, quando a fonte

48
não corre, quando o fructo não pñcha da haste,
nem a flôr do ramo, quando o passaro não
fere o canto nem o sol produz a aurora, diggi:
murmurio, canto fazi-vos ouvir; fructo, flôr,
aurora attenta-vos; e nem o mormorio, nem
o canto fuz-se - hã ouvir e nem o fructo, nem
a flôr, nem a aurora se hã de amortear; po-
nem, ~~hã~~ agora, olemai, bondade aos ceos, eis
vastes campos, eis mattoz virgens; bondai defendi;
fonte, fazi-me ouvir o teu mormorio, passaro,
fere teu canto hã ouvir, tronco de-me a teu
fructo, hã dos haste a tua flôr; ~~aurora~~ sol, de-me
a tua aurora, ~~e a aurora~~ e a fonte hade correr
murmurent, e a tronco hade dulcificar teus
labios com seus fructos, e a haste hade per-
fumar o teu affato, com sua flôr, e a passaro
hade ~~murmurar~~ ~~seu~~ murmurar os teus
ouvidos com o seu canto, e a aurora hade
brincar o teu vista.

Assim tambem se appellamos para a causa
primaria de todas as causas, nella en contra;
rumos a origem e explicação de toda o mundo
visivel e invisivel; mas se pelo a contrario, pre-
cintimmos da existencia de Deus, dentro e fora
de nos, fuz-se - ha um vacuo profundo, onde os
horrores da nada se hã de estender. E nestes
tuas horrores permaneceremos enquanto não

não levantarmos nossas vistas para a mansão das
justiças; emquanto com o orador escimmio, não
trabalhamos com todas as forças de nossas almas;
Causa causamum omnium, mi serere mi; cau-
sa de todas causas tende p'rchê de mim!...

Porq. assim como a fonte, o tronco, a haste, o
p'pulo e o sal, são causas secundarias, sem as
quais, naturalmente fallando, os effeitos proprios a
cada uma destas causas secundarias, não poderiam
existir; assim tambem, Deus, m. d., é a causa
primaria e efficiente sem a qual nada aquelles
não poderiam existir, nem nada de f. existe,
existiria; porq. por elle tudo quanto existe,
foi feito, e nada de f. existe, sem elle, existe.
vra: Per ipsum omnia facta sunt, etc. etc..

Assim é f. as vages que trahem o contrain
da cruz universal e constante, não q'ntas
se contornam se levantam desde alguma
de confusão, onde f'gem as almas desinun-
tadas e libertinas; no bruto que a cada instante
ellas mandão da vira f'uta carcomida pelo o vir-
me das remoras, são notas migratas, que se
vram perder nas longinquas praias do eterno
alvoro e que tem sido abafadas pelo o rumor
das ondas da insignificância da cruz universal.

49 137
Elles plepshemao voce franch com voz cavernosa:
Deus não existe! e as mas vages, representando
se encontram essa triplice montanha da humi-
lidade, da natureza e da consciência, em
esperando ellas representem a de consciência, tem
~~rechaçado abando das vages emquanto ellas re-~~
futam: Deus não existe, tem rechaçado abando de
vices, de f. : Existe, existe, existe! Existe.
A Divindade.

Ambrosio:

Na ultima evafurancia prometti si portar
sobre a Divindade, isto é, sobre a Divina Esen-
cia, e romendo levado pelo o desejo ardente de
vos fazer conhecer, como o Apóstolo de Jesus,
cada vez mais em Deus de bondade, a quem tem
a felicidade de aborak o em espirito de verdade
e de caridade, e f. p'ba a fazer me abalar a
tanto.

Torram, desistam, m. d., sobre assumpta tua
mullime, não tenha em mundo de f. vos quem
é Deus, semão declarar vos e declarar vos, não
já quem é Deus; semão a f. Deus não é, para
f. assim de algum modo passamos senão o
f. elle é. O f. f'rmos, tendo sempre de um clero
o archote da f.; a f. de f. passamos com van-
tagem proceder; pois, com esta cautela, por

mas se nos esforçarmos para penetrar nessa
grata escuridão, não o conseguiremos. A luz
da razão não insensível labirinto, se apaga
e o homem as apalpatadas move-se a passo
incerto, precipitando-se em precipícios e nellos
nos erros os mais graves e degradantes. Por Maria
Antones,

Quem é Deus? Difficil thema, ardua del-
cissima tarefa! Eis, para dizermos quem é Deus,
para precisarmos q. o tivermos visto, que o pa-
vemos definir, mas a Divindade foge aos
nossos sentidos e a mente humana por mais
esforçada, não pode atingir nem sequer as
umbraes da divina essencia.

Thomas de Aquino fez um dia esta mesma pergunta
a si proprio e a natureza, e não nunca satisfe-
zo-se com as respostas, continuou a fazer a che-
rante todo o curso de sua vida, até q. pen-
trando nas Regiões etheraes, a sublevar na visão
da Divina essencia. Augustinho, passeando
a beira mar, fez tambem esta pergunta aos céus
e as vastas do mar e da terra, e quando em
alta contemplação remontava, qual esculto-
rando as regies etheraes, foi interrompido pela
a vista de um meigo pavoro, q. com uma
concha na mão se enclina sobre a areia q. com

50 14
a agua do mar uma covas q. fazem a beira
mar. — Que fizesse, disse Augustinho. — Ao q. o
pavulo responde: Eis, eis, quando o mar
nesta covas ferra. É impossível, meu
filho, disse Augustinho, ao q. o mensageiro
celeste acrescenta: Eis, se m'è impossível
veras o mar nesta ferra mais impossível
ainda, se tu ha penetrar no mysterio de De-
us, e tudo isto isto, desaparece. Sim,
m. n., é impossível penetrarmos no mysterio
de Deus. Divina essencia, pois, a resposta
a esta pergunta: Quem é Deus? — q. não temos
na vida de alim tumulo, constata a felicidade
da celestias comprehensoes, e é precisamente
o premio q. Deus tem reservado aos puros e
mundos de coração: beati mundo corde, qui
noam a psi Deum videbunt; pois, para dizermos
quem é Deus, manifestamente perfeita seria
preciso q. o poderíamos definir; mas Deus per-
finitamente perfeito, como tal, não admitte
o termo de comparação, não pode ser li-
mitado nem pelo o genero, nem pelo a especie,
nem pelo a differença ultima, perguntando si
elle é o f. i. e sempre f. i. o f. i. e por consequente
indivisivel, por isso mesmo q. é pura e in-
telleto incomprehensivel. É o mortal longe de se

construitor prof. e não pode terminar, sente imensa
gaudio ante esta sua impotencia relativa; já
prof. a Deus. pediste seu pro alle comprehensio, não
Scia Deus, e se o ffora Deus amth appm, nos re-
riamos tambem Deus, já prof. mais se convence
da sua bondade e misericordia; pois, não obsta-
te Deus se por sua natureza felicissimo e glori-
sissimo, quij, totus, mas orar pro f. e concessio-
nes, e amissiones, e revissiones nostra vult
para deparis gozamos delle na outra eternamente.
Ego ero merces tua. Et eris a tua merces.
Mas se não obstante isto, ainda insistis pugnam.
tambem como Thomas de Aquino, quem e Deus? Vos
dici com a fi catholica: Deus e um espirito puris-
simo, perfectissimo, infinito, eterno, omnipotente,
omnipotente, creator e supremo senhor de todas
as cousas visiveis e invisiveis.

6. e como quanto não podemos compreender esta unidade
 na unidade e esta unidade na unidade; todavia não
 repugna; pois, assim como em cada um d. nos haver
 três potências, não diversas, mas distintas e indivisi-
 veis, que se chamam: memória, vontade e intellecto;
 todavia, não digamos que existem em cada um de
 nos três almas; mas sim uma só alma com tres
 potências, assim também emquanto, hápi um
 só Deus e tres pessoas em Deus, (como ha tres potências
 na alma humana) distintas e indivisíveis, não nos
 é licito affirmar que existem tres Deuses; porq.
 assim como a memória é a mesma alma q.^{da}
 se recorda; o intellecto é a mesma alma q.^{da} pensa;
 a vontade é a mesma alma q.^{da} quer; assim também
 o Pai é o mesmo Deus, que q.^{do} o Filho e na mesma
 natureza eterna, em si se consentem na eternidade,
 chamamos o Pai; o Filho, e o mesmo Deus, que
 q.^{do} o Pai e na mesma natureza eterna e com-
 mum as tres pessoas, ora eternidade têm uma por
 conceber uma imagem perfeita e na mesma
 natureza eterna, chamamos o Filho, e o Espírito
 Santo e o mesmo Deus. Pai e Deus Filho consubstan-
 cial q.^{do} grande o Pai e na mesma natureza, na eter-
 nidade a si se amam, produzem o amor, q.^{do} nos cha-
 mamos o Espírito Santo. E como esse acto divino,
 que é uno, indivisível, distincto, eterno e simplis-
 simo em sua essência, e triplice em suas manifesta-
 ções interiores; como esse acto divino é uma realidade
 substancial, cuja única natureza divina, naturalmente não

Pae, como o Filho e o Espirito Santo, têm uma
e a mesma natureza, sendo essa única natureza eterna,
infinita e omnipotente; infinito, eterno e omni-
potente é o Pae; infinito, eterno, e omnipotente, é
Filho, infinito, eterno e omnipotente é o Espirito
Santo.

Dus é um espirito, pois, é uma substancia simpli-
cissima; não se compõe de átomos nem de mo-
lecules; é uma substancia simplicissima e por
isso: incommensuravel, imponderavel, intan-
givel e invivivel. Dus portanto, é o incom-
mensuravel que tudo mede, é o imponderavel
e insondavel, o illimitado, que tudo pondera,
sonda e limita; é o intangivel, q. tudo toca,
ap. e move; o invivivel q. tudo vê e percen-
ta, o invisivel no qual se vêem os celestiaes
comprehensores e a toda a natureza, e vinda-o
e nullo se vendo se, má felizes e eternamente feli-
zes. In lumine tuo videbimus lumen.

Dura é uma expressão frivola, porq. nelle nostra
 moneta um macula de expresso alguma, elle
 é como um espelho limpoissimo, mais resplan-
 diente, infinitamente mais resplandecente do q.
 o mesmo sol. no qual toda a natureza virtuosa
 e invisivel se reflectinda, tem vida, luz, calor,
 movimento e inspiração. In a pte summa, vivi-
 mus et movemur.

que se estende, até a mais alta perfeição, a mais alta e
 perfeita e as passões de um modo illimitado universal,
 um gran eminente e com umidade de essência.
 Porq. se o anjo possui as perfeições q. são inherentes a
 sua natureza, não possui as q. são inherentes a natu-
 reza do homem, assim como o homem não possui as q.
 são inherentes a natureza não inherentes a natureza.
 das plantas e as plantas não possuem as q. são inherentes
 a natureza dos mineraes. Mas Deus não só possui
 a intelligencia dos anjos, o amor dos seraphins, a formosura
 do humão, a preciosidade dos mineraes, a verdura das
 folhas, o aroma das flores, a doçura dos frutos, a frescura
 das fontes, o maravilhoso da cor da das passagens, o rubro
 da aurora, o azul da firmamento, a vastidão das mares, o
 sorriso das campas, a alegria dos colinas, a magesta-
 das mares, o algarinho da lua, o aurore do sol, o brilho
 do estello, a brancura da nuvem, a cor do céu
 azul, isto é, Deus não só possui todas as perfeições
 possíveis e imagináveis; mas as possui de um modo
 illimitado, infinito. Assim é q. onde todas as perfei-
 ções das creaturas do mundo inferior e inferior se acham
 não só, mas muito além, infinitamente muito
 além, começa a infinita de Deus q. conduzem ao throno
 infinito, onde se aponta a divindade que é a mesma
 perfeição. E Deus além de possuir todas as perfeições de
 um modo illimitado e universal, as possui em gran
 eminente, isto é, separada de toda e qualquer impu-
 reza e levadas a um grau de perfeição infinita a
 as possui com umidade de essência. Assim é que, se
 o anjo é intelligente, não é a intelligencia; se o
 seraphim é amante, não é o amor, se o homem é
 sábio, não é a sabedoria, se o pastor, se o juiz, se o
 dador, se o formoso, não é a formosura, a sabedoria, a
 formosura, a bondade, a misericórdia; porém
 Deus é a intelligencia, o amor, a sabedoria, a justiça,
 a bondade, a formosura, a misericórdia, a
 pre excelência, d'onde toda a sabedoria, toda a justiça,
 toda a bondade, formosura, justiça e misericórdia
 emanam.

Deus é omnipotente, elle possui todas as sciencias, to-
das as artes, todas as segredos, todas as leis da natureza,
vê tudo e penetra tudo, sem discurso ou raciocínio,
mas por um simplicissimo acto de intuição, elle vê
tudo e tudo conhece sem precisar voltar-se para a natu-
reza; prof. elle possui um si proprio, um seu mundo
divino e ab eterno, a patetico pro, a imagem representada
qual tudo quanto existe, existe e ha existido e ha de ser.
Deus é omnipotente, com seu poder infinito elle alcan-
ça a tudo; faz e desfaz tudo e cria tudo, elle possui o seu

bellas reitillantes, eus mais andadas, hum aurora
mais deslumbrante, um crepusculo vespertino mais
voffagante; elle pode, numa palavra, mil outros mem-
brar mais bellos, mais ricos, mais cheios de encanto.
Elle pode produzir a luz do sol e da lua, da aurora e do
crepusculo vespertino, sem a luz, sem a lua, sem
a aurora, sem o crepusculo, elle pode produzir o
colorido das folhas sem as folhas; elle pode fazer re-
cendi a perfume das flores sem as flores, pode
produzir a lacrima das fructas e da dul, sem as fructas
e sem as folhas de mil; elle pode produzir o azul do
ceos sem os ceos, a fuscuna das aguas sem as aguas,
a voz do trovão sem o trovão, o vulto dos ventos sem
os ventos, o bramir das ondas sem as ondas, a murmu-
ra das fontes, sem as fontes, e quanto de primario sem
a primario; Deus pode tudo, prof. e infinitamente
produzido, e com isso pode alcançar tudo, faze o faze
a tudo.

Deus e infinito e eterno, prof. sempre existiu e ha de
existir sempre; pois, nunca teve principio nem ha
de ter fim. Elle e o f. e a melle e o f. e e sempre e
se o f. e. Elle e aquelle fonte lucidissimo eterno, im-
mortal e immutavel; aquelle nome, isto e, aquelle que
se sempre e sempre igual e identico a si proprio.

Deus e creador, por elle todas as cousas viaveis e invis-
veis, foras criadas e feitas, e sem elle, nada do que
existe existencia. Foi Deus, portanto quem fez apparecer
a terra, criou os anjos, na terra os homems, os animaes,
as plantas e os mineraes. Foi Deus quem fez a abada
silential e escurecida, amilton - a e bella fez fluctuar
miriades d'astros luminosos; foi Deus quem estendeu e
firmamento, criou o vacuo, enchou as covas, fez
correr os rios, bramir as ondas, foi Deus quem levantou
os montes, vallou os vales, ordenou as colinas, aplai-
nou os campos, foi Deus quem doou a luz, argenteou
a lua, brilhantesceu as estrellas, foi Deus quem fez a luz
a noite e a aurora; foi Deus quem criou as nevas,
negrejou os ruyms, aggrupou os cummulas, extrahi-
vou os estros; foi Deus quem intaputou as primas

deu a perfume das flores, a decora das fructas, o canto dos
passaros, a intelligencia, o amor aos anjos e aos
homems. O feto e humo facto de cu Dile e creculos
de todos o universo mundo, e tambem o mbrano
sentido de mundo eivel e do invisivel; nas guas
elle domina, manda, regna, impura, preside, rege e
governa com poder illimitado, universal e absoluto. 53
Catholico, m. d., confutador de annos pilados e ushe,
Arianismo, a pantheismo, o materialismo, o poly-
theismo e o paganism e uma theoria quanto absurda
tanto perturbadora da espirituismo.
Confutado o evolucioanismo, prof. e nãe admittimos
a preexistencia de um Ser Supremo, creador da uni-
verso, teriamos necessariamente de optar pela a exis-
tencia de uma materia bruta, inconsciente, dando
m. existencia a si propria, af. alem de ser absurda e re-
culo; pois simpli, como dizem os contrarios, em
termos; progreuto, supprato e nãe concebido f. al-
si, ainda ha de uma materia a conservar a immo-
vel, uma forma e em um estado de perfeita immo-
fluctuante no immenso espaco, utimo admittimos
a preexistencia de um Ser Supremo, uma entidade
e omnipotente, que tirando - a do nada, imprimiu
lha o movimento e deu - lha luz, regendo as guas,
opra machina da universa, ha tantas annos, ha
tantos seculos e movido e governado.

Confutado o pantheismo, prof. e como os seus segun-
nos affirmos; Deus e a complexidade da materia
bruta e nas como todos os outros seres, outra causa nãe
nãe sendo irradiacoes e emanacoes de uma materia bruta
segue - se de todos os seres racionais, todos os outros en-
telados organicos e inorganicos, nãe tanto deus,
e tanta abundancia de deuses de diversas e de ame-
tratamento oppostos, nãe a destrucao e anniquila-
minto de deuses.
Confutado o materialismo d. admittindo as causas n.
cumbrias, as luzes de guas e materia esta refutado, nãe
inquire nem se prececepo com a causa primaria
de todos os causos, negando a implicite ou explicitamente
se pela o facto de nãe poder supprato a experiencia,
se prof. e nãe pode ter com os seus sentidos, con-
futato progreuto, tudo quanto nosos vidos, nosos
sentidos, nãe ou indirectamente podem attingir
m. seus contigentes e por consequencia, nãe q. um tempo

existir, assim como de salta mais tarde se sero em um
rasto entre os seus existentes. Repugna, portanto, m. d., a
nosqes mais trances de uma lypca remota que pson de se
um effecta sem ma proporcional.

Confutação a paganismos, prof. como a historia nã
mostra, todos estes deuses adorados pelo a paganismos
foram homens como nos, e muitos delles eivados de
imperfeições, viciados, corruptíveis; homens, m. n., que de
pós da morte por algum facto real ou ficticio, foram
divinizados pelo a timor e a superstição. Confutação a
polytheismo, prof. se todos os divindades, q. se
q. abonos, são com effeito deuses, os polytheistas diversos
admittão uma deusas, a saber: ou todos os divindades
são deuses ou existe um só Deus verdadeiro; portanto
em pluralidade de divindades e quanto a divina essencia
ou e quanto a divinas propriedades; e em pluralidade
de deuses com relação a divina essencia, os seus
materialistas, prof. em ultima analyse o polytheismo
sob a causa não e na realidade senão um polytheismo
materialismo; mas talvez protestes, allegando que
adoniz a Deu, logo admittes, logo admittes a plurali-
dade de deuses com relação a divinas propriedades; mas
isto não prova senão de um plagio adulterado da ver-
dade por excellencia, q. nã e Christa e o monotheismo
cristão. E neste caso, q. polytheistas, remontando a
fonte genuina, confessão e lavorem causa q. extrahida
a trindade na unidade e a unidade na trindade, ou
papaias: Padre, Filho e Espirito Santo, um só Deus ver-
dadeiro e tres pessoas não sã divinos; mas distinctos e
independentes, subsistentes em uma e na mesma unica na-
tureza, consubstanciaes de tres pessoas divinas: Padre,
Filho e Espirito Santo.

Computat e Espiritismo, isto é, as extravagantes idéas
deus falsos milhas, f. supponendo a reencarnação e o
incarnamento da alma, dizem de ser crêdas para ser
Credulas e de se desiludir fatal, f. a chaga de illus
ões, de fanatismo, f. a aprehensão do sistema nervoso
de individuação, f. a comp. elle tamé prob realtade o
f. gradualmente fallando não é senão um facto para
nunca mais eterno, ou um deus facto cujos origens
probatórias encontram na natureza physica um

[illegible][illegible]

Cal - a com vossos amadores.
Por ultimo, diga-me tu, oh' minha o comprehensao
incomprehensivel de meus amigos e inimigos, diga-me
tu tambem a h'minha esqum e Deus? Deus por
quem a toda vez tanto tin' inspirao como o fello pelo
o amplexo maternal, ou como o exultar pelas
arys de meu torreno natal; diga-me tu tambem quem
e' Deus? Ah! Deus! Deus!... Deus... e o meu prin-
cipio, Deus e o meu cummicho, Deus e o meu
fim, na tempo e na eternidade. Deus... e a luz
meu intellecto, a fonte de minha vontade, o meu
consolo, a minha esperanca, a minha vida, Deus
e a chama de meu coracao, e o coracao de meu
amor, e o amor de meu coracao, e a minha
meu orgulho, a minha ambicao, a minha aspirao,
a minha alegria. Deus e a consolacao do pobre,
o animo do bravo, a pratica da innocencia, o exult
de foga, a victoria do opprimido, a esperanca do
abandonado, a perdo do arrependido, a perseveranca
da fidei, Deus, minha palavra, e o meu passado e o
meu presente e o meu futuro por vir a minha esperanca.

to, e' a minha felicidade ^{na vida} na terra e na eternidade.
Dize.

G Amor.

Senhores,

A natureza é o que me inspira, mas não posso, pelo momento em pres-
tite a minha gratidão eterna; não farei um esboço pro-
prio, pois o thema da presente conferencia já
é constituido: Farei apenas yrequisito lancarmos os fundamentos
do sobre asquede asquide levantar esse fantasma do furo
ao mais nobre dos sentimentos q' albergam padra a natureza
aristocrata e humana; afondar, proclamar, prosseguir sem
exclusão e com dupla vantagem para a vida de aquiem e de
alieu tumulto. E tendo por certo, m. r., q' se lancei mão
deste de um tal assumpto, não fui certamente para fazer desta
tribuna sagrada reclame eu eem a fita de attaher a esta
simplo a estante, hoediz talvez pela a creencia de au-
ver ali pitar sobre materia d. si por si constitue uma
novidade. Mas, m. r., não foi impellido por esses motivos,
mas sim pela o desejo de vosser util; pois, eu tambem
impelli'o por esse sentimento immato, busquei entre
as creaturas um numero o manifestar, fuzquei entre
as creaturas um objecto capaz de satisfazer a exigencia:
era o escrupulosidade de minha alma, proveu em vau.
Porisso fizeste-me entre quatro paredes, e na silencio
de claudia tive a felicidade de encontrar esse objecto
pelo a qual de a noite minha alma aspirava e suspi-
ra, e dignis de jureta as fontes christallinas beber bebida
a sciencia del tempo e da eternidade, euei os livros, dei-
rei-me inspira em Deus e na natureza, parezci-me a este
mundo com a fita de communicar a gentimentos que pela
minha alma me vas, por. eua per a humanidade melina:
da qu apparece por um objecto sobrenatural deusa
aproximar por elle das q' as circumstancias, e dentro entes
f. una de q' o coracao, conseguir; tambem diuit
mesmo no amor pora com as creaturas, manifestar e
nobilidade pelo a amor para eua Deus, e conseguir
na filij de si na terra, mas tambem na eternidade.

Anne Maria.

Anchor,

Visa nup. nutricional com ideal supremo e con-
cretavel, isto e', capaz de nos fazer felizes na Terra e na des-
nidade; não é viver, senão regitar e regitar com divina
fazer para nos e para o f. nos circumstâncias.
E todo homem, que ainda conserva algum vestigio de
sua primitiva rectidão, deve necessariamente

seria feliz e o ideal supremo, resumo, concretiza esse
seu anseio, que todos experimentamos pela felicidade.
E quando esse ideal se espalha das patentes de nossa
almas, produz um novo anseio um sofrimento mu-
to, uma pulsacao, a que os latinos chamam pater,
e nos parece muito ou parecido.

Pelo off. m. d., poderemos affirmar sem temores de errar, q.
toda ser g. sente, pensa e se emocio-na, soffre moral-
mente e é por consequente um ser apathico-mais
ou menos profundamente. Pois, todo homem f. sente, pensa,
e se emocio-na, — aspira, se alegra, teme, e se contrista;
e o desaj. a alegria, o temor e a tristez, já constituem pre-
ci-fante da princeps-praxias ou particularis de nro
almas.

Compromisso, m. s., *Relações*, de vários segs. os objectos das
várias paixões p. aucto o conceito do homem, *Inte-*
ria, ha para todas as paixões um ponto commun de
contacto, e esse ponto de contacto é (o sentimento) do
o amor.

O amor do homem para consigo, o amor do homem pelo
com o homem e o amor finalmente, de homem
para com Deus, se são as primeiras suas grandes affecto
dignas.

Amor. Affim. e. f. onde não houver amor para com Deus ou
nello não se respirar, não haverá amor propriamente
dito, mas sim um playo ou simulacro de verdadeiro
amor. E com o valer do tempo, transformar-se he
em desamor, ingratidão ou mais degenerar em vicio
ou corrupção ou amor carnal.

Amor mais, m. p., o objecto do amor da natureza pode ser natural ou subnatural. Se for subnatural, todo o homem apaixonado por um objecto natural, ouvirá a feller um outro apaixonado por um objecto subnatural; quer o e silencie o ouvirá e acobardará por amor e abjeto subnatural, não m. p. q. este ultimo e mais elevado, sendo tambem p. q. todos os p. q. r. e, como a e m. p. q. r. e, tem um ponto commun de contacto, e esse ponto e o amor, e apaixonado por este objecto subnatural, não m. p. q. r. e, mas tambem m. p. q. r. e, e seu amor natural, subnatural e m. p. q. r. e; e, por m. p. q. r. e, fôr p. q. r. e, ante as chammas ardentes do amor subnatural, verá p. q. r. e o amor natural degenerar. E é movido por esta verdade f. tendo aprehensão no estudo

mas sem novidade, depois que em pouco tempo o campo de
sanguinolentas fúlgures; time f. Me não tinha sido
victima de um grande torcisma, e por isso pude a
virgem mãe de Deus que o consola, que o reconcilia
na dos punitivos, e emquanto ella thute oon praxia
do pelas caligadas debz as entas de rapina. humoim
o pignora Virgo, lembrou-se o pignora Virgam, mui-
tura supplere a filha e extenuosa filha pignora
thante de imagines de consolatorem dos afflictos. E forte
essuros se amostre os seus, um ventu impetuosu
supra la fórn, emquanto o trovã retumbant pela
ababach celestial, um impetuosu a mea dos mactos
qua ainh. quando desrepente bahm a porta, a filha
intrompi a mea oração, foi elle entregue uma carta
e com ella trazest um retrato de filha amada, nappa
carta de elle mactas se vi e promette q. dentro de breve
tempo voltará para junto os seus. Amas elle para
a detento da filha toda antenuicida, sente ainh oon
acumbem de a mea saudades; quiza tal e presente
pura pignora abacul-o, e na impossibilidade
leva o seu retrato ao peito aperta de encontro o
coração e entre mil suspiros e vozes f. me como as
rebas de corações de uma carinhosa mãe, de qua
rolar pelo enfogad semelhante lagrimas f. tradupun
amor, lagrimas f. tradupun tos, lagrimas f. tradupun
mudis. E' deff affecto, m. 1., i' deff affecto, m.
amor ineffavel q. em entenda feller; deff affecto,
deff amor tu entre tos furo, f. de mío de Eterna
honora e q. reverberant abas de natureza angelica
e humana, vae com tantos encantos trabalhar no
mo amor de uma mãe para com sua filha, de um
filho para com sua mãe, de uma esposa para com
o seu esposo e de um esposo para com sua esposa.
Amor ineffavel q. emquanto fentra nã por Deus
vestido de todas as qualidades necessarias para sa-
tisfazer as necessidades e exigencias de nossas almas;
Aethia. em pratica mas as futez, prof. quando
amamos verdadeiramente isto e, com um affecto
micro, tal e chuo de sacrificios, de pignora
retribuidos pelo o f. amamos, com a mesma intensidade
de affecto, por um em vao. Inconstante, inconstante,
volvel, ingrato e as vezes até cruel se amostre o cor

afecto de amor, onde a não se impõe a caridade e
E' mais obstante isto, o homem qual vive questo colibri
papa a vida evoa comt por entre as creaturas em
busca da nectar, da paz e da felicidade. E' m. 1., prof.
trada nã creach o homem por Deus para amul-o,
nappa vinguido videra em coração, emquanto nelle
afecta a caridade não repause.
Crian Deus o homem, nos diz o texto sagrado, a ma ma-
gem e acumbem, e por esse mesmo fute, gravam-lhe
m' alma assever e asseverencia de videra nã
a bom, e amavel e perfeito abacul-o, que e Deus, e quiza
tambem a de certa pignora fute e mactas entre as crea-
turas, esta sua bethia, esta sua videra, amab. E' deff
e pignora, constitua de assim a bom e amavel, e perfeito
relativu, apud f. o homem de m' nã deff pignora relativu
se shovas a contemplação da bom, abacul-o, e perfeito
apud f. isto e, Deus. E' por isso f. sempre que o hom-
em com alguma creatura na qual repandee de
alguma pignora dos attributos divinos, sente m' attribuir
por elle, ama-o, deseja fute-a sua e elle f. a pignora.
pignora amava si aquella pignora de qualid. relativa
e a deseja fute sua, acumbem-lhe, não pignora intima
na pignora ella, um pignora o objectu na qual repandee
aquella qualid. abacul-o, e deseja fute sua
tambem aquella objectu. Este novo desejo thute amab
e esta uniao, amor, e este amor, repandee de pignora
de m' ar nappa corações um repinto a fute mactas
a tal almeja de felicidade f. com e go nos acumbem a pignora
deff apud fute deff pignora pela a pignora tranquil-
e deff deff objectu no qual mactas qualid. repandee
vies, pignora deff a mactas almeja e mactas gratia de fute
mactas fute, a fute deff um ultima analyse e mactas
estada estada um f. nos deff a contemplação, a pignora
e a uniao de objectu de mactas fute affectu; e o amor
e o principiu deste estere ineffavel a fute constitua a videra
fute deff deff comprehensores. Co oculo f.
o videra pignora mactas na fronte de sua carinhosa filha,
a abacul-o e contemnto f. expetimentu e a videra
abacul-o em contemnto questo aquelle a quem elle
chama com o deff nome de filha; as lagrimas que
corações contrito derrama deff deff deff deff
e as deff deff deff a alma fute prova pignora deff
mactas de pignora deff, manifestu f. de uniao pignora
Porum quist entrarmos na pignora deff objectu mactas
pignora deff deff pela a mactas de pignora as mactas pignora
deff pignora, este objectu, que videra ante o nappa deff deff
affectu de fute fute em uma videra eterna; quist mactas

[illegible]

to seu coração abrasar, como elle no mais tiffimo
sacramento de altar, chama a e nos ta eternamente
may f. maternal. filii, pube mi ser tuum; filio sa-me
e sua coraçã. Regue a oração. Diffe 23
A Dôr 59

[illegible]

demanda a sua mãe contra ella, minheira suas
mãos no sangue do f. e mãe de seus filhos e quasi
amortecida e abandonada, desorganizada - e a esse estado
em que se contempla.

E' d'os moral a que experimenta aquelles amores, pois
que alli vides junto do leito de duas galantes filhas
e agonias, victimas de uma terrivel epidemia e
de possum morrer quando quasi regos de vida em botas
constituem as victimas e esperanças presentes futuras
e a nestas mesmas contemplancias as suas presentes.

E' d'os moral a q. sofre aquelle bom amigo e oestre
moor esposo de casar mas tantas vezes thoria

uma filha. Infeliz, exorta - e com quem elle amara
mais do q. a propria vida, e sua esposa tambem
o retribuia com idêntico affecção, ora filhas, em
muitas vezes os almocor circumpos dos seus thores
filhas de prestando essa paz, com tranquillidade q.
e a recompensa das mercedias do f. e unanimis
acordo, trabalhava para a conservação e prosperidade
do lar. Mas eis q. de repente pip comeca a soprar os ven-
tojos das desamoras; a esposa flaccida, deita - e uma
batas pelas as agitações de um perfido. Depois de
haver profanado o sanctuario da familia, abandona
o lar, filhas e esposa. Dey por um a castigar; lá em
um interior de casaca, em a que emfaturar no
leito de morte fulminante pela a raiva de justiça
divina, ella morre victima da febre amarella; moor
abandonado de todos, tendo apenas a sua labo o minus-
tro do altissimo f. e exhorta para morrer a con-
tencão.

E' d'os moral a q. sofre aquelle anciano, q. ali vides um
tato junto aquelle thore; elle tem adoece enegrecido
sobre a mãe, immovel quasi estatica, e ali q. a
originate muitas horas, em q. o astra so dia se afu-
ga nos aquies, imprimindo na natureza affogante
um nã si q. de mysterioso e mudo corlo, que
se necesse em nã se elans as mudas e fudo co
mesmo tempo voutas vezes deslizar pela mata
ruas de um mublante capião prouto; elle agor
chora qual puvola suspirar e geyre. Mas pie por
de afflige, e preciso q. a violencia a n. proprias pro-
curas de thore - e, lá a sua filha enclenchada e fudo
e sua epim torra mais terna e munda dor;
mamã era uma santa, morreu com o vorto nã

um dia de thoremos a ver. Dm un dia de thoremos a
ver, e i por esse dia q. uma sempre suspiro, paço
me unira ella, e esse dia foi tãto chyst para mim
de sempre os meus lastimas te tãto, qual sup. f.
no meu de muitas angustias vus consolar - me con-
tue amblante, ora quã em vorta rãto momento
mais do f. nunca, vus suspirando as thores
de tua thora mãe. Dm a tãto o filha, m. f. tãto
q. a pãto a seu velhãto, elle prouta rãto
pãto lãto a d'os prouto, a mudas f. munda

delacua de continuo a seu corrao de thore dia fudo
enf. elle vus barre a tãto a mais prouto
a mais tãto, a mais tãto de mais prouto
vortes. E tãto coadjuvado pela sua tãto
f. munda, enquanto com uma mãto epouta a mãto
de sua quãto filha e com a outra m. epouta
ao seu bastão, lá vai elle suspirando
entre as rãto de tãto de tãto, onde tãto
ta, vus se comprãto em prouto com sua
fudo coadjuvado, acodjuvado de sua fudo
f. entre a tãto infante e tãto de tãto
de corrao a fudo completa va as tãto
d'os prouto como f. prouto de prouto. 62

E' d'os moral a q. prova aquelle fudo prouto, q. a tãto
prouto em a tãto de tãto de tãto de tãto
a acodjuvado o mudo fudo, e f. tãto tãto
a tãto de tãto de tãto de tãto de tãto
lavel, e de tãto em tãto apãto movimento
e com tãto a amodjuvado coadjuvado de sua fudo
quãto chamar por elle como quem tãto
deprouto -; prouto, nã prouto prouto de f. o
filha quem ella amara, tãto de tãto de tãto
E' d'os moral a q. experimenta aquelle d'os
mulher. f. tãto de tãto nas horas em q. o corrao
prouto de tãto, tãto de tãto, a vus
prouto, tãto de tãto sobre aquelle tãto, tãto
prouto em tãto e capiosa prouto. Dm. tãto
uma prouto de tãto, nã vus ella a tãto tãto

na esposa fiel e fiel. E com razão, ainda mais, chima
de casta e de exortação, ~~ella~~ em um oração
de reverência afor o casamento, ella vive prouto de mui-
nmente o seu turno esposa.
Porque não mais felizes e quellas f. um nascendo, le-
puz de haverem. ~~seu~~ e aquas lustras, vnaes
para finta do Eternu. Por, ~~isto~~ e de f. vna, e
fingem, aua e aua, ~~mas~~ meismamente, e
e não ha homem por mais beissat para a corte
ho mais applaudido e fustigado pels homens, por mais ~~seu~~
trahido ou audito, talento e honrificaes, e en-
trando nota vda, não tem de avaria a
sua fronte ante vta horrore e inexorabel
dubit. ~~Al!~~ Ai! ~~tudo~~ nos refremos. ~~tudo~~ nos
governamos debaixo da presen-~~ça~~ de dōs, e anhelantes
prouamos um ~~luctivo~~ de nos, ~~magas~~ entre
as creaturas, ~~proem~~, em vā. ~~prof.~~ as unicas
creaturas que nol-o ~~proem~~ affeictu ~~proem~~ a aquellas
e quias ~~creaturas~~ unidos ~~proem~~ vinculos ~~proem~~ indissolu-
tos, quias ~~proem~~ as do parentesco, da amizade e da gra-
tidão, mas ~~proem~~ ~~proem~~ nos amos, ~~proem~~ sentem-
nos dos ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~, e a ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
proua ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~, não ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
ramos em ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ da ~~proem~~ ~~proem~~
laeae, o mais que ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
choras com ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
cioras em ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
um ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
nos ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
apm como ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
se ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
da ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
dos ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
se ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
coraeas com a ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
e morte ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
no ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
quant ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
objecto da ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
ca ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
de ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
copiar em ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
virtudes, e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~

et asperum. Ora, n. nutrumque est repugnans affectu
suum cum G. D. nascera d'ahi o d'ahi ardente de nos
aspiramethoribus et identidem. Pro a elle, e nobis
aut na dōs, nos refremos, e bibendo com elle e
por amor delle no ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
sella ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
fi na ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
pro ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
chard com o ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
che ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
e' a ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
proem, ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
a ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
grat; ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
um; e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
vda com ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
della a ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
pro, ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
guras e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
se na ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
e em ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
nobiliter e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
forte ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
E ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
hor ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
mucho ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
tao; ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
das ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
re ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
refrao ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
milhamas ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
quoramas ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
que ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
o ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
amor ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
almo ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
cruz ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
na ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
amor; e ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
ex ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
no ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~
affiancos ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~ ~~proem~~

por nappys iornas discordantes, e q' grães basas, nappes,
acervo de columnas, infraestrutura e malvôles intimes,
fagun com f' muita homens, alvãis sensatas, e dignos,
do mais bello veneraçã, fagun d'este santo tribunal
e abt prohibas a seus filhães espasas de se approssimã
com dille, humens, em vista das falsas nãtias q' fã
d'esta santa e devimo instituiçã. Ave Maria.

[illegible][illegible]

1.ª pol. o em pratica por impossibilidade physica ou
 2.ª moral, não podemos justificar - nos perante de
 3.ª Deus.
 4.ª Para os trahyantes e quem ama verdaderamente
 5.ª e reconhece f. foi ingrato para o objecto de sua pre-
 6.ª dilecção, e isto verdadeiramente a offensa de deus.
 7.ª Ja justificar-se, isto é, satisfazer a offensa, deve
 8.ª por um pratica o f. satte exte a parte offendida, por
 9.ª da poder ser esculdado e tratar a amizade antiga.
 10.ª Ora f. Christo f. como nos ensina de p. a bagatela
 11.ª f. Apostolo, f. Ora ap. como f. Christo nos
 12.ª affirma f. para as cancelas a culpa de origem, e
 13.ª recebendo a agua do batismo, in re
 14.ª as em v. o, ap. tambem satisfaz f. para
 15.ª obter o purto das culpas actuaes, isto é, committidas
 16.ª depois de havermos recebido o baptismo, era necess.
 17.ª submitta as novas culpas ao tribunal da confissão,
 18.ª com o coraço verdadeiramente contrito e com o
 19.ª firme proposito de nunca mais o tornar a offen-
 20.ª der.

Mass. accepit. Ut, qui vultatem sub hanc non
supponit, sed prodest, ad tunc et confirmo? Non
penitit Deus pro ventura, no mais in hunc de
supra alio? Nū vi pro acceto, a S. S. dilecta
non corruet, quando reuertendo a malis. Tunc
non arrependunt, et facimus firmo propositis de min
Sanctus de nuda omni v. tunc a offensa.

Que mepidish ha juy de accusar - nota a Deus de
 nuyas culpas por intermédio de sacerdote, noutro
 de accusa-las, jñ nuy traxiamos, accusa-las a elle
 directamente confessand. nuy culpas e desportos
 a vnyas a mal fuytrast. Recuso e confessar o
 dnyas muitas culpas ao confessor e o p. frida.
 por certo q. nuy. nuyis. como me apertam.
 bono e a simplicis confessio de nuyas culpas q. nuy
 ao p. nuy o p. p. nuy. senao a confessio de nuyas
 p. nuy p. nuy motivo sobrenatural e com a f. e.
 me p. nuy de obter o p. nuy, e a p. nuy.
 o p. nuy a quem de nuymente de nuy.
 Voz direi q. nuy cabimento a nuy p. nuy.

[illegible]

as o orgulho, e por isso Deus quis q. o homem q. se
dita justificar-se, confessando a humilhação a elle
sua culpa, se confessar também ao seu me-
dante, para assim libertar-se delle o orgulho, única
causa propulsores da culpa. O orgulho aq. levan-
ta-se contra o seu Criador, e humilhação
sua virgem se recebe de sua graça. O peccado
de nos desviar nos exalta. por q. está escripto
q. serão felizes, são exaltados os q. se humilham
por qualquer motivo justo, plausivel, com muito
mais razão são exaltados, aq. humilhação
para cumprir um preceito divino, e na razão
directa de exhortar q. se faça sem forçar
esse preceito divino, a qual regra esp. o precep-
to de mais bella de purificação, por q.
antes de se declarar, jurar, já o extinguiu.
por q. em ^{um} nos já habitava a graça q. está
o momento q. depreendi de t. humilhação
efficaç. proposita de me humilhar, aq. notta
culpa ab-tutou da confissão.

[illegible][illegible]

Natureza Humana. Pertence aos philosophos dizer que o homem tal qual
elle se conhece pelo sentimento interno ou interior e a
reflexão. O divel. proem da theologia i encerra a segunda
as ideias q' quer acham pela utilidade e de conformidade
com a theologia affirmando ser o homem não só
o mais perfeito dos seres animados; mas tambem
elle se sei da natureza, para a qual todos os causas foram
feitas. V. d. Encyclopp. pg. 202 Homme.

Hypostase, segundo a sua theologia quer dizer: substancia
divinica, ipson, em theologia significa: Pessoa.

Esta palavra compõe-se de 70. - nous, e Personne. ou
nos, ou nous, e daí veio o nome de substancia e sub-
stancia. A Epsi. mesma f. ha inda uma m. natureza,
uma m. essencia e tres hypostases ou tres pessoas. V. d. Ency-
clopp. pg. 222 - Hypostase e Hypostatique.

Munda e Terrena fundadores das Igrejas em Planos e em in-
glez.

Immanente Actos f. permanecem na pessoa que os produzem
ou age, e que não produzem nenhum effeito fora da agente.
Os theologos como os philosophos foram obrigados, para usarem
de grand. precisão, e distinguir as actas immanentes das actas
transcendentes ou que se applicam a de fora. Assim Deus o Pai
engendra o Filho e produz o Esp. Santo por actas immanentes;
poro Filho e o Esp. Santo não são fora do Pai; pelo contrario,
Deus criou o mundo por uma acta. transitoria, porq. o mundo
existe fora de Deus. Esta distincção se usa grand. n. de vezes
M. Coinde.

Crucifixão, Imprimição das mãos.

E no entanto vos ouis uma mãe tal, que cedejamos
a matamidade daquellas fides por um fumeiro de que
Deus gerou - nos a vida de tempo com vos. De que
Deus se serviu para nos gerar a vida de graça,
fieri tão distanciado, aquellas de vos f. um mui-
curião sem tractado com esse nome tão doce
tão conhecido com f. tanto ellas como nos te invoca-
mos, prof. todos filhos de Deus e irmãos de J.C.
tuylla is a vras sempre nossa com nossa mãe
prof. a vras af. a vras maternal nas fides, vras
mãe nossa, prof. um elleo prohemio vir a
este mundo, nascendo de outro, mas em ti mãe
pudemos vir a a mundo de graça, prof. ab-
cursos et ante secula creata sum.

E vras agora vras Penhor como avulta ante
e conspicto ate memos das angustias fides de egyp-
f. com A. Barmat invoca a te fides Penhor
e fides. E nos entanto não se te exprobrastes
de omni, não se me abandonaste, mas abin-
chaste me desprobrastes.

Muito Penhor, não havia a maliciia apim com
me retumando, prof. afinal em Penhor creio
a imagem e similitude de Deus, fides in-
teligencia agulato a provida. Sem exprobrando
nos, fides vras abund e desprobra para commu-
miquando f. mais fides na balança de vras.

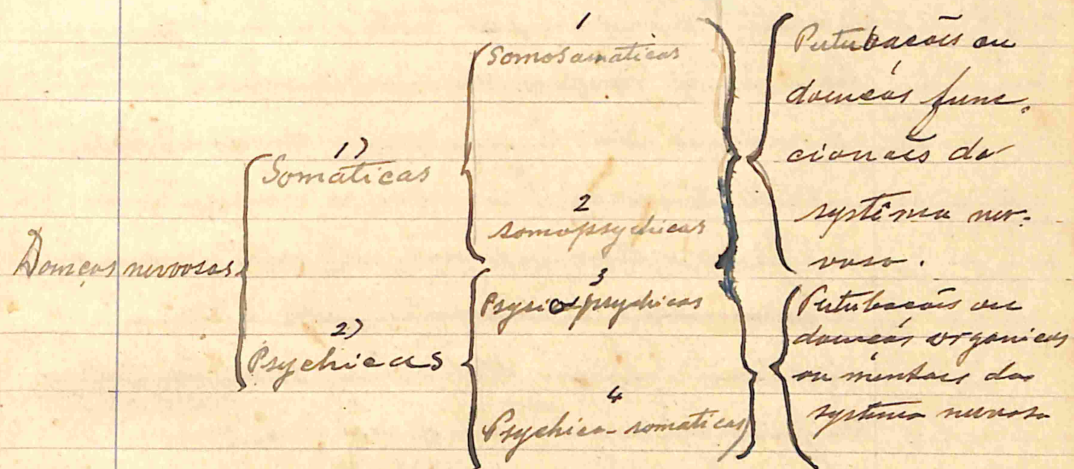
30
muito em tanta mui fides summo quasi de vras
prof. meu exprobra desprobra fides. Abin-
chaste inconsolavel dia e noite. Ah. muito Penhor,
por que me exprobrastes, prof. me abandonastes?
prof. me desprobrastes... Vras mui f. em
fides. Vras prof. com procaste? Ah. não is
tu a mãe das procastes? Não es tu aquella
celeste pastor que como tu Penhor f. Pen-
horas as noventa e nove avultas para in-
um bursa de vras entremmura Lereyano?
E não vras, Penhor mui, que procaste
de um mui contario de afasta conspro-
mista não dize complementa a teu nome
de advogado de procastes; vras tamen
de Mãe das vras. Aceito, mui fides
u a vras matamidade, fides forma que
depar f. em vras de vras de um mãe de
procastes para vras um mãe de vras fides
a mui fides? E si apim e, de que last
muito Penhor, vras a culpa? de mui
tubos, procaste que vras. De vras tubos?
fides muito Penhor, vras a culpa e todo vras
e mui fides vras. Prof. apim como
a tanta mui fides f. offendem a teu
fides amado com a vras com culpa vras
prof. mui fides de vras mãe, prof.
muita vras fides para mui vras vras

Deo so ~~at~~ ~~momentos~~ ~~de~~ ~~culpa~~ ~~de~~ ~~orgu~~
trouxo commigo; tambem culpas intellitues.
Oh! não minha umbra, porq. por longas
annos antes fi em mim raiar a promissa
raiz da vida, signal i fi. como tu me este
desta a tua maldade, e n' comecei a morrer
ou morrer, ou apor a tua da vida.

Recebo pois muitas de tuas affectuosas
cartas, mas poucas presentes e grandes presentes,
e não obstante isto não lhes falta mais e não
são tristes e affectuosas, q' grande amor as
meas viths promoveam constantemente es-
candalizad pela a pratica de q' para com
elles usas. Já te esquecistes para mim, João
de Deus, já te esquecistes de tua de pois de Paulo Inguir,
já te esquecistes de tua de pois, João? Já te
esquecistes de tua de pois de Paula de Jesus?
Já te esquecistes de tantas outras cartas, q' bõs
venhamos um rasgo alto e q' a não seja
a vith pratica, nunca talas tuas de Deus
vith chegar. E no entanto, antes de aprender
a pronunciar a nome de Deus e a escrever o
seu bello nome, antes de oim desprovar o uso
de viths em viths te mostra com a se estili
quando a tua deplandice na fidozmente,
Amor te em viths viths, amor te em
Vide p. 40

Classe de origem invasora. São o Nove Orgam. 33)

71



1. - Perturbações do psychismo inferior agindo sobre o systema nervos ganglionar - 1'
 2. - Perturbações do psychismo inferior agindo sobre o systema nervos central - 2'
 3. - Perturbações do psychismo superior agindo sobre o systema nervos central - 3'
 4. - Perturbações do psychismo superior agindo sobre o inferior. - 4'.
- 1' - Hyposthenia, hyposthenia ou hyposthenia e hyposthenia alternante ou conjunta. Symptomas exaltados simples: Nervosismo, onirosthenia, histeria, risimo, hypereia etc.
- 2' - Symptomas ou exaltações agindo sobre o systema nervos central de natureza appassional ou passional.

Malincothy e a vida ficam bons. por
 estam refritos sob a accao da vida.
 Carga de trabalho phisica, intellectual
 ou moral. mais ou menos sob a pressao da
 presente depressao phisica ou
 deprimida (q. ja e um signal de desequi-
 librio ou lesao), a lucididade.
 A volta do estado normal mais ou
 menos melancolico, sempre
 e annunciada por uma duvida
 romatica, e entao a occasiao
 e oportuna para medicacoes.
 O melancolico e necessitado ao sug-
 gestivo, ^{inf. melancolico} por um mais sempre. O q. ref.
 for a mania de persegucões ou de
 grandezas, nunca, como outras
 o melancolico que coiza e deus de
 mysticismo e cretismo. Deixa-se
 a mente em relacão as ideias e as
 neuropathias complexas, as neuropathias
 simples as vezes são suggestivas.
 Uma palavra tarta os enfermos q.
 tem ideias fixas deus e portubacões
 de idealizacões ou de idealizacões, ainda mais
 ou menos q. uma neurotica e os casos, não
 são hypnóticas ou suggestivas.

Rei.

Lubuano. Em geral no sentido escriptural quer dizer
 chefe de uma nação, e como tal o conselheiro
 e um feroz soldado e de guerra de auctoridade. Mas
 no dict. c. 33, v. 3 e 4 e 5 e 6 e 7 e 8 e 9 e 10 e 11 e 12 e 13 e 14 e 15 e 16 e 17 e 18 e 19 e 20 e 21 e 22 e 23 e 24 e 25 e 26 e 27 e 28 e 29 e 30 e 31 e 32 e 33 e 34 e 35 e 36 e 37 e 38 e 39 e 40 e 41 e 42 e 43 e 44 e 45 e 46 e 47 e 48 e 49 e 50 e 51 e 52 e 53 e 54 e 55 e 56 e 57 e 58 e 59 e 60 e 61 e 62 e 63 e 64 e 65 e 66 e 67 e 68 e 69 e 70 e 71 e 72 e 73 e 74 e 75 e 76 e 77 e 78 e 79 e 80 e 81 e 82 e 83 e 84 e 85 e 86 e 87 e 88 e 89 e 90 e 91 e 92 e 93 e 94 e 95 e 96 e 97 e 98 e 99 e 100 e 101 e 102 e 103 e 104 e 105 e 106 e 107 e 108 e 109 e 110 e 111 e 112 e 113 e 114 e 115 e 116 e 117 e 118 e 119 e 120 e 121 e 122 e 123 e 124 e 125 e 126 e 127 e 128 e 129 e 130 e 131 e 132 e 133 e 134 e 135 e 136 e 137 e 138 e 139 e 140 e 141 e 142 e 143 e 144 e 145 e 146 e 147 e 148 e 149 e 150 e 151 e 152 e 153 e 154 e 155 e 156 e 157 e 158 e 159 e 160 e 161 e 162 e 163 e 164 e 165 e 166 e 167 e 168 e 169 e 170 e 171 e 172 e 173 e 174 e 175 e 176 e 177 e 178 e 179 e 180 e 181 e 182 e 183 e 184 e 185 e 186 e 187 e 188 e 189 e 190 e 191 e 192 e 193 e 194 e 195 e 196 e 197 e 198 e 199 e 200 e 201 e 202 e 203 e 204 e 205 e 206 e 207 e 208 e 209 e 210 e 211 e 212 e 213 e 214 e 215 e 216 e 217 e 218 e 219 e 220 e 221 e 222 e 223 e 224 e 225 e 226 e 227 e 228 e 229 e 230 e 231 e 232 e 233 e 234 e 235 e 236 e 237 e 238 e 239 e 240 e 241 e 242 e 243 e 244 e 245 e 246 e 247 e 248 e 249 e 250 e 251 e 252 e 253 e 254 e 255 e 256 e 257 e 258 e 259 e 260 e 261 e 262 e 263 e 264 e 265 e 266 e 267 e 268 e 269 e 270 e 271 e 272 e 273 e 274 e 275 e 276 e 277 e 278 e 279 e 280 e 281 e 282 e 283 e 284 e 285 e 286 e 287 e 288 e 289 e 290 e 291 e 292 e 293 e 294 e 295 e 296 e 297 e 298 e 299 e 300 e 301 e 302 e 303 e 304 e 305 e 306 e 307 e 308 e 309 e 310 e 311 e 312 e 313 e 314 e 315 e 316 e 317 e 318 e 319 e 320 e 321 e 322 e 323 e 324 e 325 e 326 e 327 e 328 e 329 e 330 e 331 e 332 e 333 e 334 e 335 e 336 e 337 e 338 e 339 e 340 e 341 e 342 e 343 e 344 e 345 e 346 e 347 e 348 e 349 e 350 e 351 e 352 e 353 e 354 e 355 e 356 e 357 e 358 e 359 e 360 e 361 e 362 e 363 e 364 e 365 e 366 e 367 e 368 e 369 e 370 e 371 e 372 e 373 e 374 e 375 e 376 e 377 e 378 e 379 e 380 e 381 e 382 e 383 e 384 e 385 e 386 e 387 e 388 e 389 e 390 e 391 e 392 e 393 e 394 e 395 e 396 e 397 e 398 e 399 e 400 e 401 e 402 e 403 e 404 e 405 e 406 e 407 e 408 e 409 e 410 e 411 e 412 e 413 e 414 e 415 e 416 e 417 e 418 e 419 e 420 e 421 e 422 e 423 e 424 e 425 e 426 e 427 e 428 e 429 e 430 e 431 e 432 e 433 e 434 e 435 e 436 e 437 e 438 e 439 e 440 e 441 e 442 e 443 e 444 e 445 e 446 e 447 e 448 e 449 e 450 e 451 e 452 e 453 e 454 e 455 e 456 e 457 e 458 e 459 e 460 e 461 e 462 e 463 e 464 e 465 e 466 e 467 e 468 e 469 e 470 e 471 e 472 e 473 e 474 e 475 e 476 e 477 e 478 e 479 e 480 e 481 e 482 e 483 e 484 e 485 e 486 e 487 e 488 e 489 e 490 e 491 e 492 e 493 e 494 e 495 e 496 e 497 e 498 e 499 e 500 e 501 e 502 e 503 e 504 e 505 e 506 e 507 e 508 e 509 e 510 e 511 e 512 e 513 e 514 e 515 e 516 e 517 e 518 e 519 e 520 e 521 e 522 e 523 e 524 e 525 e 526 e 527 e 528 e 529 e 530 e 531 e 532 e 533 e 534 e 535 e 536 e 537 e 538 e 539 e 540 e 541 e 542 e 543 e 544 e 545 e 546 e 547 e 548 e 549 e 550 e 551 e 552 e 553 e 554 e 555 e 556 e 557 e 558 e 559 e 560 e 561 e 562 e 563 e 564 e 565 e 566 e 567 e 568 e 569 e 570 e 571 e 572 e 573 e 574 e 575 e 576 e 577 e 578 e 579 e 580 e 581 e 582 e 583 e 584 e 585 e 586 e 587 e 588 e 589 e 590 e 591 e 592 e 593 e 594 e 595 e 596 e 597 e 598 e 599 e 600 e 601 e 602 e 603 e 604 e 605 e 606 e 607 e 608 e 609 e 610 e 611 e 612 e 613 e 614 e 615 e 616 e 617 e 618 e 619 e 620 e 621 e 622 e 623 e 624 e 625 e 626 e 627 e 628 e 629 e 630 e 631 e 632 e 633 e 634 e 635 e 636 e 637 e 638 e 639 e 640 e 641 e 642 e 643 e 644 e 645 e 646 e 647 e 648 e 649 e 650 e 651 e 652 e 653 e 654 e 655 e 656 e 657 e 658 e 659 e 660 e 661 e 662 e 663 e 664 e 665 e 666 e 667 e 668 e 669 e 670 e 671 e 672 e 673 e 674 e 675 e 676 e 677 e 678 e 679 e 680 e 681 e 682 e 683 e 684 e 685 e 686 e 687 e 688 e 689 e 690 e 691 e 692 e 693 e 694 e 695 e 696 e 697 e 698 e 699 e 700 e 701 e 702 e 703 e 704 e 705 e 706 e 707 e 708 e 709 e 710 e 711 e 712 e 713 e 714 e 715 e 716 e 717 e 718 e 719 e 720 e 721 e 722 e 723 e 724 e 725 e 726 e 727 e 728 e 729 e 730 e 731 e 732 e 733 e 734 e 735 e 736 e 737 e 738 e 739 e 740 e 741 e 742 e 743 e 744 e 745 e 746 e 747 e 748 e 749 e 750 e 751 e 752 e 753 e 754 e 755 e 756 e 757 e 758 e 759 e 760 e 761 e 762 e 763 e 764 e 765 e 766 e 767 e 768 e 769 e 770 e 771 e 772 e 773 e 774 e 775 e 776 e 777 e 778 e 779 e 780 e 781 e 782 e 783 e 784 e 785 e 786 e 787 e 788 e 789 e 790 e 791 e 792 e 793 e 794 e 795 e 796 e 797 e 798 e 799 e 800 e 801 e 802 e 803 e 804 e 805 e 806 e 807 e 808 e 809 e 810 e 811 e 812 e 813 e 814 e 815 e 816 e 817 e 818 e 819 e 820 e 821 e 822 e 823 e 824 e 825 e 826 e 827 e 828 e 829 e 830 e 831 e 832 e 833 e 834 e 835 e 836 e 837 e 838 e 839 e 840 e 841 e 842 e 843 e 844 e 845 e 846 e 847 e 848 e 849 e 850 e 851 e 852 e 853 e 854 e 855 e 856 e 857 e 858 e 859 e 860 e 861 e 862 e 863 e 864 e 865 e 866 e 867 e 868 e 869 e 870 e 871 e 872 e 873 e 874 e 875 e 876 e 877 e 878 e 879 e 880 e 881 e 882 e 883 e 884 e 885 e 886 e 887 e 888 e 889 e 890 e 891 e 892 e 893 e 894 e 895 e 896 e 897 e 898 e 899 e 900 e 901 e 902 e 903 e 904 e 905 e 906 e 907 e 908 e 909 e 910 e 911 e 912 e 913 e 914 e 915 e 916 e 917 e 918 e 919 e 920 e 921 e 922 e 923 e 924 e 925 e 926 e 927 e 928 e 929 e 930 e 931 e 932 e 933 e 934 e 935 e 936 e 937 e 938 e 939 e 940 e 941 e 942 e 943 e 944 e 945 e 946 e 947 e 948 e 949 e 950 e 951 e 952 e 953 e 954 e 955 e 956 e 957 e 958 e 959 e 960 e 961 e 962 e 963 e 964 e 965 e 966 e 967 e 968 e 969 e 970 e 971 e 972 e 973 e 974 e 975 e 976 e 977 e 978 e 979 e 980 e 981 e 982 e 983 e 984 e 985 e 986 e 987 e 988 e 989 e 990 e 991 e 992 e 993 e 994 e 995 e 996 e 997 e 998 e 999 e 1000 e 1001 e 1002 e 1003 e 1004 e 1005 e 1006 e 1007 e 1008 e 1009 e 1010 e 1011 e 1012 e 1013 e 1014 e 1015 e 1016 e 1017 e 1018 e 1019 e 1020 e 1021 e 1022 e 1023 e 1024 e 1025 e 1026 e 1027 e 1028 e 1029 e 1030 e 1031 e 1032 e 1033 e 1034 e 1035 e 1036 e 1037 e 1038 e 1039 e 1040 e 1041 e 1042 e 1043 e 1044 e 1045 e 1046 e 1047 e 1048 e 1049 e 1050 e 1051 e 1052 e 1053 e 1054 e 1055 e 1056 e 1057 e 1058 e 1059 e 1060 e 1061 e 1062 e 1063 e 1064 e 1065 e 1066 e 1067 e 1068 e 1069 e 1070 e 1071 e 1072 e 1073 e 1074 e 1075 e 1076 e 1077 e 1078 e 1079 e 1080 e 1081 e 1082 e 1083 e 1084 e 1085 e 1086 e 1087 e 1088 e 1089 e 1090 e 1091 e 1092 e 1093 e 1094 e 1095 e 1096 e 1097 e 1098 e 1099 e 1100 e 1101 e 1102 e 1103 e 1104 e 1105 e 1106 e 1107 e 1108 e 1109 e 1110 e 1111 e 1112 e 1113 e 1114 e 1115 e 1116 e 1117 e 1118 e 1119 e 1120 e 1121 e 1122 e 1123 e 1124 e 1125 e 1126 e 1127 e 1128 e 1129 e 1130 e 1131 e 1132 e 1133 e 1134 e 1135 e 1136 e 1137 e 1138 e 1139 e 1140 e 1141 e 1142 e 1143 e 1144 e 1145 e 1146 e 1147 e 1148 e 1149 e 1150 e 1151 e 1152 e 1153 e 1154 e 1155 e 1156 e 1157 e 1158 e 1159 e 1160 e 1161 e 1162 e 1163 e 1164 e 1165 e 1166 e 1167 e 1168 e 1169 e 1170 e 1171 e 1172 e 1173 e 1174 e 1175 e 1176 e 1177 e 1178 e 1179 e 1180 e 1181 e 1182 e 1183 e 1184 e 1185 e 1186 e 1187 e 1188 e 1189 e 1190 e 1191 e 1192 e 1193 e 1194 e 1195 e 1196 e 1197 e 1198 e 1199 e 1200 e 1201 e 1202 e 1203 e 1204 e 1205 e 1206 e 1207 e 1208 e 1209 e 1210 e 1211 e 1212 e 1213 e 1214 e 1215 e 1216 e 1217 e 1218 e 1219 e 1220 e 1221 e 1222 e 1223 e 1224 e 1225 e 1226 e 1227 e 1228 e 1229 e 1230 e 1231 e 1232 e 1233 e 1234 e 1235 e 1236 e 1237 e 1238 e 1239 e 1240 e 1241 e 1242 e 1243 e 1244 e 1245 e 1246 e 1247 e 1248 e 1249 e 1250 e 1251 e 1252 e 1253 e 1254 e 1255 e 1256 e 1257 e 1258 e 1259 e 1260 e 1261 e 1262 e 1263 e 1264 e 1265 e 1266 e 1267 e 1268 e 1269 e 1270 e 1271 e 1272 e 1273 e 1274 e 1275 e 1276 e 1277 e 1278 e 1279 e 1280 e 1281 e 1282 e 1283 e 1284 e 1285 e 1286 e 1287 e 1288 e 1289 e 1290 e 1291 e 1292 e 1293 e 1294 e 1295 e 1296 e 1297 e 1298 e 1299 e 1300 e 1301 e 1302 e 1303 e 1304 e 1305 e 1306 e 1307 e 1308 e 1309 e 1310 e 1311 e 1312 e 1313 e 1314 e 1315 e 1316 e 1317 e 1318 e 1319 e 1320 e 1321 e 1322 e 1323 e 1324 e 1325 e 1326 e 1327 e 1328 e 1329 e 1330 e 1331 e 1332 e 1333 e 1334 e 1335 e 1336 e 1337 e 1338 e 1339 e 1340 e 1341 e 1342 e 1343 e 1344 e 1345 e 1346 e 1347 e 1348 e 1349 e 1350 e 1351 e 1352 e 1353 e 1354 e 1355 e 1356 e 1357 e 1358 e 1359 e 1360 e 1361 e 1362 e 1363 e 1364 e 1365 e 1366 e 1367 e 1368 e 1369 e 1370 e 1371 e 1372 e 1373 e 1374 e 1375 e 1376 e 1377 e 1378 e 1379 e 1380 e 1381 e 1382 e 1383 e 1384 e 1385 e 1386 e 1387 e 1388 e 1389 e 1390 e 1391 e 1392 e 1393 e 1394 e 1395 e 1396 e 1397 e 1398 e 1399 e 1400 e 1401 e 1402 e 1403 e 1404 e 1405 e 1406 e 1407 e 1408 e 1409 e 1410 e 1411 e 1412 e 1413 e 1414 e 1415 e 1416 e 1417 e 1418 e 1419 e 1420 e 1421 e 1422 e 1423 e 1424 e 1425 e 1426 e 1427 e 1428 e 1429 e 1430 e 1431 e 1432 e 1433 e 1434 e 1435 e 1436 e 1437 e 1438 e 1439 e 1440 e 1441 e 1442 e 1443 e 1444 e 1445 e 1446 e 1447 e 1448 e 1449 e 1450 e 1451 e 1452 e 1453 e 1454 e 1455 e 1456 e 1457 e 1458 e 1459 e 1460 e 1461 e 1462 e 1463 e 1464 e 1465 e 1466 e 1467 e 1468 e 1469 e 1470 e 1471 e 1472 e 1473 e 1474 e 1475 e 1476 e 1477 e 1478 e 1479 e 1480 e 1481 e 1482 e 1483 e 1484 e 1485 e 1486 e 1487 e 1488 e 1489 e 1490 e 1491 e 1492 e 1493 e 1494 e 1495 e 1496 e 1497 e 1498 e 1499 e 1500 e 1501 e 1502 e 1503 e 1504 e 1505 e 1506 e 1507 e 1508 e 1509 e 1510 e 1511 e 1512 e 1513 e 1514 e 1515 e 1516 e 1517 e 1518 e 1519 e 1520 e 1521 e 1522 e 1523 e 1524 e 1525 e 1526 e 1527 e 1528 e 1529 e 1530 e 1531 e 1532 e 1533 e 1534 e 1535 e 1536 e 1537 e 1538 e 1539 e 1540 e 1541 e 1542 e 1543 e 1544 e 1545 e 1546 e 1547 e 1548 e 1549 e 1550 e 1551 e 1552 e 1553 e 1554 e 1555 e 1556 e 1557 e 1558 e 1559 e 1560 e 1561 e 1562 e 1563 e 1564 e 1565 e 1566 e 1567 e 1568 e 1569 e 1570 e 1571 e 1572 e 1573 e 1574 e 1575 e 1576 e 1577 e 1578 e 1579 e 1580 e 1581 e 1582 e 1583 e 1584 e 1585 e 1586 e 1587 e 1588 e 1589 e 1590 e 1591 e 1592 e 1593 e 1594 e 1595 e 1596 e 1597 e 1598 e 1599 e 1600 e 1601 e 1602 e 1603 e 1604 e 1605 e 1606 e 1607 e 1608 e 1609 e 1610 e 1611 e 1612 e 1613 e 1614 e 1615 e 1616 e 1617 e 1618 e 1619 e 1620 e 1621 e 1622 e 1623 e 1624 e 1625 e 1626 e 1627 e 1628 e 1629 e 1630 e 1631 e 1632 e 1633 e 1634 e 1635 e 1636 e 1637 e 1638 e 1639 e 1640 e 1641 e 1642 e 1643 e 1644 e 1645 e 1646 e 1647 e 1648 e 1649 e 1650 e 1651 e 1652 e 1653 e 1654 e 1655 e 1656 e 1657 e 1658 e 1659 e 1660 e 1661 e 1662 e 1663 e 1664 e 1665 e 1666 e 1667 e 1668 e 1669 e 1670 e 1671 e 1672 e 1673 e 1674 e 1675 e 1676 e 1677 e 1678 e 1679 e 1680 e 1681 e 1682 e 1683 e 1684 e 1685 e 1686 e 1687 e 1688 e 1689 e 1690 e 1691 e 1692 e 1693 e 1694 e 1695 e 1696 e 1697 e 1698 e 1699 e 1700 e 1701 e 1702 e 1703 e 1704 e 1705 e 1706 e 1707 e 1708 e 1709 e 1710 e 1711 e 1712 e 1713 e 1714 e 1715 e 1716 e 1717 e 1718 e 1719 e 1720 e 1721 e 1722 e 1723 e 1724 e 1725 e 1726 e 1727 e 1728 e 1729 e 1730 e 1731 e 1732 e 1733 e 1734 e 1735 e 1736 e 1737 e 1738 e 1739 e 1740 e 1741 e 1742 e 1743 e 1744 e 1745 e 1746 e 1747 e 1748 e 1749 e 1750 e 1751 e 1752 e 1753 e 1754 e 1755 e 1756 e 1757 e 1758 e 1759 e 1760 e 1761 e 1762 e 1763 e 1764 e 1765 e 1766 e 1767 e 1768 e 1769 e 1770 e 1771 e 1772 e 1773 e 1774 e 1775 e 1776 e 1777 e 1778 e 1779 e 1780 e 1781 e 1782 e 1783 e 1784 e 1785 e 1786 e 1787 e 1788 e 1789 e 1790 e 1791 e 1792 e 1793 e 1794 e 1795 e 1796 e 1797 e 1798 e 1799 e 1800 e 1801 e 1802 e 1803 e 1804 e 1805 e 1806 e 1807 e 1808 e 1809 e 1810 e 1811 e 1812 e 1813 e 1814 e 1815 e 1816 e 1817 e 1818 e 1819 e 1820 e 1821 e 1822 e 1823 e 1824 e 1825 e 1826 e 1827 e 1828 e 1829 e 1830 e 1831 e 1832 e 1833 e 1834 e 1835 e 1836 e 1837 e 1838 e 1839 e 1840 e 1841 e 1842 e 1843 e 1844 e 1845 e 1846 e 1847 e 1848 e 1849 e 1850 e 1851 e 1852 e 1853 e 1854 e 1855 e 1856 e 1857 e 1858 e 1859 e 1860 e 1861 e 1862 e 1863 e 1864 e 1865 e 1866 e 1867 e 1868 e 1869 e 1870 e 1871 e 1872 e 1873 e 1874 e 1875 e 1876 e 1877 e 1878 e 1879 e 1880 e 1881 e 1882 e 1883 e 1884 e 1885 e 1886 e 1887 e 1888 e 1889 e 1890 e 1891 e 1892 e 1893 e 1894 e 1895 e 1896 e 1897 e 1898 e 1899 e 1900 e 1901 e 1902 e 1903 e 1904 e 1905 e 1906 e 1907 e 1908 e 1909 e 1910 e 1911 e 1912 e 1913 e 1914 e 1915 e 1916 e 1917 e 1918 e 1919 e 1920 e 1921 e 1922 e 1923 e 1924 e 1925 e 1926 e 1927 e 1928 e 1929 e 1930 e 1931 e 1932 e 1933 e 1934 e 1935 e 1936 e 1937 e 1938 e 1939 e 1940 e 1941 e 1942 e 1943 e 1944 e 1945 e 1946 e 1947 e 1948 e 1949 e 1950 e 1951 e 1952 e 1953 e 1954 e 1955 e 1956 e 1957 e 1958 e 1959 e 1960 e 1961 e 1962 e 1963 e 1964 e 1965 e 1966 e 1967 e 1968 e 1969 e 1970 e 1971 e 1972 e 1973 e 1974 e 1975 e 1976 e 1977 e 1978 e 1979 e 1980 e 1981 e 1982 e 1983 e 1984 e 1985 e 1986 e 1987 e 1988 e 1989 e 1990 e 1991 e 1992 e 1993 e 1994 e 1995 e 1996 e 1997 e 1998 e 1999 e 2000 e 2001 e 2002 e 2003 e 2004 e 2005 e 2006 e 2007 e 2008 e 2009 e 2010 e 2011 e 2012 e 2013 e 2014 e 2015 e 2016 e 2017 e 2018 e 2019 e 2020 e 2021 e 2022 e 2023 e 2024 e 2025 e 2026 e 2027 e 2028 e 2029 e 2030 e 2031 e 2032 e 2033 e 2034 e 2035 e 2036 e 2037 e 2038 e 2039 e 2040 e 2041 e 2042 e 2043 e 2044 e 2045 e 2046 e 2047 e 2048 e 2049 e 2050 e 2051 e 2052 e 2053 e 2054 e 2055 e 2056 e 2057 e 2058 e 2059 e 2060 e 2061 e 2062 e 2063 e 2064 e 2065 e 2066 e 2067 e 2068 e 2069 e 2070 e 2071 e 2072 e 2073 e 2074 e 2075 e 2076 e 2077 e 2078 e 2079 e 2080 e 2081 e 2082 e 2083 e 2084 e 2085 e 2086 e 2087 e 2088 e 2089 e 2090 e 2091 e 2092 e 2093 e 2094 e 2095 e 2096 e 2097 e 2098 e 2099 e 2100 e 2101 e 2102 e 2103 e 2104 e 2105 e 2106 e 2107 e 2108 e 2109 e 2110 e 2111 e 2112 e 2113 e 2114 e 2115 e 2116 e 2117 e 2118 e 2119 e 2120 e 2121 e 2122 e 2123 e 2124 e 2125 e 2126 e 2127 e 2128 e 2129 e 2130 e 2131 e 2132 e 2133 e 2134 e 2135 e 2136 e 2137 e 2138 e 2139 e 2140 e 2141 e 2142 e 2143 e 2144 e 2145 e 2146 e 2147 e 2148 e 2149 e 2150 e 2151 e 2152 e 2153 e 2154 e 2155 e 2156 e 2157 e 2158 e 215

podendo tem vral da expressão. c) Aphasias sensorias ou de compreensão, ponda au defeito de compreensão da palavra e da escripta, por vicio cerebral de ~~essa~~ recepção. Typos: surdez verbal; impossibilidade de ~~ouvir~~ compreender a palavra ouvida; cegueira verbal; impossibilidade de compreender a palavra lida; paraphasia, isto é, as palavras usadas não correspondem ao sentido, alhes por boçalhos. Typos mistos, variantes, de. Mais importante porém ao ~~estudo~~ presente, é a distincção physiologica, realçada principalmente por Dejerine das aphasias em dois grupos.

a) Aphasias corticais ou nucleares, resultantes da destruição de centros e troncos da linguagem. É aphasias relativamente íntegro de inteligência, não se pode comunicar e não tem a ^{faculdade} linguagem da linguagem interior. Seria comparável a um homem surdo, ou seja, não entende o que lhe dizem e não pode falar. (Bouffard). b) Aphasias subcorticais ou finas, resultantes da destruição das vias de condução da linguagem. O aphasico, íntegro de inteligência, não se pode comunicar, mas tem a faculdade da linguagem interior. Seria comparável a um homem surdo cuja palavra não se pode ouvir, mas não pode falar. (Bouffard). Por consequência, nas aphasias finas ou subcorticais a inteligência é íntegra e não se

forma sob o aspecto algum civil ou criminal ao medico.
Segundo. E' um syndrome nervoso q. e' preciso deixar somente
ao clinico. Mesaphorias contrarias, por em, a intelligencia
e' attingida. Talvez haja exag. falar de edemose o ptha-
sica, como Bianchi. Como que seja a de mimisimã
depende da intensão e intensidade da lesão, que deve me-
ritar dada uma cota com particularmente (St. Mariae).
Pm. supor q. o syndrome tem commença com outras
doenças, nervosas e mentaes e que o factor i'ph. p. deficiên-
cia natural de circulação do encephalo p. a obstrucção
das vias e consequentemente mi. natur. q. d. eliminat.
nobra e sua regressão simif. tem valor caracter. ad, que
e' preciso attender.

1. Sobre a alienação,
Alheio, de alio, alio, de alio, alio, e o indivíduo
alheio ao seu meio social, alio que os indivíduos que
se creiam. Alienação mental é o conjunto de estados
psicológicos em que perturbações mentais apresentam um
caracter anti-social

Sobra a vida psíquica.
 Sob as virtudes destas funções: Percepção, inteligência,
 emoção e vontade. A consciência que a domina,
 e' mais elevada, e sobra a forma vasta synthese, te-
 m a propósito uma ou outra referencia.
 A Percepção, mais distincta. 1.º O organ de visao

dos nossos sentidos é atingido por uma impressão sufficientemente intensa (consciência), 2) A ausência da intensidade sufficiente excita uma actividade mais ou menos do organo central no sentido de se realisar a mais clara e distintamente possível (atenção), 3) As impressões externas transformam-se em factos psychicos, todos os elementos do espirito concorrem para a examinação ou verificação duma occorrença (consciência), 4) A percepção localisada pela atenção é projectada na consciencia urbana ali a impressão externa, agora luminosa, tactil, gustativa, olfactiva, sonora (consciência). No disturbio da percepção há de estar de se os propriamente ditos (percepções illusórias) e os disturbios da atenção (paralysia, mobilidade) e da consciencia (inconsciencia, estados excrementais, hyperconsciencia).

Percepções illusórias. A percepção pode se alterar ou mesmo intuitivamente falsificada. Não, ouve-se, gosta-se, olha-se uma coisa por outra (illusão). Não, ouve-se, olha-se uma coisa que não existe (hallucinação).

Disturbios da atenção A atenção é uma percepção activa, para differenciar a Wandt chama a appercepção, é um estado fortemente encephalico e ao mesmo tempo estavel da actividade psychica.

Chama (Ferd). A impressão se dilue em concentração, dirige-se para uma actividade, porque muitas vezes impressões se apparecem na consciencia e a atenção se enfraquece acabando na distracção. Ha por consequente estados mais ou menos atentos, nullo da atenção espontanea por impressões externas sufficientes até a atenção reflectida, orientada e mantida pela vontade, que melhora a tração no avião da fadiga e da doença.

Disturbios da consciencia. A consciencia pode mediar entre a synthese das ideias de nossa realidade, no mundo que nos cerca, num tempo dado. Isto seria a ideia f. mas existe uma consciencia, mas estados de consciencia, que se solidam e se continuam. Igual mente neste complexo, ha a distinguir tres factores, nomeadamente a personalidade, nomeadamente de mais que nasce, nomeadamente de tempo. As perturbacoes da consciencia referem-se, pois, a histeria (inconsciencia, estados excrementais) ou exagrio (hyperconsciencia), de uma manifestação completa e a histeria recta dos elementos.

Inconsciencia, estados excrementais. Uma percepção depende de uma impressão externa de certo intuitivo e de organos perceptivos em certo estado. A inconsciencia vem da enfraquecimento das impressões externas insufficientes ou da

propriedades orgânicas ou funcionais dos elementos
corticais do cérebro. Por consequência, compreendendo-se
f. memo aumentada a impressão externa, e resultando
seria memo, i. e., correlatamente, isto ver de diminuir
a impressionabilidade cortical. Sabi dessas variantes
os graus maiores ou menores da clareza da consciên-
cia que são os estados epurculares, que podem in-
duzir a confusão, signifi. de amnésia completa, até
à obnubilacão, passando de reminiscências impre-
cisas para o esquecimento da crise. Um exemplo de estados
epurculares da consciência é a sonno mais
ou menos profundo ou leve, mas mais diversas
formas, na mesma pessoa, e, constantemente em
diversas pessoas. Estes qualificativos de leve e
profundo, applicados pelo vulgo ao somno, talvez
que apenas a noção científica dos graus de consci-
ência ou estados epurculares n'uma circunstancia
physiologica. A consciência se espuma e em
estados epurculares cada vez mais sombrio, até o
sombrio profundo, a clara se de novo em estados epur-
culares, cada vez mais lucidos, até o despertar.
Em outros estados moribundos, nas crises epilepticas e histéricas,
tão raras sobre este aspecto, na mesma pessoa e nos dif-
ferentes pessoas, temos exemplos pathologicos de estados epur-
culares, mais consciências de inconscientes. Como um

gentil elle não julgando pelo visível que duvidasse na memoria,
convém attender n'um erro commun e que consiste em
tender-se inconscientes por amnésia. A mesma inconse-
ciencia ^{longa} de crises epilepticas, está neste caso. Muitos vizes ha-
bri estados de consciencia variavel, estados epurculares,
julgados dignos de incompletamente inconscientes, porque a
luz segun amnésia retrograda. Fica reparar sobre o caso
e alguns autores, em att., insistiram nelle com observações.
Porém, torna longo e complicado subter o erro carteziano
da invariabilidade da consciencia, substituindo na sciên-
cia moderna pela noção diversa de Leibnitz, de estados
de consciencia. Ponte de ver que as mais bellas concepções
da psychologia ali está o Hypnotismo, o espiritismo,
as subtrações da personalidade, o automatismo psy-
chologico, encontram nelle uma explicação — A consciên-
cia por consciencia vem dos estados particularmente
attentos a uma percepção ou representação isolada, em
exclusão de todos os mais actos e dados psychicos. Por
isso, elles se realisão tão facilmente no extase ou
nos estados hypnoticos em que o monolismo (Osho-
rowicz), espontaneo ou provocado é regra.
As perturbacões da consciencia relacionas nas condições
móveis da personalidade (orientação auto. psychica de Wernicke)
móveis da mente (orientação allo. psychica de Wernicke), n'uma de
longa - primum se. inextinguívelmente, não são as destituições

perceptivos, mas principalmente nas causas primárias, causas, na alteração da consistência ou tonus vital, melhor compreendidas a propósito da emaciação, ou no retorno a alterações da memória estudadas saguina furea, a propósito da inteligência.

Intelligencia - sem distúrbios -

A) Memória 1) Impressões externas perceptíveis deixam no cérebro traços, sujeitos ao vestígio de sua passagem (memória de fixação, memória de conservação). 2) Quando uma percepção chega ao campo da consciência é comparada aos vestígios de percepções anteriores semelhantes e então identificada ou diferenciada (reconhecimento). 3) Os vestígios de percepções anteriores podem ser evocados e reproduzidos à consciência (memória de reprodução ou representação). Há pois, a considerar na memória: a) fixação de uma percepção, sob a forma de registro, engrama (Semon), ou imagem memorial; b) conservação do engrama, ou imagem memorial fixada; c) evocação e reprodução dos engramas conservados: reprodução. Distúrbios da memória são processos psicóticos decorrentes no revêlo patológico ou formas de perturbação da memória, chamados comumente, mas erradamente, de amnésia. Amnésia seria privação de memória. O caso mais geral é o de distúrbio ou alteração, mais propriamente chamada Síndrome. Por esse termo, pois: a) amnésia de fixação ou anterograde, b) Síndrome e amnésia de conservação ou retrograde, c) Síndrome de reprodução.

1) A capacidade de fixação (Wernicke) de uma imagem no cérebro, depende da maior clareza desta como percepção ou de seu melhor recebimento no cérebro pela atenção. Quando um g. as percepções são difusas e a atenção superficial, as imagens não se fixam e, propriamente, não haverá memória delas. Compreendendo a, pois, melhor uma ausência de fixação ou amnésia de fixação, que uma memória de fixação que lhe devia ser o correspondente fisiológico. Em não se fixar uma imagem perceptível, não há uma acção de memória, mas há até a privação desta, que é a amnésia de fixação. É a forma amnésia de estado agudo, especialmente de confusão ou extremos da agitação e de depressão psíquica. 2) A percepção fixada na memória ahi se conserva por tempo variavel dependendo do organo conservador e da intensidade da imagem recebida. Há indivíduos de boa ou má memória conservadora. Há impressões que se conservam diferentemente, sua intensidade e sua repetição fazem, além um muito o processo de conservação. A Síndrome, nos casos extremos, a amnésia de conservação nem entretanto de alteração exclusiva do organo conservador e, por isto mesmo, por si importa construção imparcial da memória. Há impressões patológicas mais graves que a amnésia de fixação ou diminuição de reprodução. De facto são o correlativo das demências, antes da fase dos estados agudos e transitórios, que atingem a fixação ou a reprodução. Facto averiguado é q. há na conservação do engrama, uma identificação, por isso, das imagens, como nos ca.

uma representação. Como a representação contigua se repete
clara, nos palcos, cujo numero é infinitamente menor,
que o das representações, se associam muitos diferentes que
são as percepções sonoras, figuradas, transitórias. Muitos d'ellas com-
mum numero formula breve longas expontes de historia humana.
No estado normal de percepção há a idéa regular, as associa-
ções formam-se dentro de certo molde e em certa direcção,
moderadas pela consciência e guiadas pela attenção e pela
verdade. Estes factores perturbadores modificam a percepção de ver-
dade que se realisa então com leis processos singulares e desordemados,
mente. Há a uniformidade, a persistência, a fixidez, a polixi-
dade, a incoherência, a fuga, a confusão de idéas communs a
tanta estado morbidos. Estados mias da verdade e da attenção
quatrovidas por alteração da immutabilidade dominam as pri-
marias na uniformidade, na persistência, na fixidez das idéas.
A verdade abstrahida para cada um se pode oppor a trama au-
tomática das funções subalternas que unilateralisa a vida
psíquica numa idéa constante, repetida, fixa até, occor-
rendo intensamente o campo da consciência. Estão neste caso
principalmente as idéas fixas e as idéas obsessivas. Pensar,
expressões, de acção mental da verdade, acção obsessiva e apertada
as mais outras representações obsessivas lógicas e apertadas, são
uma condição torçura, mas de que se não procuram liber-
tar, expressões de funções ou consequência de um mal
f. m. condição torçura ou de um excepcional a que

está deu fugir. Obsessões, as últimas, são perceptas, extremas,
impresões lógicas e apertadas, dispostas com as demais
representações da verdade, as quais são prezadas conscientemente
libertas se. Um individuo attribue a morte de um filho obses-
sa de uma família de culpa de seu duro em um certo instante
esta idéa fixa permanente e, persegue o, mas o doente, achan-
do a natureza, libta não lucro fugir. Murmura admonição de
dentro expressos: Quas funções. Obsessões de culpa
de lucro o filho de uma para família cada vez que o vê,
e evita o, e o tormento, procurando a test o torço fun-
tar se a uma idéa obsessiva. Sob o aspecto diferente há sempre
uma delicadeza da verdade deixando a idéa crasta dante
de automatismo torçura. Por isso as alterações as denomi-
nam lides de idéas coactas. Muitos casos é ao inverso,
a polixidade as incoherência, a fuga, e até a confusão
de idéas: denominam phenomenos de imutabilidade.
O tono vital se perturba e salto da vigilância de obses-
são e de correção inibitória da verdade, desordem se
num flasco de imagens verbas que chega a dar a aparencia
de hypnoides caso. É proprio de estados maniacos, em que
uma excitação lógica permittia a supponção de um
trabalho excitant mais productivo que o normal, embora
mais ardoroso, fale se em fuga de idéas, expressão
infeliz f. m. proprietária em psiquiatria. Turam, num
condição, idéas aceleradas, desfocadas, por falta das

commensuradas supostas pela excitação. Mas não ha tal. O conteúdo
psíquico dos seus fugas de ideias é, ao contrario, de uma pro-
pria superabundância. Num mesmo ha a opposição acule-
resque idéias. Como a consciência e a verdade estão
perturbadas, o curso da idéias não se mantem em melodia
e direcção regular e as representações secundarias, passantes,
volatiles, antigas, e intermitentes na liquidez do
agitado, desviando-lhe e desordenando-lhe o discurso.
Mais desordem ainda se verifica quando a afirmação
e a verdade se annullam: as idéias já não se associam,
combinam, ordenam... imagens verbis surgem
automaticamente sem ligação nem proposito, diver-
sas, autonomas, incoherentes: é a incoherência
de idéias. Ha então uma privação completa de
associação, que entretanto existe, mais ou menos,
perturbada, na fuga das idéias. Descripção ^{com} a liquidez ha
apenas maiores desordens da afirmação, da verdade e da
consciência. E o plano luminoso do automatismo
psíquico, desordenado pela emotividade bonte e
vibrando pela consciência e verdade abalados.
Entre representações que se associam, a consciência
pode relacionar reais ou imaginários. Suprimimos logo se o contexto
do pensamento normal; Sy alturas, relações imaginárias pos-
síveis entre representações desordenadas as idéias falsas. Se esta fal-
sidade chega ao absurdo de se oppor á evidência é já

inimidade diligente. Delirio, de leare, brn, riço, ceminho, linha
reda, delirium, mar do ceminho, extraviar-se. Num confinamento
idéias delirantes constitue o delirio. Se as idéias se agrupam sem
opposito, um mao, um plausibilidade, com um curto de
completo disparate, o delirio é chamado incoherente ou incon-
sistente; n'ella, ao invés, se organiza com aparencia lógica,
formando um todo razoado, uma razoavel, verosimil, uma
verdadeir, seg a systematizacão. As idéias delirantes repartem-se
em tres grupos principaes: idéias melancolicas, idéias de
persecução, idéias de grandeza. As idéias melancolicas são
sempre secundarias á perturbação emotiva da personalidade
(consciência); são por isso humildes, passivas, mansuetas, ten-
dendo para negação, para inanição, para o suicidio. Os
suicidas hypnotistas, physica e mentalmente, quixam-se, les-
timam-se, accusam-se de feitos, peccados, crimes, m pro-
fundamente misericordis e depressivos (idéias de humildade e
culpabilidade), sufrem por isso e por tudo, misericordis, pro-
vação, abandono (idéias de suicida), malu g, adnigem tem-
ber o physico, e ranque não he cor na rua, e estomago
está estragado, e coração não funciona, tudo ella profunda-
mente alterado (idéias de hypercondria), chegam as vezes a se-
alhar em parte da totalmente, não tem ar de ro, e puto
e o vento estão varios, estão mortos e apodrecidos, não existem
nenhum, e tudo para o, e se extinguem se (idéias de negação).
N'outros condições são as vezes am de além, estão profundos.

mente estragados e corrompidos, não podem morrer, soffrindo eternamente esta magua infundida, também se membra monstruosas, deformes, enchendo o mundo (ideias de immutabilidade, de immortalidade). As ideias de perseguição são também secundárias à alteração da personalidade, é menor o disturbio emocional, mas é igualmente profundo a lesão da consciência. As invulgarmente, das ideias melancolicas, ellas são activas e inquietas. O bento vive amedrontado e insultado, vê aggressões e maledicências, sente no baco o gosto das venenosas e substancias rancidas, recebe choques electricos na superficie do corpo (percepções illusórias), que lhe dirigem seus despectos, inimigos, perseguidores. Lança-se, foge, resalta-se e trata até reagir violentamente contra elles. A responsabilidade destes perseguições pode caber a parentes, conhecidos, personagens de importância, corporações ecclesias ou religiosas, tanto mais abundantemente affabuladas quanto maior é o estado de desorganização da consciência. As ideias de grandezza são primarias, como a auto-estima inicial, affirmam-se numa da personalidade, não corrigida pela educação ou desordenada pela doença, subitaneamente chegam a ideia delirante, faz e mette uma profunda perturbação da educação e da consciência. Por isso ellas são, mais propriamente, muito estado abnórde, e solario das delirancias. O bento produz, rico, intelligente é general, papa, rei, tem thronos incalculáveis, é senhor de vastos dominios, constructor de cidades, her-

edor de mundos. Pede instantaneamente um cigarro, quer a se de um fennuro que não o deixe tabar e presta-se a apoderar um vaso humilde. Da genese das ideias de grandezza e perseguições e suas mutuas relações, melhor substancialmente se terá a propósito das delirancias, communs a todas as doenças mentaes e da paranoia, estudos avançados.

Emocões; seus disturbios.

1) Todas as modificações organicas e sensorias ou suas representações ultimas, têm repercussões affectivas, consistindo no despertar tumultuoso de imagens, de sensações, lembranças, e companhias de affectos rasonatorios, supranatorios, mentaes, e que são, relativamente ao organismo de cada um, agradáveis ou desagradáveis (emocões). O tenor emocional, de quem é traçado apparente o humor, apresenta-se nos estados melancolicos, na exaltação, na depressão, na alegria, na tristeza, na indifferença emotiva, durante períodos mais ou menos prolongados. Os accessos, embora repetidamente e com frequência de alterações da intelligencia e da vontade, nos phobias, obsessões, impulsões. Nos estados de exaltação a sede de dilatação genérica, acompanhada de rubor e calor, a aceleração dos batimentos cardiacos, o augmento da sensibilidade, a respiração apressada, a nutricao activa, coincidendo com a expansão affectiva do doente, alegre, riundo, folgazão, ruidoso e livre. Facil, passivo, intelligente e na euphoria é muito commum nos estados melancolicos e na

primário-função de paralisia geral. Na esclaerose morbillosa, a uma esclaerose
física e psíquica mais acentuada succede a esclaerose
morbillosa mais severa, como augmento de nervosidade (saliva, lágrima,
pulsão, etc), suspensão de regras e de menção lactea; a mor-
bilidade intellectual pode ser extrema, incoherência de noções.
piora na furia que caracterisa os casos clássicos de mania,
que tanto impressionam o publico e não para as luzes a ty-
pica representação de locura. A depressão é representada na ty-
pica e na indifferença emocional. Somaticamente domina o
vazio - contricção generalizada, palidez e resfriamento das tegu-
mentos, diminuição dos batimentos cardiacos, hypotensão
arterial, respiração infrequente, demora de trocas nutritivas,
irregularidade, constipação habitual, amarelecimento de uma dentição
dos processos psíquicos, a uma melancolia constante e pro-
fundada ou a uma indifferença completa. A typho agora
é assim chamada por a acompanhar de uma sensação de
aperto, de angustia, de dor amor (consciente), que pode dar
lugar a reacções motoras furiosas para o individuo. Delí-
rio violento, o delirio, a impulsão, o suicidio não,
muitas vezes, o termo dos casos extremos. A typho purra
é antes apathica, e pode, dos casos mais simples em que
é apenas uma vaga melancolia sem quiesça e sem causa,
ou até a inhibição psíquica, a abulia, a anestesia mo-
ral. A Indifferença emotiva constitua um estado de
obscureza inicial de mente, da qual se esgotam

e de fadiga, mas é igualmente um symptoma grave de estado
simultaneo adiantado. Sentimentos mais elevados, serios, affec-
ção, pinguet, etc, não tem a mesma importancia para o doente,
que a elle já não reage de modo algum nestes estados; subsistem
apenas apathias suballenas que entendem com as manifestações orga-
nicas mais inquietas. Distúrbios aliado a perturbações de intelle-
gencia e de vontade são as phobias, obsessões, impulsões. Embora
variada a contingente de cada elemento psiquiologico, são constan-
tes em todos os casos. E o mesmo, por isso, de dizer, de dizer, de dizer.
qual - as em cada especie morbida. Tanto a phobia está na
obsessão, tanto a obsessão está na impulsão. Cada se trata de
que o elemento emocional dominante na phobia se intellectuali-
za na obsessão, como a obsessão se resolve no automatismo
impulsivo. (A phobia exprime de irracionalidade moral e
psíquica ou a depressão assim.) Na phobias se coope-
ram (alguns, ou dois em varias phobias de corpo); phobias de
situações (medo dos lugares elevados, fechados, abertos, ou
de situações morais, escuras, acidentadas, officios regu-
lares); phobias de objectos (objectos vivos, pinguet,
animais, homens, mulheres); phobias de ideias (medos
religiosos, medo da morte, do inhumano, da morte);
phobias de fadiga (angustias mentaes, angustias circulatorias,
digestivas, etc., paraphobia). As obsessões são distúrbios
universaes angustiosos associados a ideias obscuras e
tendo com uma consciência relativamente clara.

Com o advento de escrever na complexidade da vida, muitas ve-
zes ha provavelmente uma representacão dracta, sup. execucao
e necessaria para o individuo: a accao reflexa pela exee-
taçao de necessidade, torna-se reflectida e ja propriamente
consciente: é a tendência. A representacão a um fim dirige
a necessidade e as reflexos subalternos que ella provoca. Num
individuo que tem a sensacão vaga e inominada de sede,
a necessidade de satisfazer a i. orientada pela representacão
d'agua (Poffding). Resíduos hereditarios, trunfos da cul-
tura, experiencias, representacões anteriores, accoiam-se
para orientar, guiar, dirigir, inhibir as reflexos, instinctos,
tendências (confundidos todos em designacão generica de
automatismos), permitindo a actividade consciente
determinar pelo motivo predominante: a vontade,
etc. etc. - Memoria é a somma dos engrammas hereditarios
e dos engrammas individuais depositados na organizacão e
capazes de ser revellados. Justifica-se assim a gen. concepção
de Hering: o instincto é a memoria da especie.
Isto posto, convem analysar o processo volitivo ou vo-
luntar em seus termos ao fazer. Elle compreende a delibera-
ção e a resoluçao. Uma excitacão a accao faz sur-
tir no campo da consciencia a multo representacões
que se associam, se comparam, se annullam, se inhibi-
ham, se subalternam, processo da fase q. se chama
de deliberacão. Dahi resulta uma escolha: a de

motivo, que em si, é um subrepto ao nosso eu, no momento,
sem preparacão sobre os outros: a resoluçao, a decisao,
segundo se. Para estados moribundos em que a vontade nem
fraguece ou se annulla, não se esta composicão, como
uma physiologia exposta precocemente permittem a
compreensao exacta dos symptomas. Programmas mais ligei-
ros a vontade enfraquecida revela-se unilateralizada
numa outra frequente, monotona e ás vezes inconsci-
ente. Colheccoes de sílabas, maccas, saccos de phospha-
ros, individuos que fazem bolinhas de pão, reque-
pillitas a fragmentos, torcem pedrinhas de papel, escre-
vem figuras e adalizes em quantos logares possam,
cantam cantigasinhas, exultantes a toda voz, recitam
versos sempre os mesmos e sem proposito, intercalam
no discurso phrasas sem valor: compreende-se? Não,
que tal? ouço, profundamente, muito bem, etc. fazem
gestos incommoos de agarrar os interlocutores pelas bo-
tas do vulto, acrobacias a gravata, sacudidos a p. e
a tantas...; são graus minimas, mas muito con-
stantes, de vontade debil, durando muito um automa-
tismo fatigante. Mas além, no estado neurasthenico
e na psychasthenia a physiológica mostra com en-
fraquecimento a vontade que consiste em longas
durações sobre a escolha de motivos, uma trabalhosa
deliberacão q. de ordinario não chega a durar alguma.

Das casos graves pode haver mesmo abulia, ou anulação da san-
tidade, e uma paralisia psíquica comatosas. Na temperatura da prostituição,
 incitacões podem ser primárias, deleminando a ruína da tem-
peratura de automação, sem como vimos, de reflexos, ins-
tinctos, tendências, químicos subconscientemente, reflexos,
regulados, dirigidos ordinariamente pela sensação quando se
diz, mas nesses casos voltas e emancipados, sem nenhuma nu-
lidade, em vários estados morbidos. Estes automações têm
um aspecto negativo e activo positivo de manifestação.

O negativismo (Chrupulin) consiste na anulação da
 da maior voluntária normal por uma resistência contra-
ria patológica, que pode até sobrepôr: os sentidos
não fazem, e podem até fazer o opposto do que de-
veriam. Manda se de que abram bem os olhos, con-
servem - nos parados as as fechas. O automação
positiva avêla - se na sugestibilidade e na im-
pulsividade. A sugestibilidade, acta de accusar
um substancia uma idea ou uma accusação
transm., transforma o doente em automato. São re-
lhes apropriação mais extraordinárias: é a flexibili-
dade de cura de attitudes catatônicas, e a catat-
ópticas. Reptem actas ou proletras com fideli-
dade de reprovação: é a coerção e ecolalia
de curitas dementes pruços. Explica se o caso pelo
ausência de verdade, decompo se em por de raes

intensas, como proprias, conscientemente ou inconscientemente
morte, na vigília ou no sono. Das casos menos ac-
tivos exemplificam se as debas, e ingenuos que exci-
tam passivamente com credulidade as verdades, alturas
ou se conformam passivamente na imitação e na
contagio de exemplo. Do impulso não o reverso da
primividade automática: é aquele uma abolição de pro-
der inibido da verdade. O acepo é excecutar um
deliberação ou com ella, mas sem decisão pruça, se-
guinte se a um motivo de humano, insignificante,
ou mesmo nullo. Do impulso morbido, ora conscientemente,
ora instinctivamente de clerente emancipação da angustia fo-
ram já alludido a propósito de chupar. Do estereotip-
ias ou perturbações de verdade que permitem a repe-
tição automática de palavras e actas (estereotipias de
attitudes, de movimentos, de palavras ou verboqueação),
abstem se entre as impulsões: verificam se com
frequência na demenção pruço.

Classificação de doenças morbidas etc.

Dividem se em dois grupos: 1. Paras e atrasos de
desenvolvimento psíquico: idiotia, imbecilidade,
debilidade mortal. 2. Doenças: estados, origina-
res, psicanalíticas psíquicas, degenerativas, pru-
ças. 3. Epilepsia, 4. Histeria: psíquica, 5. Que-
restismo, 6. Psychoses tônicas e alcoolicismo, morfina

exaltamento, etc. 7. *Psychos átonica*: de exaltamento, me-
mia, p. *tyrocyenica*. 8. *Psychoses infectuosas*: deli-
ria febril, 9. *infectuosas*, part. *infectuosas*, *psychon*
polyurotica. 9. *Mania depressiva*. 10. *Paranoia*.
11. *Demencia pueril*. 12. *Demencia paralytica*.
13. *Demencia senil*.

← *Demencia*, *Leucemia*, *Melancholia*, *Hypomania*, *Me-*
nia, *Paranoia*, *Paralyia geral das altitudes*, etc.

Demencia. É uma forma de loucura que se caracteriza
pelo enfraquecimento gradual das faculdades mentais. Na
sua origem, a primária e a secundária isto é que vem
como consequência de outras doenças, tais como a epilepsia,
a syphilis, o alcoolismo, etc. A primária pode ser aguda ou
crônica, tal como a demencia senil. A aguda pode ser
um resultado das má condições de vida ou da má nutrição.

Delírio é um desvariamento passageiro do cérebro, que
aparece no curso de algumas doenças agudas, sobretudo nos
febres.

Loucura. É o estado de desarranjo cerebral persistente, deter-
minado pela exaltação de um sentimento, que, caracterizado
de delírio excessivo de subjectividade, impede o cérebro de ter
uma noção real do mundo exterior, de forma a harmonizar
com a própria existência com a dos outros. Se há exaltação
constante das faculdades cerebraes, a loucura chama-se
mania; se há depressão das mesmas faculdades, chama-se
melancholia; se há fraqueza das faculdades mentais,

chama-se demencia; se, enfim, há exaltação combinada
com a depressão e a fraqueza cerebraes e é acompanhado
de paralyia geral progressiva, chama-se paralyia
geral das altitudes, assim a mania das grandezas e
talvez caso quando apparece um signal. 88 50)

Mania. É uma forma de loucura, caracterizada pela exal-
tação das faculdades cerebraes. É o contrario da melancholia,
que se caracteriza pela depressão das mesmas faculdades.
A mania pode ser aguda, como a delírio, febre, allucinações,
furor e ás vezes a morte sobrevem em poucos dias. sub-
aguda, mania de p. não se está louco, ou de progressão.
esta dita também paranoia e chronica finalmente,
como a monomania.

Melancholia. É uma forma de loucura, caracte-
risada por grande depressão mental e trizteza, o contrario da
mania. Pode ser aguda ou chronica, com estupor, opi-
tuação de um lado para outro, resistência, a tal ponto
a theque fazer, ou delírio. Com idéas de suicídio,
deriva a p. profunda, muito chorosa, com hysterismo
em alguns a família, com estupor (*Melancholia attonita*).

Paralyia geral das altitudes. É uma forma de loucura paraly-
tica caracterizada pela mania das grandezas e exaltação
de força cerebral e de paralyia geral progressiva com
insensibilidade, incapacidade de melhora, terminando
por fim na morte por esgotamento geral.

Monomania, moléstia das systemas nervoso, caracterizada
de por um esgotamento nervoso chronico, manifeste-
tando-se por uma força intuitiva permanente, na
qual predominava o instinto conservador: ha agitação
mental, insomnia, preocupação constante de estar
doente, fadiga das alturas, fraqueza de memoria, sub-
lethargia muscular, dores reumaticas, lippepsia, flatulência.
Com fúria de ventre, palpitações, temores infundados, trizte-
za e tendências ao suicídio. Chama-se tal com

Hypomania. N. S. Quadrado em pg. X

2. Degeneração. É um complexo de estados psicopatológicos provenientes de surtos ou regressões do tipo originário, devidos, mais constitucionalmente de resistência na luta pela vida pelas lutas ou imperfeições orgânicas (estímulos físicos) e pelas anormalidades da inteligência, da emotividade, da vontade determinantes de fobias, obsessões, impulsões, perversões (estímulos psíquicos), conduzindo ordinariamente ao suicídio, ao delírio, prolongando a vida, degenerando mais baixo ou a terminando na estupididade. Como estímulos psíquicos da degeneração consideram-se: 1. Anormalidades da inteligência, da emotividade, da vontade reveladas: em perturbações do juízo, da crítica, do equilíbrio, da ponderação, do espírito de sequência e coesistência, inspirações da conduta; em perturbações do humor, instável, variável, prompto, passivo e entusiasmado, inflexível, sempre sem medida; em perturbações da vontade, irresoluta, hesitante, automática, impulsiva. 2) Fobias, fobias, obsessões, impulsões; agitações motoras e psíquicas mais diversas, mais disparatas, consignadas com maior propósito sobre a psicopatologia. 3) Perversões sexuais (saturnismo, nymphomania) ou tendência abusiva aos actos venéreos, facilitando também todas contra o pudor, violências carnales, etc... 4) Ocasionalmente um que a excitação dos órgãos genitais surge de a masturbação incontinente; causa o efeito de

numerosas doenças mentais.

Hystrica. É uma neurose quase exclusivamente propiamente do sexo feminino, caracterizada por ataques súbitos ou repetidos de surtos, com intervalos em que predominam uma impressionabilidade e uma mobilidade moral extrema, acompanhados de hale histeria, epilepsia, análgias, hipotonia hipertonias e muitas outras afecções de caráter paroxístico nervoso. Em certos casos ataques convulsivos se parecem muito com os epiléticos (Chystris-epilepsia).

Alienação mental (Impulsões irracionais). É o estado em que, determinado pela mediação de uma paixão alucinada ou egoísta, caracterizada por impulsões de movimentos irracionais que escapam ao imperio da vontade. Impulsões ao suicídio, ao homicídio, ao incesto, a estupro, a mutilação (castração; dedos, decapitação, etc.), ao roubo, ao assassinato. Epilepsia. É uma moléstia nervosa caracterizada por accessos paroxísticos de pura motor e completa dos sentidos com espasmos tónicos e clónicos, mais ou menos generalizados. Os ataques com um ataque há uma vertigem precedida com movimentos de deglutição, outros vezes, o ataque é incompleto, um pouco de tudo. É mais completo o acesso, e por vezes precedido de aura, é uma sensação que anuncia o ataque, de uma sensação de dor no peito, prurido no ventre e coceira no dorso, etc., etc., com o dedo polegar flectido na palma da mão. Um quarto de minuto depois, começa a convulsão, movimentos de deglutição, mordelura da língua, espasmo no braço, no pescoço, urina involuntária, depois o dente cinge no corão e um rumor repassado de algumas horas, the pertubação as forças. Os intervallos são de alguns dias, outros vezes de meses, de annos e outros vezes de dias, apparecem no espaço de 100 annos e outros vezes a morte pode surgir muitos annos antes de se formarem pela morte, na demência, etc.

$\frac{d}{dt} - 4$ $n - 14$

10
Luceana
diarizma
central pe
restinta, later
minimale pe
apertura cu
deprimare cu
deprimare

Louisa

Spi

$$5 + 1 = 6$$
$$7-1=6$$
 $R = 14$ $0 = 15$

Врачъ

5) Quant a

$t_1 = 6)$ a muma

7) k a m...

Pilot, canoe

Historia: P.

Costa Rica

principalmente pela choro, culpas, ódio, emulação de um com o outro, puerilidade humoral. Psicose aguda histérica, 6.ª

5. Psychastenia. São estados constitucionais de insuficiência psíquica e nervosa, principalmente da imaginação e da vontade, determinados por fatores físicos humilantes, estafa, abalos morais, traumatismos, traços de sua abulia e nas agitações forçadas, passivas de remissão, mas de fácil reincidência. Os principais são: delirios, excêntricos, pulsões, cismos, treccomanias, perversões genitais e delirantes.

6. Psychosis toxicas. São estados mentais produzidos por invencimentos agudos ou crônicos favorecidos por predisposição neuropática, caracterizados por perturbações profundas da sensibilidade, motricidade, inteligência, e vontade, e levam o doente a decadência física, pelas alterações orgânicas, psíquicas, pelas alterações morais, sociais, pelas perversões éticas.

7. Psychosis autotóxicas. São estados mentais produzidos por humores humorais não compensados ou eliminados insuficientemente, resultantes de dissimilação por fadiga ou perturbações de secreções internas, caracterizadas por enfraquecimento de processos e correlatas reações automáticas, determinando muitos vezes decadência somática e mental.

8. Psychosis infecciosas. São estados mentais produzidos por venenos de origem exógena ou pelas resultantes, em organizações predispostas, caracterizadas em geral

estas: no campo da vida natural, instintiva, subconsciente. Formas mais raras excrementárias, etc. Relação perturbadora para higienicas. 91 53)

pela agitação das perturbações mentais correladas de alterações somáticas de infecção.

9. Latência ou mania depressiva. São estados mentais caracterizados por humores nervosos, que se manifestam por síndromas de excitação e depressão, isolados, combinados, misturados ou alternados, em intermitência, duração e desenvolvimento variados, passando sem consciência para a inteligência, e se repetindo e reincidindo através da vida.

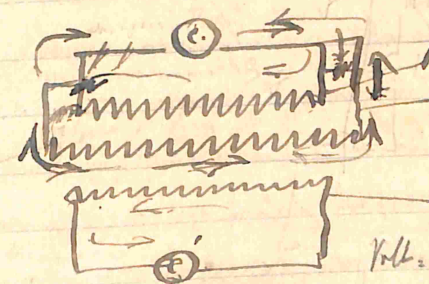
10. Paranoia. Estado mental originariamente derivado pela educação e pela cultura, permitindo a livre manifestação e incremento da auto-estima e egocentrismo natural, insatisfatório ao meio e por isso reagindo contra ele, primeiramente, chegando à alienação e ao delírio, com relativa e prolongada conservação da inteligência, suposta a períodos de calma, mas atenuando a existência. Classificação etiológica: 1. Autoprotetiva da paranoia, a convulsiva: 1. Autoprotetiva primitiva e original - sentimento inato e fundamentos da personalidade, não corrigível, não adaptável ao meio e antes aumentam pela educação, significância: egocentrismo resultante. 2) Autoprotetiva belicosa correspondente entre o indivíduo e o meio, interpretação como hostilidade pessoal; 3) Reação contra o meio, com as perturbações apponentes

Purguicão activa ou passiva ou activa-passiva mais
qualmente. (Morrison e Puxoto - Plasmia e os seus
homos paranales).

11- Summeia pueror, saepe, mundat, abasant ex
fueras de nivel intellectual ordinant e memento ubi
vult, no abasantem in qualmente, caracterisat
por istas de aptatam, dequidit, intupor, reaccis aut
matens, delusio com selectio mms constante e pro
gressu deficiat mundat, amittunt raximamente i
condupit d' summeia terminat, em propo mais
an mms curto, conforma o dismutacionem
a qui attingit o individuum. Apponee na abas
meia entre 16 e 24 annos, paximut as repara
re (e paranales) depas de 30 an 40 annos.

O que se segue são dados an observacões
para a "Discurso Sanguinal" e O, "Moro
Orgão". Concomitantem as asmeto
e, istas receptas e as observacões
n'um auto livro anterior a este,
muy quats en globastamente trata de
muntas questões aqui expectas como
Amidum de antas que se referem quim
mms indirectamente a esta maturo -

Tem sua origem na circulação Sanguinea e
latoy, não se trata de uma causa unia inducção dos mms
abasy, de sistema nervoso, no qual por via de circula
uma corrente em antediverto, talqual como succede em
as correntes electricas; isto e: taloy as correntes nervosas não
são uma transformacão de as correntes sanguineas
em correntes nervosas, Alguem neste caso correspondencia
as correntes induzidas, i.e., as nervosas e as transformacões
as inductores as correntes sanguineas. Pelo que
por analogia, mutatis mutandis, diremos que quanto
maior for a ampaga no circuito inductor e menor
a resistencia, no circuito induzido sera maior a
corrente e asu proporcionalmente grande a
resistencia do circuito nervoso isto e, de ci
cuito nervoso por parte do paciente, e nulla ou
quasi nulla o circuito primario de mms e grande
a sua ampaga. Neste caso o circuito l.º de opus
paciente torna se um prolongamento do circuito m
maior de opus, e o nervoso do paciente,
o circuito unico e asu abasy de qual a cor
primaria (Sanguinea) indutor na finta -
a que circula no circuito l.º de paciente, e a
sua inms estha abasy de circuito neu
rio de paciente. Como mostra o diagrama
seguinte:



Calor interno da a ampaga
que a corrente sanguinea
e a calor externa e mms
a Ash a corrente nervosa
induzida.
3 Indu: $35 + 4 = 39$ Amp
Exdu: 3 - Amp
Vell: 31, R: 9, 4, J: 3, 9; W: 93

C. Corp de opus, 1, no circuito primario (Sanguinea),
2, circuito primario (nervosa); 3, circuito secundario
paciente (nervosa) C' Corp paciente.

A materia de que se compoem os corpos
é uma e a mesma; não obstante isto, os cor-
pos differem um dos outros quanto as suas fór-
mas e proprias caracteristicas, devido as leis
phantasmicas, isto é, as leis que regem o universo;
as quaes presuppõem necessariamente um ser ante-
riormente existente ou a independente da materia
ou de qualquer entidade immaterial por elle con-
tingente. Dize que os corpos differem um dos outros
devido as leis phantasmicas; para melhor devino
a estrutura ou arranjo molecular, supor reger
de se e existir inextinguíveis nas leis phantasma-
ticas.

Essas leis pantasmicas nunca podiam existir
descoladas em si, porque ellas constituem a uni-
dade dos corpos; mas unicamente em nos effe-
itos que se traduzem nos corpos proprios dos cor-
pos em nos phanomenos que as caracterizam.

Os systemas que se referem para explicar a constituição dos corpos, principalmente as que se baseiam na observação e na reflexão, muito poderão contribuir não só para cada vez melhor - e mais dadas scientificas, senão tambem para o progresso da humanidade moral, physica, e intellectual.

Mas este systema mto se deuen impru mas nro.

Johnstone proprio. n. É para que possam se verificar,
 fez-se necessário 1.^o que não violasse a continuidade e os
 princípios científicos; 2.^o a não se que se prove
 o contrario; 3.^o que se base. em algum
 facto evidente e incontestado, a não ser que que
 se não replical. a d'outro forma; 3.^o, que em nos
 consequências não se possa em fragmente contra-
 dício com o que se estabeleceu como base, ou que
 foi estabelecido como verdade incontestado.
 4.^o, a não se repita como acima, que não se
 prove o contrario. 4.^o que offenda algum útil e
 pratico não se para as necessidades da arte e da ciên-
 cia da humanidade, mas também da religião.
 Posto isto direi que usarei das termos de átomos,
 não só que que eu queria attribuir a constância
 dos átomos e corpos ^{relativamente} átomos, intos, in-
 coes, adaptos, form, a theoria chimica relativa
 a composição dos mesmos quanto principalmente
 a natureza da ligação relativa entre corpos relativa-
 mente simples e compostos, a estrutura molecular,
 ou átomica, como anterior, e g. de respeito
 a coesão, a atração e repulsão, a afinidade,
 e a variabilidade, etc.

Pasto isto, entenas en materia.

Porto Alegre, 18/9/918,

Sobre os Kontos.

Os seus que espontaneamente ou provocados se manifestam.

Ignoramos a sua natureza interna; todavia podemos dizer pelo que temos observado, que estes seus apagar de invisíveis, por natureza, coincide em arte, podem também se tornarem palpáveis e visíveis, simulando todos os phenomenos, ou melhor, apresentando todos os phenomenos que caracterizam os seus intra e extra planetários, dos quaes nos faltam as cunhas religiosas.

E é só o que podemos affirmar com relação a estes seus baseados na observação e nos conhecimentos puramente humanos. Pelo que lancarmos a seguinte proposição. Além dos seus racionais que habitam este planeta, ha outros igualmente intelligentes, as quaes apesar de invisíveis por natureza ou não, podem simular ou apresentar todos os phenomenos que caracterizam a natureza humana e angelica.

Estes seres urant ab expresse com as quaes varias cunhas religiosas e philosophicas, abrange um reverso, a des-
refecção, estes seus digo, não anjos, demônios, espiritos almas, espiritos desencarnados, seus exmo nos
proem um condicão anormal, não n'uma pro-
lavra nres conjecturas ou subjectivos... Eisahi,
uma serie de perguntas as quaes tornão se difficis

34
para satisfaz-las, porq. apagar de humos noticiast
claims e evidentes com relação a estes seus; to-
davia torna-se assaz difficil podermos fazer
um estat. comparativo com os Kontos; porq. tanto
ignoramos a interna natureza tanto daquelles como
destes, e nem os suas manifestações podemos colher
dados sufficientes para classificá-las entre aquelles re-
s que não conhecidos com os nomes supracitados.
Que seres são pois, estes que indicados com o nome
de Kontos... Não são anjos? Não são, porque
apagar de apresentarem phenomenos que revetão a na-
tura angelica, ha vez que destoão. Não são
demônios... Não são, porque apesar de esmaltos
e exuberem, ha occasiões em que conceite
ou incessantemente, descobrem se traços bem
caracteristicos da natureza angelica. São almas?...
Não são, porque apesar de manifestarem se nres
testemunho da sua presença, revetindo se nres formas
primitivas quando fapão unido aos seus corpos, cubem
propositamente ou não em contradicções alarmantes.
São espiritos desencarnados?... Também não porq. re-
quint os cunhas primordiais, de todos os povos de
todos os nreões e em todos os tempos, as almas dos
defunctos espirando se manifestam o fazem espor-
tadamente e só por uma especial permissão de
Deus, e as natas caractericas destes applicaões não são
evidentes não pela que affirmar, nem pelo cortijo dos

circunstâncias, presentes, imcomitantes, e
subsequentes, que não podem deixar nenhuma
dúvida. Tendo-se a contrariar com relação
as aparências ou revelações das espíritas dos
encarnados dos que professam esta doutrina
após a depuração pela o subiturno das encarnações
premier d'act. São pois como nos proem em con-
dição anormais? Ha casos em que tudo contribue
para a animação supranatural, porém, ha casos também
em q. é muito difficil incluí-los no numero de
estes. São os casos de palavras, mas subjectivos ou
objectivos? Ha razão para admitir uma e outra coisa.
Em todo caso, ou seja objectivos ou não, os denominamos
por esse mesmo R. onto. Letra e, pois desconhecidos
ou não, bem definidos, prof. em aqui como
presentes de natureza, estudos os sob o aspecto
cientifico e experimental. E sob este aspecto
diz-se q. podemos affirmar: 1º que existem ~~estes~~
estes que existem realmente; 2º que apparecem de in-
visíveis por natureza ou não, podem se tornar
visíveis, e apresentam todos os phenomenos que
caracterizam ^{a vida animal} ~~estes~~ organismos q. existem ~~estes~~.
3º que são intelligentes, e q. como nos a consciência
4º, q. além dos phenomenos porem-organicos, podem

reproduzir os que caracterizam as substancias imateriaes,
directos espirituos. 5º, que apresentam graduações mais ou
menos profundas ou elevadas quanto a intelligencia,
a moral, a cultura, o phisico, e os conhecimentos da
natureza humana e das leis q. regem a natureza.
6º a transformação ou a successão de estados hum. n.
a cada instante. 7º, que se enganam, ou fingem en-
ganar-se e provocam enganos e mystificações em
tudo o q. fazem e dizem. 8º, que se accommodam
a todos os idiosyncrasy e hábitos os encarnados, e os con-
tem, 9º, que fazem muitos vícios e más ações
e até inculcam-na, com o fim de provar da fôrça da
accção má ou produzir effects contrarios ao q. produzem
esta grande perversão ou inculcam-na a fim de ensinar
a praticar o bem. 10º que ha muitas q. committendo
inconscientemente encarnam uma accção, e não se
dão conta do que fazem. 11º q. muitas, e q. muitas
fazem mal por um accção para enganar a mystifica-
ção. 12º que nunca dizem a verdade e se a dizem por
malicia e q. por consequente dizem mentiras quando
falam a verdade verdadeira, e mais do q. se fellejam
a verdade ou mentiras. 13º, que possuem a
um grande poder ou accção sobre estas perversões ou
potenciais e com outros, quando se accção em accção
estados anormais. E q. para estes effects produzem mentes
depois de muitas.

Soln. as correntes induzidas e induções
cos.

As correntes stênicas têm origem
na circulação sanguínea. Os nervos, as correntes
químicas não são unidos
nas correntes stênicas são produzidas pela corrente
sanguínea, a qual através do systema nervoso
se transforma em corrente stênica e as
muitas leis da electricidade relativas as correntes
inductivas e indutoras, como também a am-
peragem, a voltagem, são applicáveis as corren-
tes sanguíneas e um produzido pela circulação
sanguínea e as correntes nervosas ou produ-
zidas pela circulação da stênica correntes
stênicas e um nervosas. Como fica dito mais
acima. Agora, agora, devemos lançar as
as muitas stênicas e sua fórmulas.
As correntes sanguíneas como dissemos, correspondem
ao circuito primário, e as nervosas, as secundárias.
Nas primárias a voltagem é sempre insignificante, visto
haver pouca resistência, porém, a ampérage,
é grande. Nas secundárias, pelo contrario a ampérage
é pequena, porém a voltagem é grande visto
as condições da resistência. E como em
electricidade $V = \frac{E}{R}$, $E = I \times R$, $R = \frac{E}{I}$, $Watt =$
 $E \times I$. Assim, também succede com as correntes
stênicas e sanguíneas.

Univ. de m. h. thonica. 97 59)

A intensidade da estimulação se define da diferença
 entre o calor interno e o externo do corpo humano.
 por uma diferença que $R = H - R_{ext}$ e a cond.
 acim. f. C.S. (Corrente muscular) = R/H , e a C.R.
 (Corrente nervosa ou estímulos) = E . Ora $H = I \times R$, e
 $E = Volt$. Podes pois obter R. (ohms); de Watt etc, etc.
 pois $I = \frac{E}{R}$, $R = I \times E$, etc.

Sobes a Dynamilogia.

1. É a que tem por objecto as faculdades da alma e é parte integrante da psychologia, isto é, da sciencia que diz respeito a alma humana.
2. Em primeiro lugar trataremos das faculdades da alma em geral e depois de cada uma d'estas faculdades em particular.
3. Faculdade é o poder que a alma tem para operar, e por consequente uma potencia ou forza em acto ou potencia, e por isso S. Thomaz a define dizendo. Que é o proximo principio das operações animicas: *proximum principium operationum animae.*
"Quapropter qualitates, virtutes, potentiae nec facultates animae, sunt adiecta instrumenta quibus anima suae operationis exerceat. Inherent in ipsa anima essentia, sed ab ipsa essentia differunt, sicut organa membra, multae multitudines differunt a corpore, et itiam sicut esse et agere inter se distinguuntur, nec unum a ab alio in se in-

plto abstergeri sui generis, com tãt sua attenção concentrada
em um objecto, querendo apurar com a pnta de abstracção o
que se passa, tanto é em vulto de si, em quanto q. o automa
thimo, completamente liberado de control de causas, executa por
conta própria todos aquelles phenomenos que talvez não existis-
sãna quando nuncas em pnta, n. o regente de causa a re-
gno em consequencia muito dispendioso com a abstracção e a re-
flexão, nã se (nem sempre) nã obtem a equiva de elle muitas
vezes qm a lumen de phantasia eim o fogoso automa
mo m capto de apurar nã sua attenção em quasi
aunçia. Estes vultos, estas indagações, as vezes agradáveis
as vezes obvias, de entreos pntamentos de entreos ilusões, de
entreos sensuões e imagões, são gradualmente a causa,
tanto estãdo anormas, as quaes em dei o nome staticas.
Estas estãdo anormas symm. e gran em q. uma pnta
pode se accommodar por elles, os dizeis em estãdo
paracstaticas, imbalancedas, staticas e perstaticas.
Mas estãdo parstaticas o paciente nã dorme, porque tem
consciencia de tãt q. nã se pnta em vulto de si, e len-
do n. se tãt nã se quanto a acção nãta estãdo, mas
tambem quando nã estã mais nãta estãdo; tãtoia elle
pnta pntamente que nã estã em nãta estãdo pnta
muito anormal, pois, elle representando um expre-
si de tãto em tãto, e nãta nãta, nãta nãta de corpo.

Creu que existe um lugar ou estado em que as
almas q. morrem no que se nãta pnta elle
antes de remontarem ao Ceu. Isto tambem é
espiritualismo. Creu que existe tambem um
lugar ou estado em as almas das q. morrem
em desgraça de Deus, nãta nãta nãta
Isto tambem é espiritualismo. Creu que
as almas das justas q. estã no purgatorio e
as q. reprobis q. estã no avano, ali nãta
nãta nãta nãta, mas as pntas pnta
de pnta nãta de nãta nãta a pnta nãta
divina as suas pntas q. em vult de tãto
pntas, e que as nãta pnta nãta
à pnta nãta nãta nãta as suas pntas
mortalis q. em vult nãta nãta nãta
por culpa propria ou negligencia de nãta
pnta ou nãta nãta nãta a pnta que
nãta Chy fallam. Isto é, tambem espiritualismo.
Creu que as almas das justas e das reprobis nãta
dia tãto de remontarem pnta nãta
ante o tribunal divino. Isto tambem é espiri-
tualismo. Creu que tanto as anjels nãta
como as boas, tanto as almas das justas como
das reprobis, por uma especial pnta de
Deus e por nãta nãta e com fins nãta,
por si ou pnta nãta pnta nãta nãta

É a entre este continuo e perpetuo movimento da instável para
estável e do instável para o instável q. reside que move a
resposta de seu existir d'uma variedade de qualidades e phenomenos
imprevisíveis, as quaes damos no nome de força, que
está sempre em natureza sem um acto ou em potencia,
e é essa força que engendra uma outra na qual existe
em virtude da qual ella se successivamente manifesta e conserva
isto é, a repugnancia, que reage contra a acção inicial
e permanecendo o agente emquanto elle persiste qual
fora viva. n. actua. Segue-se por ultimo que
estas phenomenos que se manifestam na desagrega-
ção da materia é um effeito da desagregação e não
já uma qualidade inherente a materia, a qual em
quanto reside na materia, não é materia, nem
ella a materia permanece eternamente inerte
como permanece uma planta ou animal em vida,
e tendencia a desagregar-se e reduzir-se ao seu primi-
tivo estado. Pelo q. é necessario admitir que morto
na materia q. se refere pelas suas qualidades, um
atomo supposto no qual apparece em estado de inerteza
exatamente em alguma coisa q. a qual a materia se pro-
mova p. fazer lembrar a alma dos seus negatios
e animados, e que a manutenção de radicaes inteiros
após como fazem parte das corpos podem também de-
sejar de fazer parte d'outro para fazerem parte de
um outro, d'outro. Mas uma nova força que
o caracterisa perpetuamente entre as corporeas
fôrças e camponas.

Par e novo orgão -

101

63,

Os actos humanos (psychicos) se dividem
em actos humanos voluntarios e conscientes e
em automaticos e inconscientes e estas duas
classes de actos psychicos suas proprias e de
de outros e minores psychicos. Os centros
superiores (lobos fronto-frontal) e os centros
inferiores (tronco de encéfalo de Flechsig)
do estado physiologica, em vida ordinaria
ambos estes sistemas collaboram e participam
da vida geral. Estes dois ordens de psychicos
a interquent e superpoem a sua actividade.
O superior e inferior, elles se superpoem
e despoem-se, não superpoem-se
as suas actividades como massas, por exemplo
no corpo natural e no desnaturalizado.
A hypnose ou sono provocado é um
estado extraphysiologico de desagregação
do superior p. nome o psychismo superi-
or deixa de funcionar e não tam-
muito quanto na vida activa, somente
o inferior conserva a sua actividade
e este é o psychismo inferior do
sono p. nome influencia p. nome
psychismo superior do sono. E' o mesmo
em f. adormecimento a suggestão e a hipnose.

[illegible]

homem, hedonia, para explicar com mais facilidade
os fenômenos físicos do no homem, distinguindo
o homem o homem superior e inferior
o superior e o homem racional e o in-
ferior e o irracional. Quando o homem
age com os seus sentidos e com plena liberdade, age
actos não voluntários e conscientes, é o
homem superior ou o psiquismo superior,
quando age com os seus sentidos, e de
instintivamente é o homem inferior ou
psiquismo inferior. No 1º caso quando o
age age tanto o superior, no segundo
caso somente age o inferior inconsciente-
mente, e sob a regência de instintos in-
stintivos de prazer e dor, ou de automatismos
que entra a ocupar o lugar do psiquismo
superior, que neste caso superior está
distante ou dormindo por exemplo isto é,
um um estado anormal e próprio para
produzir este fenómeno de substituição do
psiquismo inferior pelo superior (pseudopsiquismo)
ou do superior de um psiquismo igual
que somente superior por um extermínio é quando
propriamente fallando se verifica a regressão.
Quando o psiquismo superior deixa de agir é
igual se a consciência superior está
em um estado de completa inactividade e de
consciência superior de órgãos superiores
no actual estado de um objecto correspondente.

Para o novo Orgão

fla no corpo humano um elemento ao qual
se atribua todos os phenomenos da vida de
relação ou das accões e reacções psych. &c.
-quicidas, como também todos os phenomenos espi-
rituals, com as names de hypnotismo, magnetismo,
meggistia espiritismo e seus congêneres como
mais adiante veremos quando trataremos a
parte deste assumpto.

parte dell'assunzione.
 Il 1° elemento è la causa che o produce o
 come a d'electricidade permanente, che ho
 per ignoranza, se di o nome si fosse l'altro
 modo era semplicemente de anthropometromi,
 cetera e per avventura — ethnieosole.

A força entretida comparando-se pouco
muito com a força eléctrica, em seus effectos
ou manifestações; a força differi muito do
última, como termos occasião de verificar.

8º sem. passado, não obstante isto, que o chamado

B. Seja uma das multiplos manifestações de electricidade ou da causa commun de hy dacos e da mesma electricidade

Jun. accu^o myrti^ocin.

O hyponotismo, o magnetismo, a suggestão
o hipnotismo etc, são meios, agentes mais
ou menos efficazes dos quaes os operadores usam
impruvidamente para produzir ou modificar
o organismo humano a resistência da
força esthumana. Estes form a ethnothelethe
limitatis mutandis como os apparatus electricos
são productores de electricidade estão para

a cheticeidade. Mas não por tanto a causa efficiente
dos phenomenos dectos hypnaticos, magneticos etc.
mas sim a causa de heiminante ou ¹⁰⁰ instrumenta
deus phenomenos; pois não se con^{to} sta pro
prios mais com^{to} um elles, agindo directamente
sobre os ~~certum~~ nervos central. ou periph^{to}
podem obta. n. os mesmos phenomenos.

Escolhemos, porém, preferimos, com mais facilidade,
de um estuário desta força, usamos, continuamos,
a uma das mesmas palavras, mas sem dar-lhes
a importância f. out'ora ou mesmo de se
avê-la se lhe attribuir, antecipando-lhes a
palavra ethnologia, para significar o meio
de qual nos utilizamos para obter os pheno-
menos ethnológicos, os quais ficaram compre-
hensíveis na mesma nomenclatura. Assim quer-
remos a ethnology, queramos signi-
ficar que os fatos do universo são os
que os membros da escola de Paris, quando
descrevem a ethnologia, queramos
significar os phenomena ethnologica, e
fatos principais da escola de Nancy.

Equante dequimus ethenias, praeterea
quibus significat si producta de pluribus
hymenocae, magnificae etc. per pro
que pro a ipsi.

Love & Enthusiasm

Sim Encephalus e' necephalus apud Galienum
in apud Galienum e' necephalus e' necephalus

f. o presente seja cephalic.

Toda individuação a nós se que haja n'elle
alguma lesão de organização ou uma affecção
do systema nervoso central ou peripherico,
i. cephalic. A cephalicase com as repetidas
applicacões, Symptomata re - tum e na
propriedade de um demencialemente dem-
nstram re - tum tambem a cephalicase.
Oy individuação incapaz de fixar a attenção
ou que não tenha uma fixa, não in-
cephalicamente geralmente fallando. Poderia
produzir lesões e expressões que
elles estão dormindo de um sono nito,
tal ou provocado mediante alguma mor-
caten por um appropriado, que a desce
em um estado de sono cephalic
isto i, por um sono mais alto do que agui-
da sono cephalic.

A cephalicase pode effectuar se directa
ou indirectamente. Directamente quando
ha contacto, indirectamente quando não
ha contacto, isto i, estado o apurador proxi-
mo da presente nite com, estabelecendo
o prolongamento de maneo a presente
phoria tornar se cephalic, e depois
de se ir com resultad incephalic,
podem mesmo a grandes distancias e
aproximar agui nite illi, mesmo attornay

das prindes do compontimento e de uma ⁶⁶
em se por um outro. Se por um, a presente
ou a apurador estora involvendo em uma
talla especial ou em um caten,
us effectos não se supredupone, nem respon-
deham se um posto de outro.
Ha tres graus de cephalicase ou cephalicase
dos quaes eu dei o nome de infra cephalic,
infra cephalicase, cephalicase, e ultra
cephalicase. Em todos estes estados de
incephalicase pode se por um nite
e não i indifferente agui nite em
no outro estado. Por ha casos inf. com
non agui nos estados infra cephalicase i
quando não se pode obter um grau mais
elevado de attenção, ha casos por
f. continue agui nos estados cephalicase
propriamente dictos, isto i, quando não
pode abdicar, e ha casos inf. continue
superiormente nos estados ultra cephalic-
onibus, isto i, quando invão tinte nite
por varias vezes agui nos graus inf.
nites.

Sobre a nite.

Pelo f. deca dicto comprehendendo a propo-
sitione f. não damos nem o numero
nites nem o numero valor infinis
f. nem das nites de f. breca de

f. vê-se um todo suggestivo, acabando pelo que
mosta de se estender f. elles não os entendiam
suggerionados segundo as suas expressões, prof.
a forsa de reputar para si e para os
os outros f. tudo é suggestivo, acabou
por suggestivo e f. realmente tudo
é suggestivo, prof. um todo não um mais
suggestivo por mais claro e evidente f. no
f. as razões. Um podia dizer de si
assim frequentando este phenomeno
constitue uma das mais interessantes
nervos que eu dinamicamente, das in-
tellectually ou ludry.

1) Para q. haja percepção propriamente dita, é necessário 1º q. o objeto seja atingido pelo objeto cor-respondente; 2º que o sujeito tenha a q. o órgão foi atingido pelo o seu objeto correspondente; pois se então temos o phenomeno da sensação, compare- com o conhecimento todo mesmo propriamente dita.

(144.910) Notas para a Memoria sobre as
-doenças de origem rannica e physio-
logica. 105

e censura - a imitativa como se nota se podesse
com elle; somente schmitt dote estado de imbecia,
quando 'por mto' he agido ou sugido; a verificacao
alguem dei em virtude de qual levada pto ins-
tinto a propria consciencia, depois obrigado a agir,
ou virtude de agir, mto' que elle se acha nat-
o dominio de pura automaticidade, e aqui se
deixar de agir, enquanto elle durar, por voltar
novamente ao estado anfr. se achava se pura
imbecia. Este estado pode se devot a uma con-
ducta, ou a um generio, ou a uma enfermidade
de organo correspondentes as funcoes do vontade.
3) Quando falta a reflexao o sujeito, por se tomar
por qualqdo, o fmo' por mto' de um alienismo,
ou tomar como coisa por acção, o fmo' por
mto' de um illuso.

- 1) As creaturas cujas almas são de espécies elevadas dos seus corpos têm um coeficiente de gravitação muito baixo e a outros que os têm muito elevada.
- 2) Este coeficiente de gravitação está em razão directa da pureza da vida e dos seus progressos, já por devoto, já por que ellas deverão satisfazer durante a vida e depois da morte.
- 3) O grau da levitação depende do coeficiente de gravitação. Quanto maior for, tanto menor será e quanto menor tanto ^{mais} elevada será.
- 4) Assim é q. ha pythias q. cujas almas gravitam sobre a terra, tão grande é o coeficiente q. ellas possuem de gravitação, outras ha, que ao deixarem o corpo, se elevam a regiões muito remotas, tão grande é o poder de levitação q. possuem.
- 5) E outras regiões as quaes são attrahidas ali fazem o seu purgatorio humido, passando successivamente a regiões cada vez mais elevadas até penetrarem no purgatorio propriamente dito.
- 6) Depois de purificação no qual a alma toma uma forma adequada para sentir os rigores de propria purificação, um q. não obstante a propria dignidade e incarnação, porq. essa forma é acessível, ellas não tem nenhum outro conhecimento, a não ser da nova vida q. têm, e soffrem muito porq. os mais anjos veem uma accessão sobre ellas a qual deves de existir somente quando ellas remontam ao purgatorio propriamente dito, que está situado na região em q. todos os phenomenos physicos, quimicos e o equilibrio do universo tem a sua sede de ser e subsistir.

- 1) Sobre o funcionamento do systema - nervo cerebral e do systema - nervo ganglionar.
- 2) Ha casos em que a vida de relaxação do psychismo superior funciona e o psychismo inferior não funciona.
- 3) Ha casos tambem em q. o psychismo superior deves de funcionar e somente funciona e inferior.
- 4) Ha casos tambem em que estes dois psychismos funcionam ordenadamente e não, isto é, de accordo com o tomus vital correspondente a cada um destes dois systemas.
- 5) Quando ambos funcionam e funcionam ordinadamente, temos o homem normal.
- 6) Quando o psychismo superior funciona e o inferior deves de funcionar ou funciona mal, temos as doenças nervosas de origem somatica, o summo, os cunhos, a summonleulion, de catatonia, a morte offensa.
- 7) Quando o psychismo inferior funciona e o superior não funciona ou funciona mal, temos as doenças de origem psychica, a loucura, a alienação mental, a illusão, a abstracção etc.
- 8) Deslignit - si dizeri q. que a vida de relaxação superior e inferior está abolida, como entao o psychismo superior e inferior está abolida, como entao o summo, a vida de relaxação do psychismo superior continua, 2º que agindo o psychismo superior pelas informações do psychismo inferior, agindo pelas informações ou as debs fornecidas pelo a consciência summa, quanto não poderá pela consciência intellectiva verificarse o que se substitua a primeira e se não real, sabi as vontades as alluc. visões, as illusões a loucura a Psychom.
- 9) 3º que pelo contrario a vida de relaxação do psychismo inferior esteja abolida, o homem normal, ou esteja como se tivesse morte.
- 10) Vida de relaxação do psychismo superior, i.e., entre as facultades intellectuales, inorganicas, vida de relaxação entre as facultades inferiores, i.e., entre as facultades inorganicas e organicas, vida de relaxação entre as facultades inorganicas e organicas, e qual vida de relaxação se falta, temos o homem anormal, um um estado anormal. Porq. elle não pode passar um revalto para o phantasma, ou de organicas, não pode agir de organica sem phantasma, não pode mover-se sem phantasma, não pode mover-se sem phantasma, não pode mover-se sem phantasma.

an infecção, um inflamação. Então pode
se ter de dois os membros da doença
o organismo fraca e profundamente
se de trata de uma doença nervosa dos
nervos ou do organismo em geral.

Um dos meios mais certo q. temos para certifi-
carmo - nos se devemos submeter ou não a
doença do organismo ou ao tratamento
dos seus membros é precisamente a qualidade
com que vivem os estados crônicos, do
sistema propriamente dito. Tod. porém q. a
reflexão dos nervos e a parte de todos os
doenças não são além dos estados crônicos,
e não como suceder qualmente permanecem
nas estados pre-ocupação e em crises pulsas.
É inútil tenta a cura directamente pela
psiquiatria prop. Mas porém não queriam
verdade fallando de uma doença permanente
nervosa, unido de um limbo orgânico, de
uma ^{auto}intoxicação ou infecção ou umidade de
uma auto intoxicação ou infecção, numa
palavra de uma doença que affeta todo
o organismo e q. require a sua natureza
af. remediação e o systema nervoso central
do fructuoso. Neste caso estão as psychoses,
a ^{auto}intoxicação q. ^{auto}intoxicação melancólica, a hyper-
cardia, a phobia, a dúvida da anciedade, a
neurasthenia, o delirium, a nymphomania,
o satyriasm, o saturnismo etc q. não tem

nervosa e pouco de febre morbosa. 108 Jo.
Quando porém a paciente apparece de não estar
nem mesmo no estado de crise, e a parte
af.mente phrenologica que existia no os ^{os} ^{os}
membros e a natureza em si mesmo, e a parte
de febre p. além de nervosa morbida existe
também a ^{auto}intoxicação, e a consequente com
as ^{auto}intoxicação de ^{auto}intoxicação não a parte
de febre as ^{auto}intoxicação morbida, a parte ^{auto}
e a ^{auto}intoxicação a ^{auto}intoxicação, e a ^{auto}
vix contribui para facilitar a cura
da ^{auto}intoxicação morbida pelo tratamento me-
dico ou da ^{auto}intoxicação quando ^{auto}
poem ou se ^{auto}intoxicação. Mas com ^{auto}
nervosa morbida ^{auto}intoxicação ^{auto}
uma ^{auto}intoxicação ^{auto}intoxicação. E com a
^{auto}intoxicação ^{auto}intoxicação ^{auto}intoxicação uma
na ^{auto}intoxicação morbida mas os ^{auto}
doenças, como ^{auto}intoxicação com as ^{auto}
p. ^{auto}intoxicação, ^{auto}intoxicação, ^{auto}intoxicação ou ^{auto}
autra ^{auto}intoxicação de ^{auto}intoxicação ou ^{auto}
E ^{auto}intoxicação a ^{auto}intoxicação ^{auto}
e as ^{auto}intoxicação ^{auto}intoxicação.

Cludio Binard. Chama o elemento do grande
regulador physiologico e organico da vida
e elle constitue o movimento vehicular do duplo
movimento de dentro para fora e de fora para
dentro e por consequente o elemento da vida de
relacao entre o phisico e o seu movimento e harmonia.

A matéria como se desaparece e as propriedades que
decomponha e comunica-se e mais de quanta
ou isolada. Portanto as *Attenuações* tem por fim attē-
nuar a matéria para f. as propriedades químicas
ou medicamentosas, se manifesta com mais energia.
Neste caso o volume que constituiu pelas molecu-
las; representa a quantidade de substancia medica-
mentosa e por conseguinte a intensidade e a
attenuação a tuncão ou a força medicamentosa,
a qual de atomo f. forma as moleculas heste ou
dequelle corpo segundo a sua estrutura ou pressão
f. elle tem entre si, constitua a substancia e as
propriedades químicas. A mesma. Assim e que 1.^o
quanto maior for a attenuação e menor a
quantidade e quantidade de substancia medica-
mentosa, tanto maior será a força medica-
mentosa. 2.^o Quanto maior for a ^{intensidade} força
medicamentosa e a attenuação tanto me-
nor será a força medicamentosa. 3.^o Quanto
maior for a habit. medicamentosa e menor
a e menor a quantidade, maior será a
tuncão ou força medicamentosa. 4.^o Quanto menor
for a substancia medicamentosa e maior for
a quantidade, tanto maior será a intensidade

Molecula é um grupo de atomos os quays representam
a mais pequena particula de uma substancia chimicamente
definida, f. pode existir no estado individual e isolado.
As moleculas possuem algumas causas semelhantes aos
corpos, elles pertencem ás suas propriedades e não diffi-
nem uma razão quanto as f. elementares. Tendo em conta as
relações de pressão que têm entre si, elles determinam o
f. se chama volumen e forma dos corpos. Enquanto
f. as relações int. o ponto de vista f. os atomos têm entre
si, differenciam os mesmos corpos quanto a densi-
dade e as suas propriedades químicas. Por
as attenuações tem por fim fazer desaparecer mais
a substancia, sendo a molecula, reduzida a
mas partes componentes isto aos atomos, con-
fin. d. f. elles manifestam as suas propriedades
de uma mesma substancia, se um mais mais
energia ^{maior} quanto a sua, propriedades
químicas phys. com os quanto a suas propriedades
Atômicas. A quante são comunicadas pelas atomos
agora em liberdade e massa ligada ou isolada.
Agora não são as propriedades das moleculas, senão
p. os atomos f. a constituição. E elle communicar
as suas propriedades a força med. camintosa.
A homeopatia e a medicina de atomo e
de molecula. Todos as moleculas
como os corpos f. elles se compõem por

As adacabes pdeas naturas, quimicas, nã me-
 lunt apri cam as atomas. Numa pdeora
 quora nã ha alhecepo de interna estrutura
 molecular, nã ha nacaõ nã ha molecular
 nã ha entre as moleculas f compo de corpos.
 O medicamento homiopatiz produz uma
 accaõ que e logo agnida de uma nacaõ con-
 traria. Apri e f, em uma primeira accaõ
 e homiopatia na agnida allagato, nã se e
 a mesma nã se e nã se agnida a contraria de
 thuring.

[illegible]

Vejamos a que Elle era quando habitava a terra,
e se diz o que Elle era antes o que Elle
hoje é, e por consequente de sua natureza enquanto
habitava a terra, era o q. dize nas palavras
uma ser vivel, enquanto que hoje é,
Elle é um ser que com os que habitam
a mansão dos justos depois de sono, Elle
permanece unido a esta terra, isto é
Elle é superior a qualquer coisa, que tende
a ser destruída, e antes de se separar do
corpo, alma e corpo, e assim se
diz o Catecismo.

1) Já se viu de um homem no exemplo
da palavra, porq. possuía uma alma e um
corpo como nós; era, não obstante isto, tão
bem Deus, e não verdadeiro, porq. a Elle se
uniam a natureza da divindade. Tendo
as mesmas qualidades de Deus, sua natureza divina,
tinha uma e mesma natureza divina.

2) Era pois uma unidade, e não já um ser incorporeo
pessoal do verbo, como se o homem é.
E é por isso mesmo que se diz q. se

3) Que o homem q. Christo permanecia unido
o mesmo quanto a alma e corpo a uma
substancia, e a alma com o corpo, como se

A psicologia incarica sobre este ponto de vista e principalmente a f. em doença psicologica medica, pois ella estuda no homem as manifestações como dizes q. path. affictas, seja q. proveniente de parte physica, seja q. proveniente de parte somatica, e nem menos palestra o estudo de phenomenos psicologicos de natureza de culpas ou melhor q. pertencem a vida da vida, dahi a dupla distincão de pathologia somatica e psychica ou immaterial.

Alma e Corpo

Salvoia continua como uma força viva
e actua sobre elle, com a differença q. o appa-
rto sensorial, não reagge, directo a qualquer
tentativa na linha d'conducta nervosa, ou
ou no aparelho sensorial ou na unidade central
de ambos nervos.

Tratado

123 96.

Um de Thierbach e quer dizer repetir
os surtos, para a pessoa (em um estado
de hipnose ou somnambulismo) entrar a noite e
a vigília. Este estado pode dura - la até
a morte propriamente dita, e deste passo ao
somnambulismo. Todos os países, são mais
ou menos susceptíveis de serem Tractados, e
em algumas q. representando de Thierbach
passou ao somno hypnotico, e deste ao
somnambulismo. Se a pessoa ao somno hyp-
notico, ao somno propriamente dito, e este
cada por mais artificiais e este somno
differe do natural propri. entre qualidades
de a natureza mas pessoas q. assim adormecem
sem se mesmo com relação ao somnambulismo.
Poderia dizer Tractado, e não hypno-
tismo, propri. quando a pessoa macha neste
estado, assim mesmo q. ao Schiiville
se se lembra de q. se passou entre elle e o
hipnotico não dormia. Entra entre a noite
e a vigília. Se não dormia e se
não dormia propri. dormia, se chama este
estado de hypnose, se hypnose quer
dizer somno propriamente dito. O
somno propriamente dito q. a pessoa
dormindo para a consciência e ao acordar
não se lembra de q. se passou, e é Tractado.

99

- Subt. inorgan. simplice metallica, metalloide, ac
- " composta de elementos simples ou de compostos,
- " organice. Veget. cryptogmicas e phanerogamas, ac
- " " animal. domesticas ou selvagens,
- " Animal inanimado (cero, aquatica baroque), ac
- " Nat. do Homem, animal, angulosas, ou humanas,

e f. f. se desenvolve quanto ellas (substancias) se trans-
formam nos corpos orgaos: All- a Kola, a Caca, o
Chia, o capite & outras entres subst. electricas, pro-
segun resultados physicos, pront. de proporções com
a minima quant. de materia introduzida. Ellas em
(subst.) abundando uma força latente, não appa-
rente, que se acha armazenada nas suas moleculas
e que se torna livre no momento de sua dissocia-
ção e de sua ligatura. Esta força se traduz por vibra-
ções f. e m. favorecem aforces do nervo f. porci-
de as funcções de absorpção pelo estomago e pelo
intestino, ella em ~~tem~~ tambem aforcea o orga-
nismo f. a absorção e para atingir a ella,

quantum pertinet ad manifesta 10) general-
mente per deo physica, per a in qui-
tate, hinc una per - prae- necesse
a pathologia physica, ista a
pathologia anomala, defini et legem
in signis a therapeutica
~~per~~^{propter} ~~con~~ unguine a phren-
eulia
— Institutio Medicinae Ethicae —

[illegible]

(40) Como um Domínio de Química de Atômica
e Física, ele forma moléculas e os seus mo-
do de ser, e propriamente
físicas, pontos de que antigamente existia
percebidos como tais.

(P) Para a natureza a vida é maravilhosa, mas
 não está, por sua frequência que se
 a particular, as suas partes anatómicas, rela-
 toamente falando, e os seus as etas e as
 corpos etruscos e os seus obdual que

Para offender a poppyon de um fustão
por entre as fustões de arvores de um
arvorent plantado hontes umas de outros.
E por conseguinte o rito pelas ultimas de poppyon
antigo em diversas de material. que por isso
nunca é improbação domesticamente.

[illegible]

1) Abbé Th. Moreux. "Que deviennent nous
après la mort" Paris, 11, rue de Pondichéry.
1914. 2^e édition. —

Dougum: não pode ser medido. Tão sensível, porém
 por necessariamente um objeto simples. Não obstante
 isto as operações de objetos simples estão ligadas a matéria
 não pode haver além disto sensível sem um mecanismo
 fisiológico, um um movimento produzido no cérebro.
 Nos muitos phenomenes da memória, ha um "sappel"
 de uma sensação experimentada, a imagem physico-
 gica, ainda q. não "representa" a natureza physico-
 exterior natural actual, não existe emite menos nos
 cellulas cerebraes sob uma forma material. Agora sabemos
 de facto as ligaduras de varias escolas, pergunta-se se
 esta suposição de material em nos operações, pro-
 duzida por si na a matéria, isto é, constituir uma
 substancia. Pelo facto de se sentir (ja real), é claro q.
 se temo uma alma, mas é também verdade q. se temo
 um corpo material: e se humano é um composto
 de duas causas, e no entretanto se experimenta q.
 q. das duas causas está de tal forma unidas entre si
 q. se sente a ser um mesmo sujeito e desta alliança
 resulta de se as q. os chimicos chamam uma con-
 binacão, resultando dahi' e esse o qual se temo um
 unção extremamente clara.
 Se, o crescimento de facultade sensitiva supprime uma
 operação common ao corpo e a alma, e não deve
 prejudicar a mim mesmo o q. se dá no momento da
 morte. E' certo q. este corpo q. hoje conserva se mais
 vigorosamente unido em nos fôrmas, separada da alma
 reduzir se tem em nos elementos mais simples. E se
 a unção é o seu objecto e seu fim, é evidente q. neste
 caso se' destruição do corpo e a alma a não' produzir q. a
 prof. morte o corpo e a alma pertença a qualquer
 entidade com o seu corpo, não poderia portanto animar
 la um duplil-o, por q. o corpo não existe mais e q. as
 suas partes fôrmas separadas, e portanto todas as conseq.
 nentes sensitivas de se desapparecer. A esta unção
 de morte a alma não apparece portanto nenhuma utilidade
 se o tal não se' mais caracterisado senão por q. a
 talis negativas e completamente inconscientes.

(3) O unico elemento existente na natureza.
Então, tudo que se encontra ali se compõe de átomos.
(4) Os átomos, portanto, de onde se extraem
as formas das coisas e suas circunstâncias.

(15) Recueillir l'histoire naturelle & l'extension des
atomes ou atomes des corps, des particules de
l'éther, les phénomènes cosmiques, les
soudes, les radiographies.

16) D'alcune istituzioni riprende da una forma, volte
a dipendere da alcune istituzioni per la loro
forma, a cui forme anziché le promesse
non immediatamente corrono - e ciò in
alcune da esse parte in modo da esporsi

al 7^o se aprime, e mto forte a n^o 8 e tto con ex.
4^o prout, ou mtoia prima imprudencia
e a prouta e a forma ou mtoia expi-
canda no principio subterfugio, e mtoia e mtoia

189. O etere portante conjunto de substâncias de mesmo género de que os corpos, os corpos, e incorpóreas, e simples, mas por esse portador de si é uma substância igual a ele, por a ele de não incorpórea por si é formada de partes, isto é, de um uma substância simples e também espiritual, isto é, imortal e

19) Potente potius legem quam naturam legem
speciem de substantiis, una natura animalis
et a legem communem et corpora particularia

outro simples, isto é, a ether que é imprimeável
 e finalmente um 'outro p' é espirital como
 é a alma humana, duas e as poucas substâncias
 ou espirituais, que não tem corpo ou
 não informam o corpo como a alma humana.
 2o) A matéria pode decompor-se em seus elementos
 mais simples, a ether não pode decompor-se
 por que além de não ser composta de substâncias
 estrangeiras, não tem extensão, e assim a substância
 é simples e portanto incorporea, embora a
 elle a matéria possa incorporar-se a elle a
 matéria.

21) Către domeniul nostru este de răspunsuri instituții care
demonstrează suportul pe care îl are instituția de la Londra și
care este de înțeles materialele prezentate de noi
sunt de înțeles.

22) Concebu un atomu supportu su a
ma forma, si o padure gaze multumite.
Prop. de nu concedit a padure separa o
atomu supportu de ma forma, back Valtaria
ar nuh, de a meria materia pondusant

23) L'atomo supporta la conserva.

24) Les guillemots habitent supports, forment
a une forme primitive aculee a leur fin
disappearence avec la forme, pour une autre
volonté en nature, par une rapidité de transformation
et de transformation. Ils a l'habitude de un
d'ordre a l'autre, et l'existence de une existence pour
la disparition de l'autre.

qualitativa dos corpos e ao ar. Conduzindo para
fora uma corrente de ar. Assim como a corrente
de ar. Para q. a produção de energia
é produzida. A força elétrica da q. a produção de
energia elétrica. Elas ao ar livre produzem muito
de uma propriedade e para a produção de energia
recomenda-se. A produção de energia constante
muito. A produção de energia constante
e a produção de energia, quando a produção
ambiente de energia a uma alta taxa de energia.
Produção de energia constante em energia.
Energia de as partículas, radiação em energia.
Muito constante na produção de energia.
A produção de energia.

136

O verbo indocamenta-se e o animal
similares nos estados parafísicos.

Estados parafísicos são aquelas
con. f. onde prima aq. pelas ideias pre-
concebidas, ou f. no momento de se
surgirem, são reflexos. Muitas condições
de ideias surgiram e acuturas pelo con-
to com a transformação em acto, que
por um ou outro grau automaticamente
atende a appropriação de conceitos que
em si envolve a quella ideia, que
deu f. surgiram pelo a palavra
a qual chama verbo mental proof,
e precisamente o log. isto, aq. a
a ideia, o pensamento f. a quella
palavra articula mente no cerebro
que representa o phenomeno da auto-
matismo, tendo a correlação que
existe entre a ideia e o movimento
correspondente. Ora, esse verbo pro-
prietário fornece por um fenomeno
psichico-physiologico, o f. o mat-
camento produz no organismo por
um phenomeno physiologico o physio-
an. Epineuro.

È niste cistă de articulară de plumb
capas de reproducie a infirmilor
prezintă sofer, un ar capas surorilor

[illegible]

1. Talora é todo e com e qualquer com excepto
an arteculach que faz um fim bndict do qual
nos servimos para nos por. nos em communica
cões mutua com o mundo exterior.

* ²⁰⁶ Em um ensaço, segundo a qualidade d'ellas, p'ra-
p'riadas ou n'as modificações mais ou menos pro-
fundas, cap'as de alterar o equilibrio de "equi-
librio de n'as funções physiológicas ou
psychicas ou physico-psychológicas. Tal qual
cam' m'ca de gu'nt com a m'ntancia e ob'eto
em m'ntamentos. D'que a palavra p'ra

applicand com caracterizante si cauze toate in
relatie a un acelu patogeneza, como anatach
patologica de in dividual, actiune sau reacti
na o muma com individuo f mada can ele
guant applicamus as substantias mult' canu difer.

2º humos n'fuir, f. a palora roborate aspectu
constitue un modum agente therapeutic
por conseguinte un 3º legar un real mada
dentor das substantias mult' canu difer.

4º legar a tentativa a verificaciã n
a) se facto applicand agant a princiu
da similitudo n' m'itudo o corpura, b) se
tella p'bmaz faze uso para decalbre a se
patogeneza de substantias mult' canu difer
propinqua as au applicand as un f.
o p'ncipio o opusculo am n' m'itudo de effe
tantes t'nto continemur la acciõ m'
dicamur de substantie un gustu.

Sobre as tritunacões e as atenuações etc.

1) Sobre as atenuações ou
para a colusão, para facilitar (uma segundã o m'
dicamur), a acciã de affiniãde.

2) Se houve atenuações ou menor actiõ de f. e de alho,
por f. ra acciã de affiniãde nas b'xas e atenuações
se acciãde entre as moleculas, ou alho p'ncipio, entre
os atomos de moleculas. Aquella para a m'itudo
de m'itudo a molecula mult' canu difer actiã de atenu
na b'xas aindã ha substantia 'etherogenea f.
por m'itudo segundã a m'itudo affiniãde, na alho
se ha a atomos mult' canu difer un gustu
gustu, ou segundã as m'itudo de f. e de alho entre
m'itudo de affiniãde.

3) Na atenuação, como na tritunacão na acciã
chemica, a m'itudo structura molecular na f.
abingit, ap'nta p'ntante m'itudo na f. contine
epi' propriamente dita e' chemica, mas ha m'
m'itudo misturas, m'itudo unbon in celto caso,
se ha p'ntamentos f. caracterizantes de acciã
chemicas, como ab'ntamento de superlatiõ
vireu n' m'itudo, de. In tais casos as misturas b'nt
o nome de misturas chemicas, toly e alho
m'itudo electros mechanicas. In tal m'itudo
f. m'itudo atenuacõ, sempre com a acciã de
microscopio de p'ncipio as particulas flectu
de p'ncipio.

4) A tritunacão, como a tritunacão ha por f. de ag
gã as moleculas, para f. p'ncipio acciã de m'itudo
affiniãde entre si f. com os elementos de corpura
formand novas comp'ntas diff'ntes de orige
e com propriãde, differentes. O atomo mult' canu difer
p'nta a m'itudo m'itudo propriãde, e na molecula ha m'itudo
t'nto a molecula m'itudo a atomo ab'nt, ou m'itudo
se ab'nt (moleculas) ha m'itudo propriãde.

5) P'nta f. p'ncipio de p'ncipio para m'itudo flectiãde f.
p'nta ha a chemica de corpura, a de moleculas
e os atomos, unbon f. de m'itudo a cohesiã de f. f.
os elementos de un corpura, a affiniãde exerce a
m'itudo entre os elementos ou atomo; a
m'itudo molecular, unbon f. nota a cohesiã de
moleculas de corpura, m'itudo a affiniãde exerce
a m'itudo entre as moleculas de m'itudo
corpura ou entre as de atomo, a atomica, em
gustu f. nota a cohesiã entre os atomos
de moleculas, a affiniãde exerce a m'itudo
acc'nt entre os m'itudo atomos de molecula
ou entre as de atomo moleculas.
os atomos utro para as moleculas, como
as moleculas utro para as corpuras simples
ou comp'ntas, e as electros utro para
os atomos ap'nta como os atomos, utro para
as moleculas. O atomo e' a parte phisica
m'itudo in m'itudo, o electro e' a parte chemica
de m'itudo.

a chimica de atoma e' a mais fructifera, por q. e
 um atomo q. reside a cada de ou de membranas
 de moleculas e dos corpos. Def. se ja formado
 e renovado. Certo q. elle se por a' e' sufficiente
 para se definir, poro posto a nio e' um corpo
 natural q. tende continuamente a trans-
 formar se emmetallus nuno. Os quantida-
 de q.ualidade chimicas para constatarem
 q.ue an aq.uelle corpo. esta aq.uelle
 substancia. Se a atomo ha actividade pro-
 pria e tute a q. nio ha actividade
 propria recbe de atomo, que separa de
 para os q.uals. Alu dize q.ue os
 ag.ueprantes no atomo activo e strinat
 contribue para dar a natureza de
 substancias. O atomo activo merra m
 si q.ue proprio de q. em chamaria archi-
 tetonica, como a cellula mra merra
 em si a propriedade plasmatica
 sub a influencia de primario princio
 uappio a atomo activo merra
 em si mra mra mra mra mra
 a propriedade architectonica sub
 a primario mra princio v
 atomo activo.

As atomoas q.ue nio de
 qual de visco chegam ao seu mra
 de actividade. Nio camu se mra
 longe, poro mra se em um mra
 diminui mra de mra de
 de actividade. Nio mra *

[Faint, mostly illegible handwriting on the right page, possibly bleed-through or a second draft.]